UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdades de ciências
Campus de Bauru
Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência

Paula Santos Orofino

CONCEPÇÕES DE EDUCADORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA ASSOCIADAS AO PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO E À IDEOLOGIA DE GÊNERO

Bauru/SP
2018

Paula Santos Orofino

CONCEPÇÕES DE EDUCADORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA ASSOCIADAS AO PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO E À IDEOLOGIA DE GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação para a Ciência, sob a orientação da Profa. Dra. Alice Assis.

Bauru/SP
2018

Orofino, Paula Santos.
Concepções de educadores da área de ciências da natureza associadas ao Programa Escola sem Partido e à Ideologia de Gênero / Paula Santos Orofino, 2018
154 f.

Orientadora: Alice Assis

Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

1. Questões de Gênero. 2. Carreiras Científicas. 3. Programa Escola sem Partido. 4. Concepções dos Professores. 5. Pedagogia Freireana. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

Faculdade de Ciências

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PAULA SANTOS OROFINO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 17 dias do mês de fevereiro do ano de 2018, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ALICE ASSIS - Orientador(a) do(a) Departamento de Física e Química / Faculdade de Engenharia - UNESP/Guaratinguetá, Prof. Dr. HAMILTON PEREZ SOARES CORRÊA do(a) Instituto de Física / Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, Prof. Dr. JAIR LOPES JUNIOR do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de PAULA SANTOS OROFINO, intitulada **"CONCEPÇÕES DE EDUCADORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA ASSOCIADAS AO PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO E À IDEOLOGIA DE GÊNERO"**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ALICE ASSIS

Hamilton Perez Soares Corrêa

Prof. Dr. HAMILTON PEREZ SOARES CORRÊA

Prof. Dr. JAIR LOPES JUNIOR

Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas mudam o mundo.
(Paulo Freire)

OROFINO, P. S. *Concepções de educadores da área de ciências da natureza associadas ao Programa Escola sem Partido e à Ideologia de Gênero*. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2018.

RESUMO

As questões de gênero estão presentes de forma direta e indireta nas relações que a sociedade institui e que direcionam os papéis pré-estabelecidos da mulher e/ou do homem, podendo reproduzir desigualdades na vida pessoal e profissional entre os dois. As ciências sociais definem gênero como uma construção social do sexo anatômico e produto da realidade social, ou seja, baseia-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a maneira de ser homem ou mulher é realizada pela cultura independente da anatomia de seus corpos. O ambiente escolar pode ser um meio de reprodução de diferenças sociais e imposição de padrões culturais relacionados às questões de gênero, em que educadores e educadoras podem reforçar preconceitos e estereótipos de gênero. É possível observar que as questões de gênero incidem no interesse entre meninos e meninas por carreiras científicas e tecnológicas. Há uma discussão referente a esse tema e que condiz com o Movimento do Programa Escola sem Partido, o qual se faz presente em projetos de leis estaduais e municipais no Brasil e que dispõe sobre a sua inclusão no sistema educacional de ensino. Entre vários pressupostos, o movimento veta a aplicação dos postulados da Teoria ou Ideologia de Gênero. Nessa perspectiva, esta pesquisa tem por objetivo identificar as concepções de educadores da área de Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química), de uma rede estadual de ensino, a respeito do Programa Escola sem Partido e das questões de gênero no que condiz com a presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas. Para fundamentar a análise, esta pesquisa utiliza como referencial teórico as ideias de Paulo Freire presentes em sua obra “Pedagogia do Oprimido”. A constituição dos dados é formada por questionários e entrevistas semi-estruturadas e a análise dos dados utiliza como referência a Análise de Conteúdo Categorial proposta por Laurence Bardin. Os resultados mostram que as concepções dos educadores a respeito do Programa Escola sem Partido apresentam a força da falsa dicotomia expressa pelo programa: a existência de uma escola “com” partido. Essas concepções são baseadas em argumentações contraditórias e não corroboram com a própria Natureza da Ciência e com as pesquisas do ensino de ciências que objetivam formar cidadãos autônomos e críticos. Com relação às questões de gênero, muitos desses educadores não compreendem o gênero como uma construção social do sexo anatômico e produto da realidade social, porém reconhecem que, atualmente, há uma maior atuação das mulheres no meio científico, embora já tenham presenciado situações que representam as dificuldades que as mulheres têm com relação à discriminação e aos preconceitos que sofrem ao se referirem à maternidade e às questões familiares, ao assédio e às carreiras pré-estabelecidas para homens e mulheres.

Palavras-chave: Questões de Gênero; Carreiras Científicas; Programa Escola sem Partido; Concepções dos Professores; Pedagogia Freireana.

OROFINO, P. S. *Conceptions of educators in the area of natural sciences associated to the Program Without School and to the Ideology of Gender*. 2018. 154 f. Dissertation (Master in Science Education). Faculty of Sciences, UNESP, Bauru, 2018.

ABSTRACT

Gender issues are present in a direct and indirect way in the relations established by society and that direct the pre-established roles of women and / or men and can reproduce inequalities in personal and professional life between the two. The social sciences define gender as a social construction of the anatomical sex and product of social reality, that is, it is based on the reasoning that there are males and females in the human species, but the way of being male or female is realized by the culture independent of anatomy of their bodies. The school environment can be a means of reproducing social differences and imposing cultural patterns related to gender issues, in which educators can reinforce gender biases and stereotypes. It is possible to observe that gender issues focus on the interest between boys and girls for scientific and technological careers. There is a discussion regarding this theme and that is in line with the Movement of the School without the Party Program, which is present in projects of state and municipal laws in Brazil and that provides for their inclusion in the educational system of education. Among several assumptions, the movement vetoes the application of the postulates of the Theory or Ideology of Gender. In this perspective, this research aims to identify the conceptions of educators in the area of Natural Sciences (Biology, Physics and Chemistry) of a state education network regarding the School without the Party Program and the gender issues in that it matches the presence of women in scientific and technological careers. In order to base the analysis, this research uses as theoretical reference the ideas of Paulo Freire present in his work "Pedagogy of the Oppressed". Data collection consists of questionnaires and semi-structured interviews and data analysis uses the Categorical Content Analysis proposed by Laurence Bardin. The results show that the educators' conceptions of the Non-Party School Program show the strength of the false dichotomy expressed by the program: the existence of a "with" school. These conceptions are based on contradictory arguments and do not corroborate with the very Nature of Science and with the researches of science teaching that aim to form autonomous and critical citizens. Regarding gender issues, many of these educators do not understand gender as a social construct of anatomical sex and a product of social reality, but recognize that there is now a greater role for women in science, although they have already witnessed situations that represent the difficulties women face in relation to discrimination and the prejudices they suffer when they refer to motherhood and family issues, harassment and the pre-established careers for men and women.

Keywords: Gender Issues; Scientific Careers; School Program without a Party; Teaching Concepts; Freirean Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Projetos de Lei do Programa Escola sem Partido no Brasil 21

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de educadores em relação ao sexo e a disciplina que lecionam 46

Gráfico 2 - Número de educadores em relação à formação acadêmica 46

Gráfico 3 - Número de educadores com relação ao tempo de atuação como docentes 47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre os educadores, o sexo, a ordem das entrevistas e as respectivas escolas onde cada um leciona 41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1. A "IDEOLOGIA DE GÊNERO" E O MOVIMENTO DO PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO 18

2. OS PRESSUPOSTOS DE PAULO FREIRE 23

3. O CONTEXTO DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA 31

4. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS 39

4.1 Constituição dos dados 39

4.2 Análise de Conteúdo 41

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 45

5.1 Os questionários 45

5.2 As entrevistas 47

5.2.1 Categoria: Programa Escola sem Partido 48

5.2.2 Categoria: Gênero 52

5.2.3 Categoria: Carreiras Científicas e Tecnológicas 55

CONSIDERAÇÕES FINAIS 60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 63

APÊNDICES 66

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos educadores 66

APÊNDICE B – Questionário respondido pelos educadores 67

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semi-estruturada 68

APÊNDICE D – Material de apoio disponibilizado aos educadores antes da entrevista 69

APÊNDICE E – Quadros sínteses que apresentam o corpus com relação a cada educador entrevistado 70

APÊNDICE F – Quadros sínteses que apresentam o corpus com relação a cada pergunta do roteiro da entrevista semi-estruturada 89

APÊNDICE G – Transcrições das entrevistas feitas com os educadores 100

ANEXOS 144

ANEXO A – Projeto de Lei Federal 144

ANEXO B – Material de apoio disponibilizado aos educadores antes da entrevista 151

B.1 – Folder: Pelo direito à igualdade de gênero na escola 151

B.2 – Folder: Programa Escola sem Partido 152

INTRODUÇÃO

As questões de gênero estão presentes de forma direta e indireta nas relações que a sociedade institui e que direcionam os papéis pré-estabelecidos da mulher ou do homem, podendo reproduzir desigualdades na vida pessoal e profissional entre os dois. Inicialmente, os pensamentos que eram relacionados à temática gênero eram vinculados à fisiologia do sexo biológico e assim era antecipada e determinada toda a trajetória que a criança iria percorrer durante a sua vida (TOREJANI; BATISTA, 2010). Numa compreensão contemporânea, as ciências sociais definem gênero como uma construção social do sexo anatômico e produto da realidade social, ou seja, baseia-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a maneira de ser homem ou mulher é realizada pela cultura independente da anatomia de seus corpos (BRASIL, 2009).

> Isto significa dizer que não há um padrão universal para comportamento sexual ou de gênero que seja considerado normal, certo, superior ou, a priori, o melhor. Somos nós, homens e mulheres, pertencentes a distintas sociedades, a diversos tempos históricos e a contextos culturais que estabelecemos modos específicos de classificação e de convivência social. Assim, o conceito de gênero pode nos ajudar a ter um olhar mais atento para determinados processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino, gerando desigualdades (BRASIL, 2009: 41).

Observa-se que as questões de gênero refletiram e ainda refletem na maneira como a sociedade classifica os atributos pessoais e o legado destinado tanto a homens quanto a mulheres no campo da religião, da política, da ciência, do lazer, da educação, dos cuidados com a saúde, da sexualidade, entre outros (BRASIL, 2009). Essa discussão se associa à dimensão sociocultural que fundamenta as diferenças de gênero por meio de dois mecanismos enfrentados pelas mulheres: o primeiro diz respeito à segregação horizontal em que, por meio da atuação da família e da escola, as mulheres são guiadas a seguir caminhos e fazer escolhas que são diferentes aos estabelecidos para os homens; e o segundo é a segregação vertical, mais conhecida como “teto de vidro”, na forma de um mecanismo social que não permite a ascensão das mulheres nas suas escolhas profissionais (OLINTO, 2011; LIMA, BRAGA, TAVARES, 2015).

No que diz respeito à presença de mulheres em carreiras científicas e tecnológicas, observa-se que há diferenças, desde a escolha dessas carreiras por parte dos meninos e das meninas, pois há um interesse maior das meninas por áreas previamente consideradas femininas, como a área de saúde (OLINTO, 2011).

É importante destacar que a definição de "carreiras científicas" corresponde à profissão de cientista, cuja formação perpassa a graduação, o mestrado e o doutorado, um processo de dez anos em média[1]. Segundo duas instituições de fomento à pesquisa, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o cientista produz o conhecimento científico, podendo estar relacionado a diversas áreas do conhecimento. As áreas do conhecimento são divididas em nove grandes áreas, sendo: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Outros[2][3].

Além disso, conforme os postos acadêmicos avançam, a participação das mulheres tende a diminuir, visto que o sistema de pesquisadores cada vez mais jovens não é favorável às mulheres, pois o seu período fértil coincide com o início da carreira científica, "(...) o que torna complexo para as mulheres acumularem as funções que desempenham na sociedade – sejam biológicas, sociais e culturais – com a demanda da vida de cientista" (LIMA, BRAGA, TAVARES, 2015).

Há pesquisas que relacionam a representação das mulheres nas carreiras científicas com as concessões de bolsas de iniciação científica, mestrado, doutorado e produtividade em pesquisa. Lima, Braga e Tavares (2015) utilizaram os dados disponíveis no CNPq para analisar a concessão de bolsas e auxílio por sexo no período de 2001 a 2014. As autoras observaram que, considerando o total de bolsas concedidas no ano de 2014, 50% foram

[1] Disponível em: <http://www.juventudect.fiocruz.br/carreiras-cientificas/profissao-cientista>. Acesso em: 29/01/2018.
[2] Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 29/01/2018.
[3] Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>. Acesso em 29/01/2018.

destinadas às mulheres e 50% aos homens. Porém, analisando esses mesmos dados por área do conhecimento, observa-se que a participação das mulheres é maior (acima de 60%) em áreas ligadas ao cuidado ou ao histórico de representatividade feminina, tais como Saúde, Humanas e Linguística, Letras e Artes e, menor (na faixa de 30%) nas áreas tecnológicas e exatas, tais como Ciências Exatas e da Terra e nas Engenharias e Computação. As mulheres representam a minoria na concessão de bolsas desde o início da carreira nas áreas em que são sub-representadas. Exemplo disso é a área da Física que, no período de 2005 a 2014, o percentual de bolsistas do sexo feminino de iniciação científica passou de aproximadamente 24% para 33%, de mestrado de 24% para 20% e de doutorado de 17% para 22%.

No que diz respeito a bolsistas de produtividade do CNPq, Guedes, Azevedo e Ferreira (2015) fizeram a análise da composição sexual por área do conhecimento no período de 2001 a 2012. Os autores consideram que esse tipo de bolsa,

> (...) na atualidade se institucionalizou como um sistema hierarquizado de posições, tipificando um perfil de excelência do que pode ser considerado uma *elite científica* - a de *especialistas e profissionais da pesquisa*, a quem se reconhece a liderança na condução das atividades de C&T [Ciência e Tecnologia] no país e se contempla com recursos materiais e simbólicos que lhes são exclusivos (GUEDES; AZEVEDO; FERREIRA, 2015).

Segundo esses autores, no período de 2001 a 2012, a participação das mulheres como bolsistas de produtividade do CNPq passou de 19,1% para 23,3% na área de Ciências Exatas e da Terra e, considerando as suas subáreas, observa-se que algumas são marcadamente masculinas, como é o caso da Astronomia, Ciência da Computação, Física, Geociências e Matemática, enquanto houve um bom crescimento da presença feminina na Química e na Probabilidade e Estatística. Na área de Engenharias, compreendida como um reduto tradicionalmente masculino, a participação das mulheres passou de 14% para 18,8%.

Na área de Ciências Biológicas, a porcentagem aumentou e é bem próxima a ambos os sexos, passando de 44% para 46,1% a participação das mulheres. Há muitas subáreas que são historicamente femininas e ligadas a trabalhos de cuidado na área de Ciências da Saúde, como a Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Nutrição,

sendo a Medicina, a Odontologia e a Educação Física, campos historicamente masculinos. Nessa área, a participação das mulheres como bolsistas de produtividade do CNPq passou de 45,4% em 2001 para 51% em 2012. Na área de Ciências Agrárias, também compreendida como um tradicional reduto masculino, a porcentagem de bolsistas mulheres passou de 16,1% para 22,1%.

Há um equilíbrio na área de Ciências Humanas, em que a representatividade das mulheres como bolsistas passou de 52,5% para 50,6% no período analisado. Porém, vale destacar que a subárea de Educação é desproporcional comparada às outras subáreas, com um total de 62,7% de bolsas destinadas a pesquisadoras mulheres, o que pode sugerir falsamente uma feminização dessa área. Na área de Ciências Sociais Aplicadas, a porcentagem de mulheres bolsistas se manteve em 40%. Por fim, o histórico nicho feminino, na área de Linguística, Letras e Artes, passou de 67,9% para 63,3% de mulheres bolsistas de produtividade do CNPq nesse período.

É possível constatar que, dentro das carreiras científicas, há uma discrepância especialmente quando se observa a porcentagem de mulheres na física, uma subárea da grande área do conhecimento de Ciências Exatas e da Terra (SAITOVITCH, et al; 2015). Segundo Agrello e Garg (2009), a física é uma área dentre todas as ciências em que o número de mulheres tem aumentado de forma particularmente lenta, pois, mesmo que se tenham muitas jovens com grande potencial intelectual, elas não têm a oportunidade de estudar física ou são deliberadamente desencorajadas. Dessa forma, os autores constataram que em quase todos os países a porcentagem de mulheres na física decresce a cada etapa da carreira acadêmica e em cada nível de promoção no exercício profissional. Para conhecimento, além dos dados apresentados, há o relatório "*Gender in the Global Research Landscape*"[4] , publicado no ano de 2017 pela editora holandesa Elsevier, que relaciona a produção científica de 27 áreas de conhecimento entre homens e mulheres em 11 países.

Diante disso, Agrello e Garg (2009) defendem que para mais mulheres optarem por carreira em física é preciso mais professoras mulheres para que sirvam como modelo para encorajar o maior número de jovens garotas a

[4] Disponível em: <https://www.elsevier.com/research-intelligence/campaigns/gender-17>. Acesso em: 20/12/2017.

escolher as carreiras científicas, em particular a física. Heerdt e Batista (2016) destacam que os aspectos relacionados à Natureza da Ciência precisam ser explicitados e contextualizados nos processos formativos, para que, com base numa perspectiva de um saber situado feminino, os docentes possam perceber as intrínsecas relações entre a construção do conhecimento científico e as questões de gênero naturalizadas.

Nos últimos anos, houve algumas ações com o objetivo estimular o interesse e a participação de mulheres por carreiras científicas. O Programa Mulher e Ciência[5], com parceria da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério da Educação (MEC), dentre outros, tinha o Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero[6], sendo a última edição em 2015. Consistia em um concurso de redações, artigos científicos e projetos pedagógicos, associado ao tema questões de gênero. Há também o Programa *L'Oréal-UNESCO For Women in Science*, dedicado a mulheres cientistas do mundo que anualmente patrocina o Prêmio Para Mulheres na Ciência[7].

Heerdt e Batista (2016) apontam para a importância de se lembrar da escola como meio de reprodução de diferenças sociais e imposição de padrões culturais, pois as pesquisas na área de Educação e Educação Científica relatam que, embora os alunos frequentem a escola, participem das mesmas atividades escolares ou partilhem a mesma sala de aula para uma educação que proporcione oportunidades iguais, ainda são presentes práticas pedagógicas que reproduzem as desigualdades e fortalecem a discriminação.

Em relação ao ensino de ciências, Lima Júnior et. al. (2008) propuseram diretrizes que objetivam produzir entre meninos e meninas graus mais equilibrados de interesse e participação, tais como: enfatizar as relações entre o tema em estudo e as experiências anteriores dos alunos, principalmente aquelas ligadas à manutenção da vida e ao bem-estar das pessoas; evitar abordagens didáticas excessivamente abstratas e dar preferência àquelas que integram teoria e atividade prática, deixando claros os desdobramentos do

[5] Disponível em: <http://cnpq.br/apresentacao-mulher-e-ciencia/>. Acesso em: 03/12/2017.
[6] Disponível em: <http://www.igualdadedegenero.cnpq.br/igualdade.html>. Acesso em: 03/12/2017.
[7] Disponível em: <https://www.paramulheresnaciencia.com.br/>. Acesso em: 03/12/2017.

tema na realidade fora da sala de aula; evitar a aprendizagem algorítmica ou por memorização, proporcionando oportunidades para que os estudantes relacionem o tema em estudo às suas ideias e experiências anteriores da forma mais profunda e completa possível; e, por fim, proporcionar que o ambiente dentro e fora da sala de aula seja essencialmente colaborativo, instituindo espaços para trocas de experiência e contatos mais pessoais entre os estudantes e deles com relação aos professores.

No ambiente escolar, os educadores e educadoras possuem a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero se não estiverem atentos, ou caso tenham pouca atuação reflexiva sobre as classificações morais existentes entre atributos masculinos e femininos (BRASIL, 2009). Ao considerar que as relações de gênero são socialmente construídas na família, na escola, na rua, na mídia, entre outros, entende-se que essas convenções sociais podem ser discutidas, criticadas, questionadas e modificadas com o intuito de buscar uma equidade social entre homens e mulheres em relação aos direitos sociais, políticos e civis (BRASIL, 2009).

Em instância federal, houve uma discussão referente a esse tema associada ao Projeto de Lei do Senado nº193 de 2016, o qual dispunha sobre a inclusão do "Programa Escola sem Partido" entre as diretrizes e bases da Educação Nacional. Esse programa veta a aplicação dos postulados da "Teoria ou Ideologia de Gênero", entre outros aspectos, conforme o parágrafo único do segundo artigo:

> O Poder Público não se imiscuirá na opção sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer, precipitar ou direcionar o natural amadurecimento e desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da **teoria ou ideologia de gênero** (Projeto de Lei do Senado nº193 de 2016, grifo nosso).

Observe que, no trecho do projeto de lei, há referência à "Teoria ou Ideologia de Gênero", a qual não possui uma definição objetiva, mas, em relação aos movimentos do Programa Escola sem Partido[8], há referência à exposição de conteúdos em disciplina obrigatória que estejam em conflito com as convicções morais dos estudantes ou de seus pais, com o pretexto de "construir uma sociedade mais justa" ou de "combater o preconceito" e de que

[8] Disponível em: <http://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em 10/11/2017.

os professores estejam “fazendo a cabeça” dos alunos sobre questões de natureza político-partidária, ideológica e moral.

Em relação às questões de gênero e às escolhas por carreiras científicas, essa argumentação que embasa o programa soa como forma de explicitar que as escolhas e as oportunidades não são ditadas pelos estereótipos e papéis pré-estabelecidos pela sociedade. Nesse sentido, alguns pesquisadores destacam que não há mais homens na ciência e em carreiras afins porque eles superam as mulheres em qualquer aspecto, mas porque as instituições em que ocorre a educação científica funcionam de maneira a facilitar a entrada dos homens e dificultar o acesso das mulheres (LIMA JÚNIOR et. al; 2008).

Esse projeto de lei em âmbito federal foi retirado pelo autor, o senador Magno Malta, em 21 de novembro de 2017, porém, outros projetos com o mesmo teor continuam em tramitação em vários municípios e estados do Brasil, o que demonstra o crescimento da influência do Programa Escola sem Partido nas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais do país.

Ao compreender que a escola faz parte do processo de socialização do indivíduo, entende-se a importância de que a discussão relacionada às relações de gênero esteja presente também no ambiente escolar. Segundo Torejani e Batista (2010), a missão da escola está muito além de transmitir e produzir conhecimentos, pois ela também molda sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero e de classe por meio de relação de desigualdades.

> Cabe a todos os integrantes do contexto escolar a busca formas de intervenções mais viáveis e próximas, para romper com as desigualdades presentes, mesmo no que é considerado “natural”, de modo que auxiliem os alunos – sujeitos principais da educação – em suas construções, sobretudo nas de gênero, respaldados pela educação científica (TOREJANI; BATISTA, 2010).

Nessa perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa é identificar as concepções dos educadores da área de Ciências da Natureza, no caso, educadores de Biologia, Física e Química, de uma rede estadual de ensino, a respeito do “Programa Escola sem Partido” e dos projetos de lei a ele associado, os quais dispõem sobre a sua inclusão nas diretrizes e bases da educação nacional, estadual e municipal, com ênfase ao que se refere à “Ideologia de Gênero”.

Mediante essas considerações, busca-se responder às seguintes questões: Quais as concepções desses educadores a respeito de questões de gênero e da presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas? Os educadores, sujeitos desta pesquisa, apreciam o Programa Escola sem Partido e reconhecem a prática desse programa nas escolas estaduais em que lecionam? Como a adoção do “Programa Escola sem Partido” pode afetar o ensino de ciências na educação básica e as discussões relacionadas às questões de gênero?

Para tanto, no primeiro capítulo serão apresentados o Programa Escola sem Partido e as discussões referentes à “Ideologia de Gênero”. No segundo capítulo, serão abordadas as ideias que embasam a análise desta pesquisa e que estão presentes na obra “Pedagogia do Oprimido” (2015), de Paulo Freire. No terceiro capítulo será abordado o contexto desta pesquisa no âmbito da Educação em Ciência na educação básica. A metodologia desta pesquisa será descrita no quarto capítulo, de forma a apresentar a constituição dos dados e a técnica de análise de dados utilizada, no caso, a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1988). Por fim, no quinto capítulo, será apresentada a análise e a discussão dos resultados.

1. A “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E O MOVIMENTO DO PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO

O movimento do Programa Escola sem Partido teve início em 2004, elaborado pelo procurador do estado de São Paulo, Miguel Nagib. O movimento possui uma página da internet[9] e ganhou maior destaque em 2014 por meio de projetos de lei federal, estaduais e municipais. O movimento se apresenta como “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior” [10].

> A proposta foi apresentada em forma de projeto pela primeira vez no Estado do Rio de Janeiro, pelo deputado Flávio Bolsonaro. A segunda vez foi no Município do Rio de Janeiro, pelo vereador Carlos Bolsonaro – ambos filhos do deputado federal Jair Bolsonaro. E tal proposta já se espalhou por diversas câmaras municipais e assembleias legislativas. Em âmbito nacional, o deputado Izalci (PSDB/DF) apresentou o PL 867/2015 à Câmara Federal, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (MANHAS, 2016, p. 20).

Há modelos de anteprojetos de lei federal, estadual e municipal no site[11] para o uso daqueles que queiram propô-lo à câmara dos deputados e vereadores. O movimento possui uma notificação extrajudicial para uso de estudantes e pais que queiram notificar extrajudicialmente o professor que tenha “abusado da liberdade de ensinar”, criando assim um sistema de denúncias de professores (XIMENES, 2016, p. 52). Os projetos de lei também preveem a afixação de um cartaz nas salas de aula e na sala dos professores que explicitem os “deveres dos professores”. Com base nesses pressupostos, o projeto de lei tem recebido várias críticas, sendo reconhecido como “Lei da Mordaça” (ALGEBAILE, 2017, p. 71).

O Programa Escola sem Partido se propõe a combater um problema grave do sistema educacional dos últimos 20 ou 30 anos, o que segundo o movimento seria a instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários, considerando a existência de uma “Escola com Partido”. Segundo o movimento, os professores e autores de livros didáticos têm se aproveitado da audiência cativa dos estudantes para doutriná-los conforme determinadas

[9] Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 10/11/2017.
[10] Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/sobre-nos-footer>. Acesso em: 10/11/2017.
[11] Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em 10/11/2017.

correntes políticas e ideológicas, assim como fazê-los aderir a padrões de julgamento e de moral que não são compatíveis com os ensinados por seus pais ou responsáveis (XIMENES, 2016, p. 50).

Em contraponto, segundo Penna (2017), o Programa Escola sem Partido possui quatro características que dizem respeito ao fenômeno educacional: uma concepção de escolarização; uma desqualificação do professor; o uso de estratégias discursivas fascistas; e a defesa do poder total dos pais sobre os seus filhos.

Na concepção de escolarização do movimento, o professor não é educador, ou seja,

> O ato de educar seria responsabilidade da família e da religião, então o professor teria que se limitar a instruir, o que no discurso do Programa Escola sem Partido equivale a transmitir conhecimento neutro, sem mobilizar valores e sem discutir a realidade do aluno (PENNA, 2017, p. 36).

A desvalorização do professor se baseia na lógica de que, na educação, há uma prestação de serviço por parte do professor para o aluno, de modo que nenhum pai deve confiar no professor. Um detalhe importante é que o precursor do movimento, Miguel Nagib, afirma que os projetos de lei são baseados no Código de Defesa do Consumidor, reafirmando a lógica de mercado atrelada à educação (PENNA, 2017, p. 39).

No que diz respeito ao uso de estratégias discursivas fascistas, o movimento entende que os professores, com o pretexto de transmitir aos alunos uma visão crítica da realidade, são “(...) um exército organizado de militantes travestidos de professores [que] prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo” (PENNA, 2017, p. 42).

Por fim, a defesa do poder total dos pais sobre os filhos se baseia na proposição de que “(...) os professores estariam usurpando a autoridade moral dos pais (PENNA, 2017, p. 44). Assim, os professores estariam proibidos de abordar conteúdos ou realizar atividades que estejam em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes (MANHAS, 2016, p. 20).

Há uma discussão referente ao que o Programa Escola sem Partido chama de “Ideologia de Gênero”. Observa-se que em nenhum dos modelos

dos projetos de lei há a definição desse termo, mas, com base nos sites e nas entrevistas a respeito do movimento, a “Ideologia de Gênero” seria “(...) uma ideologia antifamília, uma tentativa de transformar os jovens em gays e lésbicas, um ataque à família” (PENNA, 2017, p. 45), ou ainda, “Este termo foi criado por grupos que tentam desqualificar e, até mesmo, demonizar o trabalho com a questão de gênero nas salas de aula” (PENNA, 2016, p. 99).

> Estes movimentos afirmam que a “ideologia de gênero” teria como meta incentivar os alunos a abandonar a religião e incentivá-los a fazer sexo. Discutir gênero não é isso. É problematizar a violência doméstica. É trazer para a sala de aula a representação de famílias de diferentes configurações. É permitir que as pessoas de diferentes orientações sexuais se percebam representadas, e não silenciadas, no conhecimento produzido nas escolas (PENNA, 2016, p. 99).

Essa expressão tem sido utilizada de forma tendenciosa e pejorativa para identificar “(...) pesquisas, práticas e debates que problematizem as relações de poder hierárquicas ou de opressão entre os gêneros, a heteronormatividade compulsória dos espaços escolares e a LGBTfobia presentes em nossa sociedade” (MATTOS, et. al; 2017, p. 94).

Observe que discutir a questão de gênero, além do exposto, é também abordar as relações entre os gêneros, homem e mulher, de forma a problematizar os papéis pré-estabelecidos pela sociedade e, no que diz respeito à presente pesquisa, é promover um ambiente de diálogo que estimule as mulheres a seguirem cada vez mais as carreiras científicas e tecnológicas em áreas que a ciência ainda é masculina ou que os homens possuem maior prestígio.

Segundo Manhas (2016), o movimento criou uma entidade para recorrer à justiça em casos que julgasse relevantes, a “Associação Escola sem Partido”. O programa encabeçou diversas ações, tais como: a exclusão de todas as metas relativas ao combate à desigualdade de gênero do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014; uma ação contra o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em relação ao tema da redação do Enem de 2015 sobre a violência contra as mulheres, assim como a acusação de abuso de autoridade e ato de improbidade administrativa contra o presidente do INEP devido à nulidade da redação do candidato que utilizasse afirmações que desrespeitassem os direitos humanos, conforme previsto no edital do

Enem; e a crítica à proposta da Base Curricular Nacional Comum por ter em seu texto a questão de gênero.

Prevista de forma equivocada pelo movimento do Programa Escola sem Partido, a neutralidade:

> (...) não é um valor constitucional, já que é incompatível com a própria definição de Estado Democrático de Direito, que tem o estabelecimento de objetivo políticos, como “construir uma sociedade livre, justa e solidária” e “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Constituição, art. 3º) (XIMENES, 2016, p. 52).

Sendo assim, para uma educação escolar neutra não seriam permitidas discussões em relação aos direitos humanos, à discriminação racial, aos direitos das mulheres, entre outros, perpetuando assim, a cultura atual discriminatória, machista, misógina, “homolesbotransfóbicas”, racista e insensível às injustiças econômicas (XIMENES, 2016, p. 55).

Observa-se que o movimento do Programa “Escola sem Partido” tem se fortalecido em todo o território brasileiro, conforme representado na Figura 1, onde as marcações em azul, amarelo e roxo representam, respectivamente, os Projetos de Lei do Programa Escola sem Partido nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Figura 1 – Projetos de Lei do Programa Escola sem Partido no Brasil[12]

[12] Disponível em: <https://pesquisandooesp.wordpress.com/mapa-dos-projetos/>. Acesso em: 03/12/2017.

Segundo Cara (2016, p.47), se esses Projetos de Lei do Programa Escola sem Partido forem aprovados, o Brasil terá “(...) uma escola sem voz, sem liberdade, sem divergências, sem cidadania, sem questionamento, sem reflexão, sem política, sem economia, sem artes, sem apropriação de cultura, ou seja, uma escola sem educação!”.

Nessa perspectiva, compreende-se o Programa Escola sem Partido como um mecanismo de opressão, segundo os pressupostos de Freire (2015), em que os educadores e educandos serão oprimidos, visto que não poderão atender a sua vocação histórica e ontológica de “ser mais”. Nessa perspectiva, entende-se que ao invés de estabelecer uma educação dialógica, por meio da práxis, o Programa Escola sem Partido se utiliza da teoria da ação antidialógica.

2. OS PRESSUPOSTOS DE PAULO FREIRE

Neste capítulo, serão abordadas as ideias que embasam a análise desta pesquisa e que estão presentes na obra “Pedagogia do Oprimido” (2015), de Paulo Freire.

Segundo Freire (2015), a Pedagogia do Oprimido se apresenta como a “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (p. 43). É uma pedagogia forjada com os oprimidos para a luta incessante da recuperação de sua humanidade.

A humanização e a desumanização dos homens são possibilidades de uma sociedade que abriga a contradição opressores-oprimidos. Segundo Freire (2015), somente a humanização é a vocação dos homens, a qual é negada na injustiça, na exploração e na opressão, mas afirmada no anseio de liberdade, justiça e na luta pela recuperação da humanidade roubada dos oprimidos. A desumanização é presente tanto nos oprimidos quanto nos opressores, como distorção do ser mais na história e não como vocação histórica ou destino dado, sendo possível haver a luta pela humanização e a superação da contradição opressores-oprimidos.

A Pedagogia do Oprimido possui dois momentos distintos, a saber: o desvelamento da opressão e o comprometimento com a práxis, definida como “(...) reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2015, p.52), e o processo em que a pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser dos homens.

Na situação concreta de opressão, opressores e oprimidos possuem cada qual uma compreensão de mundo e dos homens. Os opressores consideram-se pessoas humanas, enquanto os outros são “coisas” e, por assim serem definidos, a luta por sua humanidade é apresentada como subversão. Com a concepção estritamente materialista da existência, a ânsia incontrolável de posse e o constante controle dos oprimidos, os opressores praticam a falsa generosidade quando pretendem amenizar o seu poder diante da fragilidade daqueles que oprimem. A falsa generosidade só é possível

diante da existência dos oprimidos e da permanência da injustiça, nutrindo-se da morte, do desalento e da miséria.

Os oprimidos, por sua vez, possuem uma dualidade existencial, sendo eles mesmos e o outro simultaneamente. Ou seja, no oprimido também habita o opressor, cuja sombra ele internaliza e assim assume atitudes fatalistas. A exemplo disso, o fatalismo refere-se ao destino em que a consciência oprimida encontra no sofrimento a sua sina ou até mesmo a vontade de Deus.

> Na “imersão” em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a “ordem” que serve aos opressores que, de certa forma, “vivem” neles. “Ordem” que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros. É possível que, ao agirem assim, mais uma vez explicitem sua dualidade. Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também “hospedado” neles e nos outros. Agridem, como opressores, o opressor nos oprimidos (FREIRE, 2015, p. 68).

Nessa dualidade existencial dos oprimidos há uma irresistível atração pelo opressor, de modo que os primeiros aspiram parecer com o segundo e anseiam possuir o seu padrão de vida. São dependentes emocionais dos opressores na medida em que absorvem a autodesvalia, internalizando a visão que os opressores possuem deles. Dessa forma, se convencem que são incapazes de tanto ouvirem que não sabem nada, que são indolentes e que, por essa razão, devem escutar o “doutor” identificado por eles como aquele que sabe. A alienação e a não consciência de seu estado de opressão resultam na sua conivência com o regime opressor, aceitando de forma fatalista a sua exploração e assumindo posições passivas. A mediação entre opressores e oprimidos é a alienante prescrição, definida como a imposição da opção de uma consciência à outra.

No processo de superação da contradição opressores-oprimidos, há o medo da liberdade, sendo esse de caráter diferente para cada um desses sujeitos. O opressor tem medo de perder a liberdade de oprimir, enquanto o oprimido pode se tornar o que Freire (2015) define como oprimido opressor, o que ocorreu, por exemplo, com alguns camponeses que ao serem promovidos a capatazes, tornam-se mais duros opressores com seus antigos companheiros do que o próprio patrão. Os oprimidos também temem a liberdade “(...) na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos

companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões" (FREIRE, 2015, p.47).

A superação da contradição opressores-oprimidos ocorre por meio do engajamento dos oprimidos na luta pela liberdade e pela sua entrega à práxis libertadora. É importante destacar que os homens se libertam em comunhão.

> Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2015, p. 41).

Nessa liberdade em comunhão, há a superação da conivência do regime opressor e a conscientização dos oprimidos em relação à opressão. A liderança revolucionária que se estabelece na luta pela liberdade não deve lutar pelos oprimidos e sim lutar com os oprimidos, tomando alguns cuidados para que a luta não se transforme em puro ativismo ou que os oprimidos acabem se tornando um engodo populista e massa de manobra. A liderança revolucionária precisa crer nos homens oprimidos. Nessa luta, é preciso que os oprimidos se reconheçam como homens com vocação para ser mais.

> A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de "coisas". Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros (FREIRE, 2015, p. 74).

A educação bancária reflete essa sociedade opressora, pois as relações educador-educandos são fundamentalmente narradoras e dissertadoras na medida em que o educador é o narrador e os educandos são objetos pacientes e ouvintes. Nessa concepção bancária de educação, a realidade é abordada como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, o que acaba por se tornar algo alheio à experiência existencial dos educandos.

A palavra é transformada em verbosidade alienada e alienante, pois é vazia da dimensão concreta da realidade diante da narração dos conteúdos feita pelo educador, uma vez que os conteúdos dessa narração são desconectados da realidade dos educandos. Assim, uma das características da

educação bancária é a “sonoridade” da palavra, pois os educandos embora a reconheçam, não compreendem o seu real significado, o que acaba por conduzi-los à memorização mecânica do conteúdo narrado pelo educador. Nessa concepção, a educação passa a ser um ato de depositar, de modo que o educador assume o papel de depositante e os educandos o papel de depositários.

> Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2015, p. 80).

De forma sucinta, na educação bancária, o educador é o que educa, sabe, pensa, diz a palavra, disciplina, opta e prescreve sua opção, atua e escolhe o conteúdo programático, enquanto os educandos são educados, os que não sabem, os pensados, os que escutam docilmente, os disciplinados, os que seguem a prescrição, os que têm a ilusão de que atuam na atuação do educador, os que jamais são ouvidos na escolha do conteúdo programático e se acomodam a ele (FREIRE, 2015, p. 82).

Essa concepção bancária de educação satisfaz somente ao interesse dos opressores, uma vez que não estimula a criticidade dos educandos e sim sua ingenuidade, amenizando ou até mesmo anulando a sua criatividade. Nessa situação, os opressores preservam-se como beneficiários e fazem a manutenção de sua falsa generosidade. Por isso que diante de qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico, os opressores reagem de forma contrária “instintivamente”, pois pensar autenticamente é perigoso, visto que os homens questionarão o mundo e não mais serão reduzidos a seres autômatos.

Ao conceber a consciência do homem como “se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que irá “enchendo” de realidade” (FREIRE, 2015, p. 87), espera-se que o educador exerça apenas o papel de disciplinar a entrada no

mundo dos educandos, fazendo depósitos do falso saber que ele considera como o verdadeiro saber.

Após apresentar os pressupostos da educação bancária e fazer a sua crítica, Freire (2015) propõe a educação problematizadora, libertadora, sendo aquela que:

> (...) se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 2015, p. 94).

A educação problematizadora é definida como um ato cognoscente – um ato de busca do saber – a qual supera a contradição educador-educandos, pois "(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa" (FREIRE, 2015, p. 95). Compreende-se que os homens se educam em comunhão na mediação com o mundo, assim os educandos passam a ser investigadores críticos em constante diálogo com o educador e vice-versa.

Com o caráter autenticamente reflexivo, a educação problematizadora busca um constante desvelamento da realidade em que educador-educando e educandos-educadores estabelecem uma forma autêntica de pensar e atuar, em "(...) um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que* e *em que* se acham" (FREIRE, 2015, p. 100). Os educandos desenvolvem a capacidade de captar e compreender o mundo por meio de uma realidade em processo de transformação.

Enquanto a educação bancária serve à dominação, inibe a criatividade, mitifica a realidade, nega aos homens a sua vocação de ser mais e dá ênfase à permanência, a educação problematizadora serve à libertação, permite a criatividade, estimula a reflexão e ação dos homens sobre a realidade, responde a sua vocação e reforça a mudança. A educação problematizadora se refaz na práxis e o fatalismo que alimenta a situação opressora "(...) cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens se sentem sujeitos" (FREIRE, 2015, p. 104).

Toda essa busca do “ser mais” se realiza em comunhão e é por isso que na educação problematizadora os educadores e educandos são sujeitos no seu processo, superando o intelectualismo alienante, o autoritarismo do educador “bancário” e a falsa consciência do mundo.

A educação problematizadora é uma educação dialógica, ou seja, a sua essência é o diálogo. Segundo Freire (2015), esse diálogo é construído por meio da palavra verdadeira e não da palavra inautêntica. Para o autor a palavra verdadeira é práxis, possuindo assim duas dimensões: ação e reflexão. É por meio da palavra verdadeira que o homem transforma o mundo e o pronuncia de forma que “O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*” (FREIRE, 2015, p. 108). Caso contrário, a palavra se define em inautêntica na medida em que não denuncia o mundo e não tem o compromisso de transformação. Portanto, a palavra na educação problematizadora deve ser verdadeira para que possibilite o diálogo entre os homens.

O comprometimento com a libertação dos oprimidos é um ato de amor mediado pelo diálogo, pois, “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2015, p. 111). Assim, o diálogo deve ser humilde e jamais arrogante, visto que aqueles que se declaram autossuficientes não caminham em comunhão com os outros em busca da liberdade, como também não estabelecem o diálogo entre si. Os homens que se encontram na situação concreta de opressão estão impossibilitados de ser mais, o que não significa que não sejam capazes e, por isso, a luta pela libertação deve basear-se na fé nos homens da sua vocação de serem mais.

> Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre os sujeitos. Por isto inexiste esta confiança na antidialogicidade da concepção “bancária” da educação (FREIRE, 2015, p. 113).

Dessa forma, é com base no diálogo que, na educação problematizadora, o conteúdo programático é escolhido, pois ele não pode ser imposto ou doado, como ocorre na educação “bancária”, e sim definido com base na realidade a ser transformada. Para a escolha do conteúdo

programático é importante que se faça uma investigação temática para estabelecer os temas geradores em meio às situações limites presentes na realidade a ser transformada. Nessa perspectiva, “A tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu” (Freire, 2015, p. 142).

Segundo Freire (2015), os homens são seres da práxis e aquele que nega a práxis verdadeira domina por meio da ação antidialógica. A conquista, a divisão, a manipulação e a invasão cultural são características do que o autor define como teoria da ação antidialógica. Nessa ação opressora, há uma constante necessidade de conquista para que se mantenha a opressão. Essa conquista tem por objetivo transformar os oprimidos em quase “coisa”, ou seja, roubar-lhes a humanidade de forma que não atendam a sua vocação de ser mais. A conquista ocorre por meio da mitificação de um mundo que os oprimidos passam a admirar e se ajustam a ele. Os opressores mantêm a alienação dos oprimidos por meio de mitos.

> O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixa-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a “civilização ocidental cristã”, que elas defendem da “barbárie materialista”. O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe, é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda que, no plano das nações, mereceu segura advertência de João XXIII. O mito de que as elites dominadoras, “no reconhecimento de seus deveres”, são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. O mito de que a rebelião do povo é um pecado contra Deus. O mito da propriedade privada, como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e o da superioridade daqueles (FREIRE, 2015, p. 188).

É com base nesses mitos e de muitos outros que os opressores mantêm a sua paz, pois permanecendo conquistados os oprimidos não sentem a necessidade de problematizar e transformar o mundo, apenas aceitam-no. Os mitos que se referem às questões de gênero são aqueles impostos socialmente e que classificam os atributos pessoais e o legado de homens e mulheres em diversos setores da sociedade (religião, política, ciência, lazer, educação, cuidados com a saúde, sexualidade, entre outros).

Outra característica da ação antidialógica é a divisão dos oprimidos para manter a opressão, pois a união dos oprimidos é sinônimo de ameaça ao domínio dos opressores na medida em que unidos "(...) poderão recriar o mundo, tornando-o mais humano" (Freire, 2015, p. 195). Além de conquistar e dividir as massas oprimidas, os opressores também utilizam da manipulação para que os oprimidos não pensem. Segundo Freire (2015), é por meio da organização crítica e da problematização da realidade que os oprimidos se defendem da manipulação dos opressores.

Por fim, a última característica da ação antidialógica é a invasão cultural. É por meio dela que os opressores adequam os oprimidos aos seus estilos de vida de modo que "Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo" (FREIRE, 2015, p. 206).

Segundo Freire (2015), a teoria da ação antidialógica é opressora e o seu contrário, a teoria da ação dialógica, é revolucionário-libertadora. Essa última tem como principais características a co-laboração, a união para a libertação, a organização e a síntese cultural. É por meio da co-laboração que os oprimidos problematizam a sua própria opressão e se encontram para transformar o mundo, ocorrendo somente por meio da comunicação, do diálogo. Em busca da libertação, os oprimidos devem prezar pela união, pois "(...) se, para dividir, é necessário manter o *eu* dominado "aderido" à realidade opressora, mitificando-a, para o esforço da união, o primeiro passo é a desmistificação da realidade" (FREIRE, 2015, p. 236). A organização deve ocorrer na ação dialógica, uma vez que os oprimidos reconhecem que a libertação é uma tarefa comum entre eles. Por fim, na síntese cultural, não há invasão e nem substituição de uma cultura pela outra e sim a sua coexistência.

3. O CONTEXTO DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA

A área de concentração de ensino de ciências possui diversas frentes de discussão, cada qual com os seus objetos de pesquisa, referenciais teóricos e metodologias, mas o que todas têm em comum é o objetivo de aprimorar o ensino de ciências, de forma a atender às especificidades de cada área e às necessidades da sociedade atual. De maneira geral, esta pesquisa se relaciona com a área de educação, visto que o Programa Escola sem Partido atinge não só o ensino de ciências, mas o ensino de outras áreas quando, entre seus pressupostos, apresenta uma tentativa clara de cerceamento das potencialidades do processo educativo. Entretanto, cabe neste momento apresentar o contexto desta pesquisa na educação em ciência, com foco na não-neutralidade do conhecimento científico, nas contribuições do ensino na perspectiva Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA) e nas questões de gênero que pairam o ensino de ciências, com o objetivo de evidenciar uma conexão entre esses elementos, o Programa Escola sem Partido e a pedagogia freireana.

Nessa perspectiva, busca-se responder com esta pesquisa às seguintes questões relacionadas ao ensino de ciências: Quais as concepções dos educadores de Biologia, Física e Química, sujeitos desta pesquisa, a respeito de questões de gênero e da presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas? Esses educadores apreciam o Programa Escola sem Partido e reconhecem a prática desse programa nas escolas estaduais em que lecionam? Como a adoção do “Programa Escola sem Partido” pode afetar o ensino de ciências na educação básica e as discussões relacionadas às questões de gênero?

Ao tratar sobre a não-neutralidade do conhecimento científico e tecnológico, é preciso compreender alguns aspectos que se relacionam à Natureza da Ciência (NC). Para Praia, Gil-Pérez, Vilches (2007), o papel da NC na educação científica está em formar para cidadania, proporcionando a participação da sociedade em discussões tecnocientíficas e preparando o indivíduo para a tomada de decisões de interesse social. Segundo esses autores, uma visão mais adequada da atividade científica e tecnológica considera alguns debates pontuais, tais como: a recusa da ideia do método

científico, pois a ciência não se desenvolve por meio de receitas exaustivas e infalíveis; a recusa de um empirismo que concebe o conhecimento como resultado da inferência indutiva de “dados puros”, pois é preciso considerar a importância dos paradigmas conceituais como início e fim do trabalho científico; a necessidade de evidenciar o papel do pensamento divergente na investigação, que se baseia em hipóteses e se apoiam em conhecimentos adquiridos e em paradigmas conceituais; a busca da coerência global, visto que o desenvolvimento científico tem a finalidade de estabelecer generalizações aplicáveis à natureza; e por fim, a compreensão do caráter social do desenvolvimento científico, pois:

> (...) o trabalho dos homens e mulheres de ciências - como qualquer outra atividade humana - não acontece à margem da sociedade em que vivem, da mesma forma que a sua acção tem uma clara influência sobre o meio físico e social em que se insere (PRAIA; GIL-PÉREZ; VILCHES, 2007).

Dessa forma, segundo Moura (2014), compreende-se que os aspectos consensuais da NC são: a ciência é mutável, dinâmica e tem como objetivo buscar explicar os fenômenos naturais; não há um método científico universal; a teoria não é consequência da observação/experimento e vice-versa; a ciência é influenciada pelo contexto social, cultural e político em que é construída; e os cientistas utilizam imaginação, crenças pessoais, influências externas, entre outros para fazer Ciência. Portanto, o conhecimento científico e tecnológico não é neutro, pois “(...) é obra humana, e como homens pertencentes a uma sociedade - com seus modelos culturais, políticos, históricos, econômicos etc.-, eles trazem à Ciência suas concepções, crenças e anseios” (MOURA, 2014).

Observe que, o Programa Escola sem Partido, ao limitar o papel do educador a apenas instrutor e transmissor de um conhecimento pretensamente neutro, sem a possibilidade de mobilizar valores e discutir a realidade do aluno, se contrapõe à NC, no que diz respeito ao ensino de ciências. Afinal, como é possível transmitir um conhecimento neutro se o próprio conhecimento científico e tecnológico não o é? É impossível estabelecer uma coerência com essa ideia, uma vez que a Ciência não é neutra, pois o conhecimento científico e tecnológico é influenciado pelo meio, ou seja, por questões que vão desde as crenças pessoais dos cientistas até questões sociais, culturais e políticas.

No que diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCN e PCN+ (BRASIL, 1999; BRASIL, 2002) da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, há orientações que objetivam desenvolver nos educandos três conjuntos de competências, sendo eles: comunicar e representar; investigar e compreender; contextualizar social ou historicamente os conhecimentos. Essas competências são as bases para formar o educando para a vida, de forma que ele saiba: se informar, comunicar-se, argumentar, compreender e agir; enfrentar problemas de diferentes naturezas; participar socialmente de forma prática e solidária; ser capaz de elaborar críticas ou propostas; e adquirir uma atitude de permanente aprendizado. Tais competências são:

> Informar e informar-se, comunicar-se, expressar-se, argumentar logicamente, aceitar ou rejeitar argumentos, manifestar preferências, apontar contradições, fazer uso adequado de diferentes nomenclaturas, códigos e meios de comunicação são competências gerais e recursos de todas as disciplinas e, por isso, devem se desenvolver no aprendizado de cada uma delas (BRASIL. MEC, 2006, p. 15).

Segundo o PCN+ (2006), a área de Ciências da Natureza compõe a cultura científica e tecnológica, resultado de evolução social e econômica que corrobora com os aspectos da NC. A proposta de contextualizar o conhecimento científico por meio de temas se relaciona com uma outra vertente do ensino de ciências: a perspectiva CTSA.

Essa perspectiva emergiu da constatação de uma crescente evolução do sistema de produção tecnológica e sua consequente participação de forma direta no cotidiano das pessoas. Isso resultou em necessárias mudanças que se baseiam na preocupação de relacionar a Ciência e a Tecnologia (C&T) com o contexto social, político e econômico, por meio da reflexão e discussão sobre a produção da tecnologia e o seu impacto sobre o planeta (FAGUNDES; et al., 2009).

> A alfabetização científica surge como objetivo de instruir a população, para uma análise crítica do desenvolvimento da C&T e suas implicações na sociedade. Para tanto, esta, busca divulgar o conhecimento científico e tecnológico para a população, além de estimular os jovens para os estudos da Ciência e da Tecnologia, associados à análise reflexiva das suas interferências na sociedade, tornando-os, assim, cidadãos participativos (ROSA; SANTANA, 2016).

Dessa forma, o ensino de ciências com enfoque CTSA busca contribuir

para a alfabetização científica, no intuito de “(...) dotar toda população de níveis mínimos de conhecimentos científicos, para poder participar democraticamente da tomada de decisões, relacionadas a essas questões” (ROSA; SANTANA, 2016). Observe que, historicamente, a Biologia, a Física e a Química correspondem às disciplinas científicas do currículo escolar, também pertencentes ao ensino de ciências, que tendem a integrar os objetivos formadores do ensino CTSA (RICARDO, 2007).

Segundo Fagundes et al. (2009), é necessário que o ensino de ciências seja mais comprometido e problematizador e, para tanto, a perspectiva CTSA deve ser trabalhada paralelamente aos conteúdos propostos, ou seja, os conteúdos e os conceitos científicos podem ser referência na construção do conhecimento. Um ponto de partida para a abordagem desses conteúdos é o de construir um cenário de aprendizagem que relacione a sociedade e o ambiente com problemas e/ou temas a serem investigados, de forma que seja necessária a mobilização de conhecimentos científicos e tecnológicos para a sua compreensão na busca de uma solução, tomada de decisão ou juízo de valor (RICARDO, 2007). Portanto, proporcionar o entendimento da realidade em que o aluno está inserido é função do ensino formal, levando em consideração questões sociais para desenvolver a cidadania (FAGUNDES; et al., 2009).

> Percebe-se, então, que o conteúdo do ensino CTS/CTSA deve estar centrado em temas de relevância social, para que essa perspectiva educacional possa manter e realizar seu propósito, que é desenvolver o senso de responsabilidade, necessários para o que temos chamado de tomada de decisão. Neste sentido, é mais que aprender a ler e escrever, é fazer uma leitura crítica do mundo em que vivem (FAGUNDES; et al., 2009).

Formar para a cidadania é preparar o indivíduo para participar de uma sociedade democrática, garantindo os seus direitos e responsabilizando-o pelos seus deveres, ou seja, “(...) educar para a cidadania é educar para a democracia” (ROSA; SANTANA, 2016). Assim, o objetivo do ensino CTSA é de formar cidadãos críticos que sejam capazes de compreender, questionar e se posicionar diante do papel desempenhado pela C&T, tornando-os mais participativos em problemas que envolvem a sociedade, por meio de discussões e debates sobre temas contemporâneos e cotidianos (FAGUNDES; et al., 2009, ROSA; SANTANA, 2016).

A perspectiva CTSA corrobora com os pressupostos da educação problematizadora, ao considerar a necessidade de se estabelecer temas geradores por meio de situações limites presentes na realidade do educando. Em ambas há a preocupação com a formação cidadã do educando, de forma que seja estimulada a sua criticidade e o seu pensar autêntico, ou seja, o educando deixa de ser autômato para questionar o mundo e a sua realidade por meio do constante diálogo entre educador-educando e educando-educador. Em contrapartida, a concepção que se tem do educando pelo Programa Escola sem Partido condiz com a estabelecida pela educação bancária, em que o educando é compreendido como uma tábula rasa que apenas recebe os "depósitos" dos educadores, o que na concepção do programa corresponde à "audiência cativa" dos estudantes. Porém, essa concepção não condiz com a realidade, tendo em vista que os educandos estão inseridos no mundo e possuem uma experiência existencial que não deve ser ignorada.

Segundo o Programa Escola sem Partido, os educadores estariam compelindo as suas próprias visões de mundo aos educandos, abusando da liberdade de cátedra e utilizando o pretexto de transmitir-lhes uma visão crítica da realidade. Esse discurso demonstra o desconhecimento de referenciais teóricos e metodológicos que baseiam o ensino de ciências, como por exemplo, o ensino na perspectiva CTSA. Anos a fio de pesquisas na área de educação para a ciência são ignorados e reduzidos a nada por uma proposta que propõe o programa entre as diretrizes e bases da Educação Nacional, atingindo também o sistema educacional em âmbito estadual e municipal, sem que exista uma mínima menção ao conhecimento científico produzido por pesquisadores e educadores da área de ensino de ciências preocupados em formar educandos que sejam cidadãos críticos capazes de compreender, questionar e se posicionar diante do papel desempenhado pela C&T.

O estudo das questões de gênero no ensino de ciências constitui um campo promissor, embora seja pouco explorado por pesquisadores brasileiros (LIMA JÚNIOR; OSTERMANN; REZENDE, 2009). Heerdt e Batista (2016) compreendem que, no processo histórico da construção do conhecimento científico, as mulheres não foram reconhecidas como sujeitos de conhecimento e como agentes nos fenômenos sociais, o que culminou na ampla invisibilidade das mulheres como sujeitos da ciência e que ainda é reforçada pela

naturalização dos papéis de gênero. Segundo as autoras,

> Deve-se ficar atento a papéis de gênero naturalizados em nossa sociedade e aos esquemas binários (homem/mulher, feio/bonito, certo/errado) e da lógica da dominação-submissão (homem dominador/mulher dominada) como forma de opressão e invisibilidade (HEERDT; BATISTA, 2016).

Para Torejani e Batista (2010), as questões de gênero e suas especificidades são retroalimentadas, reguladas e reafirmadas pela sociedade onde a escola está inserida, de forma a produzir um reflexo do contexto cultural da sociedade em que os sujeitos reproduzem atitudes de discriminação e preconceito no contexto escolar. Para as autoras, o papel da escola está em desconstruir aquilo que vem sendo considerado como natural e que atravessa os tempos, como é o caso dos mitos, tabus, estereótipos e qualquer forma de humilhação que o preconceito e a discriminação possam produzir. Dessa forma:

> Cabe a todos os integrantes do contexto escolar a busca de formas de intervenções mais viáveis e próximas, para romper com as desigualdades presentes, mesmo no que é considerado “natural”, de modo que auxiliem os alunos - sujeitos principais da educação - em suas construções, sobretudo nas de gênero, respaldados pela educação científica (TOREJANI; BATISTA, 2010).

Com base nessa perspectiva, há pesquisas que apresentam revisões de literatura que buscam uma maior compreensão das questões de gênero que pairam o ensino de ciências. Para Lima Júnior, Ostermann e Rezende (2009), a literatura indica que as meninas possuem maior familiaridade com atividades que estão relacionadas ao cuidado com as pessoas e à manutenção da vida. Segundo esses autores, um ensino de ciências que valoriza a memorização mecânica e abstrata de conceitos científicos, a falta de correlação desses conceitos com temas que dizem respeito às vidas dos educandos, o ambiente competitivo de ensino combinado com a falta de troca de experiências e contato mais íntimo entre os educandos e a falta de professoras que sirvam como exemplo da representatividade feminina na área, compromete o envolvimento de meninas com o ensino de ciências, de forma que o seu engajamento com a área de CT se torna desestimulante. Há algumas relações estabelecidas entre educadores e educandos que reforçam esse desinteresse das meninas, tais como:

> Alguns professores tendem a dar menos elogios e críticas às meninas, deixando as perguntas mais desafiadoras para os garotos; os professores tendem a perguntar a opinião dos garotos com mais frequência, aceitam suas interrupções mais prontamente e acompanham por mais tempo o que eles têm a dizer durante as aulas; também é comum que os professores de ciências ajudem as meninas fazendo por elas, enquanto, com os garotos, os mesmos professores se limitam a dar orientações esperando que os meninos encontrem seu próprio caminho (LIMA JÚNIOR; OSTERMANN; REZENDE, 2009).

Dessa forma, os educadores e a escola possuem uma parcela de responsabilidade pela baixa presença e atuação feminina nas ciências exatas ou naturais e áreas afins. Além disso, compreende-se que um dos compromissos da educação científica é atender às potencialidades de cada educando, de forma que as oportunidades relacionadas à ciência e à educação científica sejam mais equilibradas entre homens e mulheres (LIMA JÚNIOR; OSTERMANN; REZENDE, 2009).

Segundo Rezende e Ostermann (2007), além da exposição diferenciada de meninos e meninas a conjuntos de condições ambientais diferentes, desde a primeira infância, há fatores socioculturais que relacionam as questões de gênero com o ensino de ciências, como: experiências relacionadas às ciências, a transmissão de estereótipos de gênero, expectativas familiares e práticas educacionais. Com o objetivo de reduzir a discriminação relacionada ao gênero, é preciso o envolvimento de políticas públicas que estimulem a organização das mulheres no meio científico, como também se faz necessário:

> (...) estabelecer normas na sala de aula para a participação dos estudantes que estimulem a igualdade entre os sexos, adotar práticas didáticas mais igualitárias, respeitar as diferenças de estilo de aprendizagem, relacionar conceitos científicos a experiências de vida, estimular para que haja um ambiente de autoconfiança na sala de aula, prover modelos positivos de mulheres cientistas, evitar materiais didáticos que evocam estereótipos de gênero (REZENDE; OSTERMANN, 2007).

A “Ideologia de Gênero”, termo cunhado pelo Programa Escola sem Partido, identifica as pesquisas e práticas que problematizam as relações de poder hierárquicas ou de opressão entre os gêneros de forma pejorativa e tendenciosa, o que condiz com a impossibilidade de abordar as questões de gênero nas salas de aula. Conforme exposto no capítulo anterior, a “Associação Escola sem Partido” já encabeçou ações que se relacionam às

questões de gênero, tais como: a exclusão de todas as metas relativas ao combate à desigualdade de gênero do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014; uma ação contra o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em relação ao tema da redação do Enem de 2015 sobre a violência contra as mulheres; e a crítica à proposta da Base Curricular Nacional Comum por ter em seu texto a questão de gênero.

Frente ao interesse de mulheres por carreiras científicas e tecnológicas e as questões de gênero relacionadas ao ensino de ciências, considera-se de fundamental importância que essas questões sejam discutidas no contexto escolar, uma vez que o objetivo é problematizar os estereótipos de ser homem e ser mulher e os papéis pré-estabelecidos para ambos pela sociedade e promover ações de equidade entre os gêneros.

4. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e é definida como uma pesquisa exploratória, visto que possui “como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Os sujeitos desta pesquisa são os educadores da área de Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química), de oito escolas de uma rede estadual de ensino. A informação referente ao estado de realização da pesquisa foi omitida para preservar a confidencialidade da identidade dos educadores participantes.

4.1 Constituição dos dados

Os dados foram constituídos pelo questionário e pela entrevista semi-estruturada, para que sejam obtidas informações pessoais e as concepções dos educadores acerca do problema relacionado a esta pesquisa. O questionário é definido por Gil (2002, p. 114) como uma técnica de investigação que obtém informações de forma rápida e sem grandes custos, garante o anonimato daquele que o responde e é composto por um conjunto de questões que serão respondidas pelo pesquisado. Nesta pesquisa, o questionário permitirá que se conheça os educadores, no que diz respeito, por exemplo, à formação acadêmica e ao tempo de atuação docente.

A entrevista também é uma das técnicas mais utilizadas no processo de constituição de dados e para atender aos objetivos desta pesquisa foram feitas entrevistas semi-estruturadas, pois combinam perguntas abertas e fechadas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Durante a entrevista:

> O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. (BONI; QUARESMA, 2011).

Essa técnica de entrevista semi-estruturada, segundo Boni e Quaresma (2011), possui como vantagens: elasticidade quanto à duração, pois permite uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos; a interação entre o entrevistador e o entrevistado, assim favorecendo as respostas espontâneas; e a possibilidade de maior proximidade e abertura entre o entrevistador e o entrevistado, permitindo ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados.

Por meio da entrevista, busca-se identificar se os educadores reconhecem a prática do Programa Escola sem Partido nas escolas estaduais onde lecionam, como também as concepções desses educadores a respeito de questões de gênero e da presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas.

Os dados foram constituídos durante o mês de agosto e início do mês de setembro do ano de 2017. A pesquisadora foi presencialmente nas oito escolas da rede estadual de ensino e num primeiro contato conversou com os diretores e coordenadores para apresentar a pesquisa e obter a permissão para conversar com os educadores da área de Ciências da Natureza. Após esse primeiro contato, a pesquisadora fez o convite aos educadores para participarem da pesquisa, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), o qual foi assinado apenas pelos educadores que aceitaram o convite.

Antes da entrevista, foi disponibilizado aos educadores três materiais de apoio, um formulado pela pesquisadora a respeito do Projeto de Lei do Senado nº 193 de 2016 e das questões de gênero (Apêndice D) e os outros dois eram folders sobre o direito à igualdade de gênero na escola (Anexo B.1) e o Programa Escola sem Partido (Anexo B.2). O questionário respondido pelos educadores e o roteiro da entrevista semi-estruturada estão no Apêndice B e Apêndice C, respectivamente. Os educadores responderam primeiramente ao questionário e em seguida tiveram acesso aos três materiais de apoio, sendo que a maioria deles apenas folhearam os materiais e não fizeram a leitura de cada um. Por fim, os educadores foram entrevistados de forma individual, em um espaço reservado, na própria escola onde lecionam. O quadro 1 apresenta informações referentes à ordem em que os educadores foram entrevistados, assim como o sexo de cada um e a escola estadual a que pertencem.

Quadro 1 - Relação entre os educadores, o sexo, a ordem das entrevistas e as respectivas escolas onde cada um leciona.

EDUCADOR(A)	SEXO	ORDEM	ESCOLA
EMB1	Mulher	1	1
EMB2	Mulher	11	5
EMB3	Mulher	12	5
EHB4	Homem	15	6
EMB5	mulher	9	2
EMB6	mulher	16	6
EMB7	mulher	19	7
EMF1	mulher	10	3
EHF2	homem	14	5
EHF3	homem	2	1
EHF4	homem	6	2
EHF5	homem	7	2
EMQ1	mulher	5	1
EHQ2	homem	17	6
EMQ3	mulher	4	4
EHQ4	homem	18	6
EMQ5	mulher	3	1
EMQ6	mulher	13	5
EMQ7	mulher	8	2

4.2 Análise de Conteúdo

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1988). Esse método de análise possui três momentos: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise tem como objetivo “(...) tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 1988, p. 95). É nesse momento em que se organiza a análise, por meio da leitura flutuante e da escolha dos documentos que serão analisados, da formulação das hipóteses e dos objetivos, e da elaboração de indicadores que fundamentarão a interpretação final. A organização da análise não ocorre de forma rígida, ou seja, não há a necessidade de se seguir uma ordem cronológica das etapas elencadas (BARDIN, 1988, p. 96).

Os documentos escolhidos para a análise definem o *corpus* e há algumas regras para a sua constituição, tais como: a regra da exaustividade, em que é preciso ter todos os elementos do *corpus*, sem exceção, uma vez que ele tenha sido definido; a regra da representatividade, em que é possível realizar a análise em uma amostra, desde que ela seja uma parte que representa o universo inicial; a regra da homogeneidade, a qual estabelece que os documentos a serem analisados devem ser homogêneos, ou seja, se enquadram em critérios específicos de escolha; e, por fim, a regra de pertinência, a qual busca a garantia de que os documentos que compõe o *corpus* são adequados com fonte de informação.

Na pré-análise, os documentos a serem analisados são reunidos e preparados. O primeiro contato com esses documentos que compõem o *corpus* é realizado por meio da leitura flutuante, com o objetivo de que o pesquisador se deixe invadir por impressões e orientações enquanto vai conhecendo o texto, de modo que “Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projecção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos” (BARDIN, 1988, p. 96).

Na formulação das hipóteses e dos objetivos, há uma suposição com origem na intuição, considerando-se a hipótese como uma afirmação provisória que será verificada. Assim, essa suposição permanece enquanto não houver uma contradição com a análise do *corpus*. É importante destacar que essa etapa não é realizada necessariamente na pré-análise, sendo possível fazer uma análise sem ideias pré-concebidas (BARDIN, 1988, p. 78).

Durante a pré-análise, há a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, em que ao “(...) considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes – em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas – e sua organização sistemática em indicadores” (BARDIN, 1988, p. 100).

O segundo momento da Análise de Conteúdo é a exploração do material, considerada por Bardin (1988) como uma fase longa e fastidiosa, em que consiste a realização de operações de codificação e categorização, conforme as regras previamente estabelecidas.

> A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (...)" (BARDIN, 1988, p. 103).

A codificação é organizada com base no recorte (escolha das unidades), na enumeração (escolha das regras de contagem) e na classificação e agregação (escolha das categorias). Há duas unidades pertencentes ao recorte: a unidade de registro e a unidade de contexto. A unidade de registro "É a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial" (BARDIN, 1988, p. 104). Uma unidade de registro pode ser o tema, de forma que a análise temática permita a descoberta de núcleos de sentido de uma comunicação que podem significar algo dependendo da sua presença ou frequência. Já a unidade de contexto "(...) serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem (...)" (BARDIN, 1988, p. 107). Para o caso da unidade de registro do tema, o parágrafo pode ser uma unidade de contexto, por exemplo. Em relação à escolha das regras de contagem ou regras de enumeração, podem ser várias: presença ou ausência, frequência, frequência ponderada, intensidade, direção, ordem e co-ocorrência.

> A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1988, p. 117).

A categorização pode ser, por exemplo, semântica e estabelecer categorias temáticas. Ela tem como objetivo transformar os dados brutos em dados organizados, de forma que seja possível ter uma representação simplificada e condensada dos dados submetidos à análise.

As categorias podem ou não ser fornecidas pelo sistema, mas é importante levar em consideração algumas características para que sejam definidas como boas categorias, tais como: a exclusão mútua, ou seja, um elemento não pode coexistir em mais de uma categoria; a homogeneidade, em que os elementos são classificados de forma a seguirem um único princípio de classificação; a pertinência, objetividade e fidelidade, em que as categorias são

adaptadas ao material de análise e refletem as intenções da investigação; e a produtividade, ou seja, as categorias definidas fornecem resultados férteis.

Por fim, o último momento da Análise de Conteúdo é o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, os quais podem ser de natureza muito diversa. É neste momento em que o pesquisador buscará explicitar os significados contidos nos enunciados classificados nas diferentes categorias identificadas.

A seguir, será apresentada a análise e discussão dos resultados desta pesquisa, as quais foram constituídas seguindo os três momentos propostos pela Análise de Conteúdo. Assim, após a leitura flutuante, a exploração do material foi organizada em três categorias, a saber: Escola sem Partido, Gênero e Carreiras Científicas e Tecnológicas. Isso proporcionou uma visão mais minuciosa dos dados para posteriores inferências e interpretações.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os documentos que compõem o *corpus* para a análise desta pesquisa são os questionários preenchidos pelos educadores e as gravações de áudio das entrevistas realizadas com eles. Os sujeitos da pesquisa, conforme descrito no capítulo anterior, são educadores da área de Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química) de oito escolas de uma rede estadual de ensino.

Ao todo, vinte e seis educadores aceitaram o contive para participar desta pesquisa. Porém, durante o processo de transcrição das entrevistas, a pesquisadora constatou que sete áudios estavam mudos, ou seja, embora existisse o arquivo de áudio com a informação do tempo de duração de cada uma dessas entrevistas, não havia som para a transcrição. Assim, o *corpus* para a análise desta pesquisa será composto pelo conjunto de dezenove questionários e entrevistas semi-estruturadas.

No *corpus* (apêndice G), a pesquisadora será identificada pela letra “P” e os educadores serão identificados pela letra “E”, seguida pela letra “M” se for mulher ou “H” se for homem, pela letra que identifica a disciplina que eles lecionam (“B” para a disciplina de Biologia, “F” para a disciplina de Física e “Q” para a disciplina de Química) e por um numeral. Assim, por exemplo, o sujeito da pesquisa identificado por “EMB1” corresponde à educadora (mulher) de biologia número um.

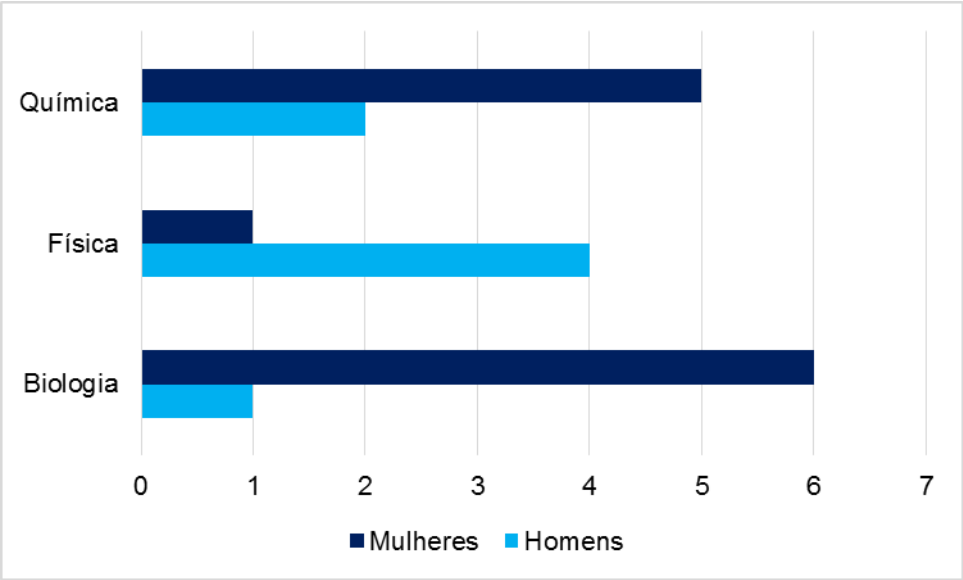
Conforme a Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1988), e com base na leitura flutuante do *corpus*, a seguir será apresentada a exploração do material, dividida em questionários e entrevistas, descrevendo os dados de forma mais detalhada, e por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

5.1 Os questionários

A partir dos questionários respondidos pelos educadores foi possível obter algumas informações de cada um deles. Dos educadores entrevistados, sete são homens e doze são mulheres (Gráfico 1). A presença de homens e mulheres varia em função da disciplina que lecionam, uma vez que as

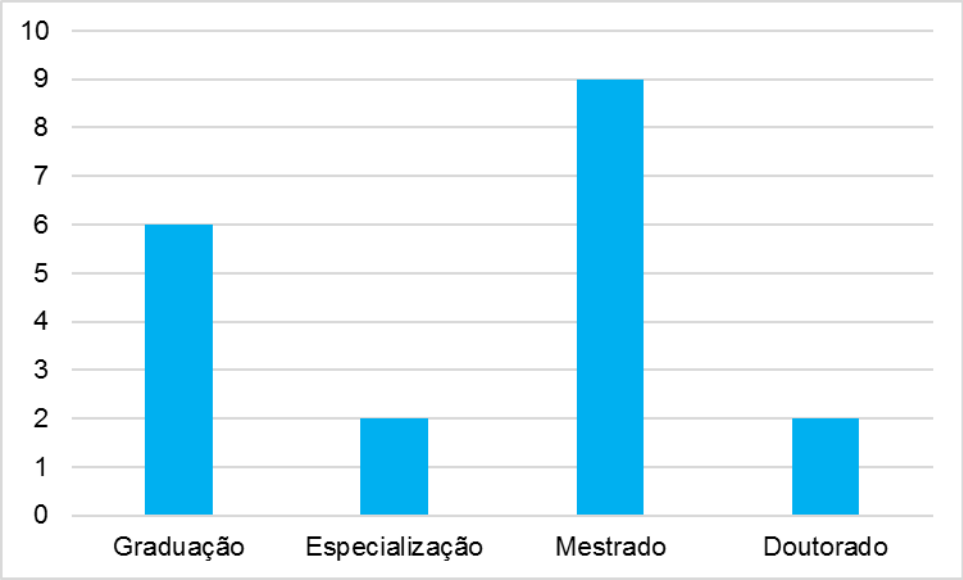
mulheres são maioria nas disciplinas de Biologia e Química e a minoria na disciplina de Física.

Gráfico 1 – Número de educadores em relação ao sexo e a disciplina que lecionam.



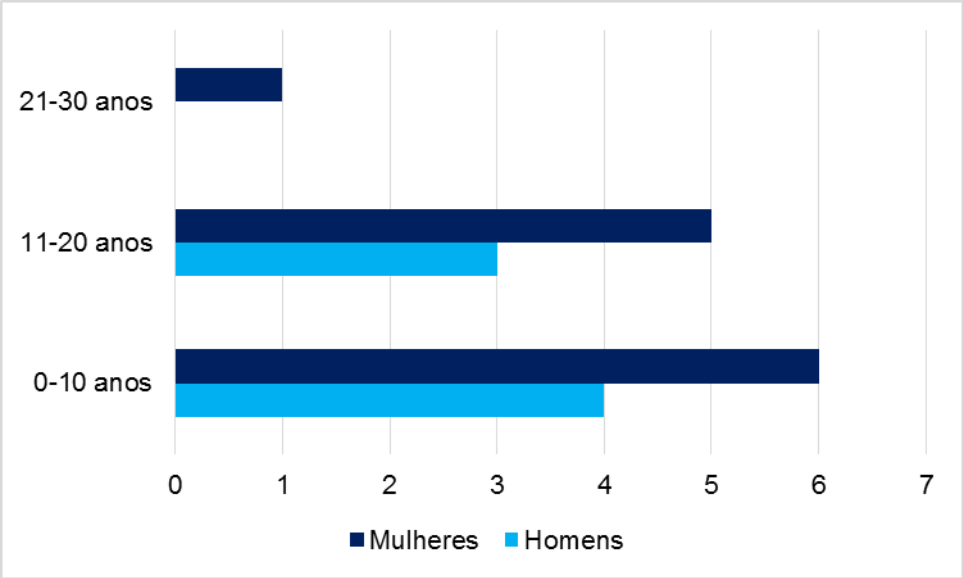
Todos os educadores entrevistados possuem curso de graduação em licenciatura na disciplina que lecionam. Conforme o Gráfico 2, seis educadores não possuem pós-graduação, dois educadores possuem especialização, nove educadores possuem mestrado e dois educadores possuem doutorado. A maioria das pós-graduações desses educadores não está relacionada à área de ensino ou educação.

Gráfico 2 – Número de educadores relação à formação acadêmica.



O Gráfico 3 está relacionado ao tempo de atuação dos entrevistados como educadores, sendo que doze deles são educadores há mais de cinco anos.

Gráfico 3 – Número de educadores com relação ao tempo de atuação como docentes.



Ao todo, dos dezenove educadores que participaram desta pesquisa, sete são da área de Biologia, cinco da área de Física e sete da área de Química. Com base nas informações contidas nos questionários, é possível observar que a presença de educadoras é maior nas áreas de Biologia e Química, o que ocorre de forma contrária na área de Física. Todos os educadores possuem graduação em licenciatura na disciplina que lecionam. A maioria desses educadores possui pós-graduação, embora não seja na área de ensino ou educação.

5.2 As entrevistas

A análise das transcrições das entrevistas seguiu os três momentos da Análise de Conteúdo propostos por Bardin (1988). De forma sucinta, tais momentos são: a leitura flutuante, a exploração do material (codificação e categorização) e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Após a leitura flutuante, os trechos de cada entrevista foram categorizados, em princípio, em três categorias temáticas: Programa Escola

sem Partido, Gênero e Carreiras Científicas e Tecnológicas. Essas categorias, de certa forma, já estavam presentes nas perguntas pré-estabelecidas no roteiro da entrevista semi-estruturada.

Durante a análise dos dados, foram elaborados dois tipos de quadros referentes ao *corpus* que correspondem às entrevistas com os educadores. No Apêndice E, os quadros correspondem a uma síntese das respostas dos educadores às perguntas da entrevista e, no Apêndice F, os quadros apresentam essas mesmas respostas organizadas com referência às perguntas feitas nas entrevistas aos educadores. Assim, há a possibilidade de analisar o *corpus* das entrevistas levando em consideração as respostas de cada educador e de cada pergunta do roteiro da entrevista semi-estruturada. A seguir, é feita a exploração do material, conforme as operações de categorização e codificação, e a inferência e interpretação dos resultados.

5.2.1 Categoria: Programa Escola sem Partido

Esta categoria tem por objetivo responder aos seguintes questionamentos: Os educadores das escolas da rede estadual de ensino conhecem o Programa Escola sem Partido? Eles, de alguma forma, reconhecem a presença desse programa na escola que lecionam? Quais são as concepções desses educadores a respeito do Programa Escola sem Partido?

Apenas quatro educadores não conhecem o Programa Escola sem Partido, ao contrário dos demais educadores que o conhecem por já terem ouvido falar, lido algo a respeito, visto na internet ou por meio de repasse de informações realizado pelo sindicado de professores do estado em que a pesquisa foi realizada.

Quanto à presença do programa no município e na escola em que os educadores lecionam, apenas quatro disseram que ele está presente. O EHQ4 identifica a presença do programa com base no relato dos educandos apontando que outro educador da escola utilizou suas aulas para exercer influência religiosa, o que não condiz de fato com a presença do programa na escola onde leciona. A EMF1 identifica a presença do programa na escola de

modo não institucionalizado, informalmente, destacando que os educadores têm colocado em prática algumas concepções do programa.

A EMQ6 compreende o programa presente não só na escola como também dentro de casa, devido às discussões associadas a ele. Embora a educadora não tenha lido o projeto de lei do Programa Escola sem Partido, ela se posiciona de forma contrária, entendendo-o como um mecanismo de censura ao professor. Já, a EMQ7 relaciona a presença do programa na escola por meio de políticas públicas a ela impostas.

Os educadores EHF4, EHF5 e EMQ1 relatam a tentativa de implementação do Programa Escola sem Partido por meio de um projeto de lei no município em que lecionam em anos anteriores. A esse respeito, a EMQ1 destaca que houve passeatas contra a sua aprovação. Apenas o EHF3 fez referência a um projeto de lei em andamento que está em tramitação no município em que leciona. Observe que na época em que foram realizadas as entrevistas, havia projetos submetidos à Assembleia do Estado e à Câmara Municipal do local onde a pesquisa foi realizada, ambos no ano de 2017.

As concepções dos educadores relacionadas ao Programa Escola sem Partido são distintas e foram expressas durante as entrevistas por nove educadores. Para melhor compreensão, essas concepções foram separadas em quatro conjuntos. O primeiro conjunto de concepções diz respeito àquelas que associam o Programa Escola sem Partido a valores morais, conjunto esse relacionado indiretamente ao que Penna (2017) caracteriza como a defesa do poder total dos pais sobre os seus filhos. Tais concepções estão expostas nos trechos das entrevistas transcritas a seguir:

> (...) mas as concepções deles pregam a igualdade, o respeito, então, eu creio que de forma indireta, algumas ideias que eles pregam a gente tem colocado em prática. Respeito às diferenças em relação à tolerância religiosa, coibir a violência, trabalhar com a questão do bulling, preconceito, em várias áreas né, política, religiosa, sexual. Todas essas áreas a gente tenta trabalhar uma questão de igualdade, uma questão de respeito, de tolerância (Entrevista com a EMF1, 2017).
>
> Por conta disso, que era mais ou menos isso né, você poderia ensinar o aluno, mas você não poderia expor a sua opinião nem ensinar o aluno a ser cidadão, na minha opinião, né (Entrevista com a EMQ1, 2017).

Observe que a EMF1 expressa o ato educativo de abordar valores morais, mesmo que isso não corrobore com os pressupostos do Programa

Escola sem Partido, e a EMQ1 relaciona o papel da escola à formação de cidadãos. Ambas as concepções estão contrárias à defesa do poder total dos pais sobre os seus filhos, em que os educadores estariam proibidos de abordar ou realizar atividades que estejam em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos educandos, conforme exposto em capítulo anterior. Dessa forma, ao contrário do que essas educadoras expuseram, não poderiam ser abordadas questões de valores morais em sala de aula e a escola como um todo não poderia auxiliar na formação do educando para a cidadania.

O segundo conjunto apresenta as concepções de quatro educadores que se relacionam diretamente ao que o próprio nome do programa supõe, uma escola “sem” partido, como se de fato houvesse a dicotomia da escola “com” partido.

> O que eu posso dizer pra você é que eu não vejo prática, principalmente a minha, na sala de aula, tentando falar alguma coisa sobre qualquer tipo de partido ou tentando influenciar as coisas (Entrevista com o EHF2, 2017).
>
> (...) um projeto sobre uma forma de coibir esse tipo de ação na sala de aula. É que os professores quando forem tocar de ideologia política em sala de aula, né, não impor visão política aos alunos, tratar de forma igual todos os tipos de opiniões e sem induzir o aluno, né, a acatar certo ponto de vista político (Entrevista com o EHF3, 2017).
>
> (...) a questão que aqui eu coloco é que a escola ela tem que ser apartidária, né, mas ela não tem que ser apolítica. Essa é a crítica que a gente fez, né (Entrevista com o EHF4, 2017).
>
> Então assim, eu pessoalmente eu não falo em partido político na escola, certo? Eu conheço colegas que acabam comentando, falando né, e tem alguns que acabam puxando a sardinha pro lado do partido que ele defende (Entrevista com o EHF5, 2017).

Os educadores EHF2 e EHF5 compreendem que o Programa Escola sem Partido tem por objetivo impedir que se discuta política durante o ato educativo, pois dessa forma eles estariam defendendo determinado partido político. O EHF3 caminha no mesmo sentido que os educadores anteriores, porém acrescenta o pressuposto de que o Programa Escola sem Partido prevê a abordagem de várias correntes políticas, por parte do educador, quando esse for debater sobre o tema, sem que induza a opinião do educando. Já, o EHF4 faz a colocação de que a escola deve ser apartidária e não apolítica. Dessa forma, cabe ressaltar que essas concepções se relacionam com a ideia de uma

educação neutra e a transmissão de um conhecimento também neutro, o que de modo algum é possível, visto que, assim como o educador, os educandos também interagem com o mundo e possuem uma visão, seja ela crítica ou não, da realidade.

O terceiro conjunto corresponde à concepção de um educador que relaciona a presença do Programa Escola sem Partido devido à influência religiosa presente nas aulas de outro educador da escola estadual em que leciona e que os alunos relataram o acontecimento no conselho de classe, conforme exposto anteriormente.

> Têm alguns colegas, né, que no próprio conselho eles, os alunos, o conselho daqui ele é participativo, é com os alunos, né, e alguns alunos, por meio de uma participação indireta, né, por ficha, ou direta, eles têm alguns colegas que falam de alguns professores que... é, estimulam, pregam a palavra, a questão religiosa na escola, né. E o alunos, eles, alguns reclamam, porque acha que a aula do professor que seria de x matéria tá sendo pra catequizá-los, vamos dizer assim. É... existe alguns casos, existiu pelo menos no primeiro semestre (Entrevista com o EHQ4, 2017).

Observe que essa concepção se relaciona à ideia de doutrinação dos educandos por parte do educador, como se esses fossem folhas em branco. O EHQ4 relaciona o Programa Escola sem Partido com a doutrinação, o que para o programa seria o oposto.

Por fim, o quarto conjunto diz respeito ao papel do educador e à censura a qual o educador estaria submetido, com base nas concepções de duas educadoras acerca do Programa Escola sem Partido.

> (...) eu vejo isso sim como um meio de você, como fala, censurar o professor (Entrevista com a EMQ6, 2017).

> É quase que uma imposição. Tem que ter um cartaz na sala de aula, dizendo qual é o dever do professor, mas cadê o cartaz que diz também qual é o dever do aluno, por exemplo? Eu exigi que tem um cartaz lá mostrando pro aluno, “oh, esse é o dever do professor”, pode às vezes dar a entender pra este aluno não preparado que o professor, talvez um discurso que o professor faça ele não tem a maturidade suficiente pra perceber que aquele discurso do professor não está sendo um discurso de opinião dele, mas talvez seja ali, está iniciando (Entrevista com a EMQ7, 2017).

Para a EMQ6, o Programa Escola sem Partido representa a possibilidade de censura ao professor. A EMQ7 reconhece a afixação de cartazes com os “deveres do professor” prevista no projeto de lei e se posiciona de forma contrária, argumentando que o educador, ao propor uma discussão relacionada a qualquer assunto, pode ser mal interpretado pelo

educando que compreenderia esse ato educativo como um discurso de opinião ou como os percussores do programa diriam: uma doutrinação.

Após as entrevistas, houve o relato de alguns educadores dizendo que as perguntas feitas em relação ao Programa Escola sem Partido deveriam ser respondidas por educadores da área de humanas, por exemplo, educadores de história. Isso corrobora com a dificuldade de encontrar pesquisas e referenciais que discutem esse programa no âmbito do ensino de ciências. Observe que isso também sugere certo distanciamento desses educadores com as políticas públicas de educação que são desenvolvidas no país.

Por meio dessa categoria referente ao Programa Escola sem Partido, observa-se que a maioria dos educadores o conhecem, embora superficialmente, ou por já terem ouvido falar a respeito ou por informações repassadas pelo sindicato de professores do estado em que a pesquisa foi realizada. Apenas alguns reconhecem a presença do programa, seja no município ou na escola em que lecionam, e um único educador declarou saber da tramitação de um projeto de lei na câmara municipal. Dentre as concepções sobre o Programa Escola sem Partido, menos da metade dos educadores disseram algo a respeito e essas concepções estão relacionadas aos valores morais e a defesa do poder total dos pais sobre seus filhos, às influências políticas e religiosas no ambiente escolar, à ideia de uma educação neutra e ao papel do educador e a sua censura.

5.2.2 Categoria: Gênero

Esta categoria tem por objetivo responder aos seguintes questionamentos: Como os educadores definem gênero? No Programa Escola sem Partido, há um trecho que diz respeito à “Ideologia de Gênero”, porém não há uma definição clara do que estaria relacionado a esse termo. Então, como os educadores o compreendem? Ao pensar a sociedade, os educadores observam alguma distinção entre os papéis do homem e da mulher?

Ao definirem gênero, seis educadores o relacionam ao sexo feminino e masculino, outros cinco educadores relacionam à sexualidade e três definem gênero por meio do sexo feminino e masculino e da orientação sexual. Dois educadores associam gênero à classificação, de forma que uma educadora

com formação em Biologia define gênero como uma categoria taxonômica que classifica os seres vivos como, por exemplo, o gênero *homo* em que os seres humanos estão na espécie *homo sapiens sapiens*. Apenas três educadores, sendo dois homens e uma mulher, relacionam gênero a uma questão social, definição essa que mais se aproxima com a que esta pesquisa se referencia.

Quanto à “Ideologia de Gênero”, seis educadores não a definem e os outros apresentam seis definições distintas. O EHF2 define, vagamente, a “Ideologia de Gênero” como uma classificação ideológica, visto que anteriormente tinha definido gênero como uma classificação. A EMB6 relaciona a “Ideologia de Gênero” com o respeito à escolha do gênero das pessoas. Para a EMF1, a “Ideologia de Gênero” compreende que as ações, atitudes e comportamentos de uma pessoa estariam relacionados ao seu gênero, definido por ela como sexo masculino e feminino. Para os educadores EMB1, EMB3, EHB4, EHF5, EMQ1, EHQ2, EHQ4 e EMQ5 a “Ideologia de Gênero” permite que a pessoa escolha o seu gênero, independente do seu sexo, podendo até utilizar um nome social, segundo a EMQ1. A EMQ6 não concorda com o termo e o define como um pensamento relacionado a gênero que deveria ser acreditado por todos, por exemplo, de que gênero não se relaciona à sexualidade. Por fim, o EHF4 apresenta uma definição de “Ideologia de Gênero” que mais se aproxima da utilizada como referência, definindo-a como uma crítica fundamentada principalmente pelas bancadas mais religiosas contra a doutrinação de diversos gêneros, o que o educador acredita não existir.

Os educadores foram questionados a respeito dos papéis do homem e da mulher na sociedade e onze deles os definiram como iguais. Desses educadores, sete reconhecem que essa definição não é uma realidade unânime na sociedade e citaram alguns exemplos. A EMB7 e a EMQ1 reconhecem que há diferença salarial entre eles. Já o EHF3 compreende que, devido a questões culturais, as mulheres ficam responsáveis pela criação dos filhos e por isso acabam adiando a maternidade para constituir uma carreira profissional. O EHF4 relata que homens e mulheres possuem necessidades diferentes, visto que as mulheres precisam ter uma lei que as ampare na gestação. O EHQ2 reconhece que, na sociedade, a mulher é definida como hipossuficiente. A EMQ3 acredita que as diferenças entre os papéis que

homens e mulheres têm na sociedade são decorrentes de questões socioeconômicas. Por fim, o EHB4 compreende que há uma busca por equilíbrio de oportunidade entre os dois, embora ainda exista muita desigualdade, identificando como “vitimismo” a busca por igualdade entre os gêneros na política, conforme exposto:

> Ontem mesmo eu vi uma propaganda do partido político que fala sobre as mulheres que mais de 50% da população de mulher e não sei quantos por cento, a maioria que representam são homens. Daí, tipo, eu até parei pra pensar, peraí, se tem 50% de mulheres, porque as mulheres não conseguem eleger mulheres? Porque assim, se tem só homem, significa que as mulheres estão votando nos homens, porque os homens, é, as mulheres têm a possibilidade de votar, né, tem direito ao voto. Então, assim, são situações que daí, tem hora que eles querem jogar pra um “vitimismo” tipo “nós mulheres”, não sei, tem hora que penso nesse sentido. Não do modo machista, mas assim, é, até da questão do feminismo em si, tem muitas coisas que eu não concordo, né. Eu acredito que o homem e a mulher devem possuir direitos iguais e que a mulher infelizmente, né, ao longo do tempo ela foi prejudicada em muitas questões, né, mas que elas vêm sendo, né, com o tempo, supridas, vem sendo equilibradas, mas, jogar muito vitimismo, mulher sempre como vítima da sociedade, eu acho, assim, muito pesado, sabe assim, eu não concordo muito com essa visão (Entrevista com o EHB4, 2017).

Os outros educadores responderam de formas diferentes a essa questão. A EMB2 relata que ambos podem ter qualquer papel na sociedade. A EMB3 compreende que não há definição de papéis, pois ambos podem realizar os mesmos trabalhos. Para a EMB5, homens e mulheres possuem a mesma capacidade, seja em questão de trabalho, seja como agentes da sociedade, embora relate que há diferenças estabelecidas pela sociedade que regem o que homens e mulheres podem fazer, assim como a diferença salarial entre os dois. A EMB6 aponta que a sociedade ainda é bem tradicional e não concorda com a definição de que o homem é o mais forte, provém o sustento e trabalha, enquanto a mulher, também trabalhando, é submissa ao homem e responsável pela casa. Já a EMF1 faz uma distinção entre os papéis dos homens e das mulheres no contexto familiar, sendo específicos, e no contexto profissional, são iguais, conforme exposto:

> Eu vejo que o homem e a mulher têm papéis muito específicos, e não é o papel do homem e da mulher, ele não é maior nem menor. Eles são papéis diferentes. Principalmente no contexto familiar. Eu vejo que o papel do homem no contexto familiar, ele é muito mais de sacerdócio mesmo, de colocar como liderança, a parte legal do, da dinâmica de um lar. A mulher, ela já consegue ter esse olhar mais intrínseco, mais pra dentro, de nutrir mais na parte emocional o lar, a casa, a família, filhos. Então, dentro do contexto familiar, o papel do

> homem eu vejo como bem diferente do papel da mulher. Agora essa diferença no contexto, por exemplo, profissional, eu já não consigo, eu já não vejo tão gritante, existe, mas eu já não vejo tão gritante (Entrevista com a EMF1, 2017).

Para o EHF2, os papéis do homem e da mulher na sociedade são regidos pelo respeito que assegura e garante os direitos de cada um. O EHQ4 compreende que homens e mulheres possuem papéis fundamentais na sociedade e lamenta que a mulher ainda sofra muita discriminação, assim como a EMQ7 que, em decorrência disso, considera que os papéis estão errados, relatando algumas situações vivencias, como transcrito abaixo:

> Se eu coloco, imponho alguma coisa é sempre o outro que fala, eu vejo isso acontecer com muita frequência. Eu falei uma coisa, se o meu colega repetiu a mesma coisa, pela voz masculina dele, tem um peso maior e ele é sempre mais elogiado. Os homens sempre são mais elogiados nos locais de trabalho. Isso é muito triste (Entrevista com a EMQ7, 2017).

Esta categoria referente ao gênero mostra que a maioria dos educadores relaciona gênero ao sexo masculino e feminino, sendo que alguns também associam à sexualidade. Apenas três educadores, dois homens e uma mulher, definiram o gênero como uma questão social, que é a definição que mais se aproxima da adotada nesta pesquisa. Em relação à “Ideologia de Gênero”, foram identificadas seis definições distintas, o que demonstra as várias interpretações possíveis para esse termo, visto que o Programa Escola sem Partido não o define de forma explícita. Para a maioria dos educadores, homens e mulheres possuem papéis iguais, embora muitos reconheçam que essa compreensão não seja unânime na sociedade e que ainda existam muitos preconceitos.

5.2.3 Categoria: Carreiras Científicas e Tecnológicas

Esta categoria tem por objetivo responder aos seguintes questionamentos: Para esses educadores, tanto os homens quanto as mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades na formação acadêmica e no mercado de trabalho? Como os educadores da área de Ciências da Natureza percebem a presença das mulheres nas carreiras científicas?

Em relação às oportunidades e às dificuldades que homens e mulheres têm, tanto na formação acadêmica, quanto no mercado profissional, quatro educadores compreendem que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades e três educadoras discordam dessa afirmação, outros três educadores compreendem que ambos possuem as mesmas oportunidades, enquanto dois educadores discordam e um educador acrescenta que as dificuldades não são as mesmas. Um educador compreende que ambos possuem as mesmas dificuldades, mas oportunidades não, e por fim, cinco educadores apresentaram respostas de forma indireta.

Há relatos de situações feitas pelos educadores durante as entrevistas e que justificam as diferenças entre oportunidades e dificuldades para homens e mulheres. A EMB1 e a EMB3 relatam que há preconceitos com as mulheres quando se trata de trabalhos de campo na área de Biologia, o que faz com que os professores e orientadores prefiram homens para desempenhar essas atividades. Para o EHB4, pode haver dificuldade no setor privado no caso da mulher ter um chefe machista. A EMB5 diz que, durante a sua pós-graduação, observou que há um predomínio de oportunidades e facilidades para quem é homem. A EMB6 compreende que as oportunidades e dificuldades para as mulheres podem ser diferentes dependendo da área profissional, por exemplo, na engenharia, as mulheres não são muito aceitas. A EMB7 sugere que fatores como a maternidade e a família diminuem as oportunidades para as mulheres, mas não para os homens. A EMF1 relata que sofreu preconceito por ter interesse pela área de ensino e ao mesmo tempo fazer graduação em Física. O EHF2 relaciona a oportunidade e a dificuldades com a competência e as condições socioeconômicas do indivíduo, independente se for homem ou mulher, assim como a EMQ5 que compreende que a dificuldade é uma questão pessoal. A EMQ5 relata que, durante a sua graduação, as mulheres sofriam certo desprezo dos homens durante as disciplinas em que a área era predominantemente masculina (matemática e engenharia). Embora as oportunidades sejam as mesmas, o EHF3 entende que pode haver preconceito em relação às mulheres no mercado de trabalho. O EHF4 relata que há muito preconceito velado, exemplo disso é a concepção de que as mulheres que são professoras devem lecionar nos anos iniciais da educação básica e não em

disciplinas mais científicas. Para o EHF5 e o EHQ4, os alunos respeitam mais os professores do que as professoras.

A EMQ1 compreende que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades e que as diferenças estão relacionadas ao tempo de serviço, tendo mais facilidade no mercado de trabalho aqueles que possuem o maior tempo. O EHQ2 faz uma diferenciação entre a área da educação, em que os homens possuem mais dificuldade para encontrar emprego, e outras áreas da Química, em que ocorre o contrário.

> Em outras áreas, que eu trabalhei, eu, também dentro da química, eu pude perceber que a maioria, eu trabalhei com empresas que vendem materiais de laboratório, né, e éramos, na minha função, éramos três homens e uma mulher. Então aí já é o contrário, né. Aí eu não sei o motivo, talvez um pouco de desapego, né, que o homem tem essa facilidade e tinha que viajar muito, né, nós éramos especialista de produto, então tinha que leva um produto pra um canto, tem que mexer com isso, tem que sair de carro, passar o tempo inteiro fora. Não sei se isso manda, se isso demanda um pouco mais da mulher do que do homem, se influencia (Entrevista com o EHQ2, 2017).

A EMQ3 acredita que há preconceito com as mulheres na área de exatas e que os homens são considerados mais inteligentes. Para a EMQ7, nem as oportunidades nem as dificuldades são as mesmas para homens e mulheres, exemplo disso é o relato de que ela não conseguiu lecionar a disciplina de Química em duas escolas por ser mulher e o núcleo de professores de exatas ser composto apenas por homens. Por fim, a EMQ7 relata que presenciou a situação de uma pessoa discriminar uma mulher formada em Química, dizendo que ela não conseguiria emprego por ser mulher e pequena.

Quando questionados a respeito da presença das mulheres nas carreiras científicas, uma educadora compreende que é a mesma para homens e mulheres. Uma educadora considera que há mais mulheres do que homens, quatro educadores consideram que há muitas mulheres nas carreiras científicas, seis educadores relatam que elas estão muito mais atuantes nos dias de hoje, enquanto quatro educadores compreendem que há predominância masculina na área de exatas. Segundo a EMF1, antigamente as mulheres eram desencorajadas a seguir carreiras científicas e seus nomes não eram divulgados, o que justificaria a pouca participação das mulheres. Para a EMB1, os homens são mais aceitos no mercado de trabalho e, corroborando

com isso, a EMB3 considera que os homens são mais premiados e a EMB5 relata que os trabalhos das mulheres não possuem o mesmo mérito que os dos homens na academia. O EHB4 considera que as mulheres não têm tanto espaço na área de exatas, enquanto que para o EHF3 isso se justifica por uma questão cultural.

Para a EMB7, as mulheres estão se dedicando à formação acadêmica antes de casar e ter filhos, o que condiz com o relato da EMQ3 de que a mulher possui várias funções devido, talvez, à maternidade. O EHQ4 relata que na época da sua graduação havia mais mulheres do que homens e que os professores preferiam trabalhar com as mulheres devido às suas virtudes: dedicação, comprometimento e capricho. A EMQ7 acredita que há mais mulheres na pós-graduação na área de educação do que na área tecnológica, o que corrobora com a compreensão do EHB4 ao considerar que as mulheres são mais atraídas pelos cursos de licenciatura.

O EHF2 acredita que as mulheres não optam por fazer graduação em Física devido a uma questão social que considera que é mais bonito ser “arquiteta” ou “engenheira”, por exemplo, embora compreenda que a presença das mulheres nas carreiras científicas é promissora. O EHF4 relata que há muito preconceito com as mulheres na área científica e que, na época de sua graduação, as mulheres acabavam desistindo do curso devido à dificuldade da própria natureza do curso. Ele acrescenta que, com relação à área da Física, muitas vezes a pessoa que a escolhe não tem muito apoio familiar devido ao fato de não saberem o que uma pessoa formada em Física faz e que no final das contas acabam se tornado professor, ou seja, há alguns problemas relacionados às concepções que as pessoas têm da Física e da ciência.

Para a EMQ5, as mulheres que escolhem uma carreira científica são brilhantes, independe do estereótipo de mulher, e que o profissional se destaca por batalhar, se aprofundar e defender uma causa. Por fim, para a EMQ6, a presença das mulheres nas carreiras científicas é uma continuação do que elas sempre foram: inteligentíssimas.

Durante as entrevistas, alguns educadores relataram situações em que as mulheres sofrem preconceitos. A EMB3 relata esse preconceito no meio acadêmico de pós-graduação.

> Sofremos no meio acadêmico preconceito, por achar que sempre mulher tem que aparecer. Numa reunião uma mulher aparece muitas vezes falando mais alto, porque nem sempre prestam atenção numa mulher falando. E isso mesmo nós estando em número maior. E eu acho que quem está na pós-graduação acaba sofrendo também um pouco, porque mulheres tiram licença maternidade, né, e já existe muito preconceito com isso. Tem, eu já ouvi orientadores dizendo que não iam mais trabalhar com mulheres, justamente porque mulheres se envolvem em outros trabalhos, como trabalho de casa, casam, têm filhos e infelizmente a gente tem que lidar com isso. De estar na pós-graduação, lidando com pessoas pós-graduadas, com esse tipo de comportamento. Não entender que uma mulher pode ter licença maternidade (Entrevista com a EMB3, 2017).

Além disso, o EHF5 relata uma situação de assédio sofrido por uma colega na pós-graduação, conforme transcrito abaixo:

> É claro que uma época, uma colega nossa que foi num encontro de iniciação científica de Santa Catarina, é, tinha um doutor lá, eu não vou falar o nome, também não lembro, né, mas ele ofereceu uma bolsa de doutorado pra ela só que no evento lá, ele ofereceu essa bolsa e no dia do evento a noite, que era um jantar e tal, de encerramento, e ele estava com outras intenções com ela. Tanto é que ela pediu pra gente não sair de perto dela, né. E se ela quisesse ela iria conseguir a bolsa tranquilo. Ele falou, vou conseguir a bolsa de doutorado pra você e tal no Rio de Janeiro, mas ela caiu fora, porque já tava sofrendo um assédio, né. Entendeu? Então isso, realmente eu presenciei isso, eu e uns colegas meus. Então a gente pensa, não é fácil pra mulher não, vixe, o cara tem um poder ali e fica assediando (Entrevista com o EHF5, 2017).

Por meio desta categoria, referente às carreiras científicas e tecnológicas, observa-se que os educadores reconhecem que há uma maior atuação das mulheres no meio científico nos dias atuais, embora compreendam que elas possuem dificuldades diferentes devido ao fato de sofrerem discriminação e preconceito. Exemplos disso são alguns relatos que os professores fizeram na entrevista e que estão relacionados de forma geral à maternidade e questões familiares, ao assédio e às carreiras pré-estabelecidas para homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na abordagem dos aspectos relacionados às questões de gênero, presença das mulheres em carreiras científicas e tecnológicas e o Programa Escola sem Partido, com ênfase no que diz respeito à “Ideologia de Gênero”, e por meio da exploração do material realizada a partir dos discursos dos professores, observou-se que as discussões desses elementos corroboram com outras pesquisas que abordam esses temas, conforme exposto na introdução.

Compreende-se o Programa Escola sem Partido como um mecanismo de opressão, visto que educadores e educandos serão cerceados da sua vocação de ser mais e uma educação dialógica não será possível em um ambiente escolar que atende às proposições de tal programa. No que diz respeito à influência do Programa Escola sem Partido no ensino de ciências, considera-se que os seus pressupostos não possuem bases teóricas que estejam em consonância com as pesquisas acadêmicas realizadas na área de educação para a ciência. Exemplo disso é que a prerrogativa da possibilidade de transmitir um conhecimento neutro se contrapõe à própria Natureza da Ciência, pois a constituição do conhecimento científico e tecnológico não é neutro, à medida que sofre influências externas que vão desde as crenças pessoais dos cientistas até questões sociais, culturais e políticas.

Considerando a definição da “Ideologia de Gênero” pelo Programa Escola sem Partido e frente ao interesse de mulheres por carreiras científicas e tecnológicas e as questões de gênero relacionadas ao ensino de ciências, compreende-se que o programa inviabiliza discussões no contexto escolar que objetivam problematizar os estereótipos e os papéis pré-estabelecidos, para homens e mulheres, pela sociedade e promover ações de equidade entre os gêneros.

As concepções dos educadores, sujeitos desta pesquisa, a respeito do Programa Escola sem Partido, estão relacionadas aos pressupostos do próprio programa, sendo eles: os valores morais e a defesa do poder total dos pais sobre seus filhos; as influências políticas e religiosas no ambiente escolar; a ideia de uma educação neutra; e o papel do educador e a sua censura. Isso

representa a força da falsa dicotomia estabelecida pelo programa, a existência de uma escola “com” partido.

A maioria dos educadores conhece o Programa Escola sem Partido, embora seja superficialmente, e alguns reconhecem a presença do programa, seja no município ou na escola em que lecionam, e apenas um único educador declarou saber da tramitação de um projeto de lei na câmara municipal. Levando em consideração que há projetos submetidos à Assembleia do Estado e à Câmara Municipal do local onde a pesquisa foi realizada, ambos no ano de 2017, percebe-se um distanciamento desses educadores com relação às políticas públicas educacionais do país.

Em relação às concepções desses educadores sobre questões de gênero, a maioria relaciona a definição de gênero ao sexo masculino e feminino, sendo que alguns também associam à sexualidade. Apenas três educadores definiram o gênero como uma questão social, que é a definição que mais se aproxima da adotada nesta pesquisa. Além disso, para a maioria dos educadores, homens e mulheres possuem papéis iguais, embora muitos reconheçam que essa compreensão não seja unânime na sociedade e que ainda existam muitos preconceitos.

No que diz respeito às carreiras científicas e tecnológicas, observa-se que os educadores reconhecem que, atualmente, há uma maior atuação das mulheres no meio científico. Eles também relataram situações que representam as dificuldades que as mulheres têm com relação à discriminação e aos preconceitos que elas sofrem e que, de forma geral, referem-se à maternidade e às questões familiares, ao assédio e às carreiras pré-estabelecidas para homens e mulheres.

Nesse contexto, alguns desdobramentos desta pesquisa foram identificados. Como o ambiente escolar pode contribuir para a ocorrência de práticas e debates que problematizem as relações de poder hierárquicas entre os gêneros, se a maioria dos educadores não compreende o significado de gênero e a sua repercussão na sociedade, visto que estão envoltos em um discurso de igualdade entre homens e mulheres? Com dois projetos de lei do Programa Escola sem Partido em tramitação, um no município e outro no estado em que a pesquisa foi realizada, como os educadores poderão defender o seu direito de cátedra e uma educação dialógica, em que questões de gênero

também sejam discutidas no ambiente escolar, se eles não se inteiraram dos projetos de lei, conhecendo o programa apenas porque ouviram falar? Compreendendo que as mulheres são impossibilitadas de atenderem a sua vocação histórica e ontológica de ser mais, segundo pressupostos de Freire (2015), devido ao legado definido por seu gênero, como será possível discutir a presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas e promover meios para a sua maior participação se o Programa Escola sem Partido, compreendido como um mecanismo de opressão, estiver presente nas escolas?

As respostas a essas questões poderão ser encontradas em uma futura pesquisa que considere as possíveis relações provocadas entre os elementos principais desta dissertação e suas interferências no ambiente social dos educadores, buscando base teórica que contribua para a continuidade da pesquisa na área e os possíveis desdobramentos que venham a surgir. Um palpite, em princípio, é a continuação desta pesquisa no que diz respeito à formação inicial e continuada dos educadores com relação às questões de gênero e o ensino de ciências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

AGRELLO, D. A; GARG, R. **Mulheres na física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento**. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 31, n. 1, 2009.

BONI, V; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais**. Em tese, Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, BR: Martins Fontes, 1977.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo** (Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro) Lisboa, Portugal; Edições 70, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.** Brasília: MEC, SEMTEC, 2002.

_____. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+). Ciências da Natureza e Matemática e suas tecnologias.** Brasília: MEC, 2006.

_____. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

_____. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CHAER, G; DINIZ, R. R. P; RIBEIRO, E. A. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, p. 251-266, 2011.

CHASSOT, A. **A ciência é masculina? É, sim senhora!** 5. ed. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2011. (Coleção Aldus, 16).

DISTRITO FEDERAL. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado nº 193 de 2016**. Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, o “Programa Escola sem Partido”. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=125666 >. Acesso em: 20 mar. 2017. Texto Original.

FAGUNDES, S. M. K; PICCINI, I. P; IAMARQUE, T; TERRAZZAN, E. A. **Produções em Educação em Ciências sob a perspectiva CTS/CTSA**. Anais do VII Enpec (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências). Florianópolis/SC, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, G. (Org.). **Escola “sem” partido: Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4 ed, 2002.

GUEDES, M. C; AZEVEDO, N; FERREIRA, L. O. **A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq**. Cadernos Pagu, v. 45, p. 367-399, 2015.

GÜNTHER, H. **Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: está é a questão?** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HEERDT, B; BATISTA, I. L. **Questões de gênero e da natureza da ciência na formação docente**. Investigações em Ensino de Ciências, v. 21 (2), p. 30-51, 2016.

LIMA, B. S; BRAGA, M. L. S; TAVARES, I. **Participação das mulheres nas ciências e tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas**. Revista Gênero, v. 16, n. 1, p. 11-31, 2015.

LIMA JÚNIOR, P; OSTERMANN, F; REZENDE. F. **Gênero e educação científica: uma revisão da literatura**. Anais do VII Enpec (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências). Florianópolis/SC, 2009.

MOURA, B. A. **O que é natureza da Ciência e qual sua relação com a História e Filosofia da Ciência?** Revista Brasileira de História da Ciência, v. 7, n. 1, p. 32-46, 2014.

OLINTO, G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. Inclusão Social, v. 5, n. 1, p. 68-77, 2011.

PRAIA, J; GIL-PÉREZ, D; VILCHES, A. **O papel da natureza da ciência na educação para a cidadania**. Revista Ciência & Educação, v. 13, n. 2, p. 141-156, 2007.

REZENDE, F; OSTERMANN, F. **A questão de gênero no ensino de Ciências sob o enfoque sociocultural**. Anais do XVII Simpósio Nacional de Ensino de Física. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, v. 1, p. 1-11, 2007.

RICARDO, E. C. **Educação CTSA: obstáculos e possibilidades para sua implementação no contexto escolar**. Revista Ciência & Ensino, v. 1, número especial, 2007.

ROSA, I. S. C; SANTANA, C. S. C. **As contribuições de Paulo Freire e da alfabetização científica para a abordagem do enfoque CTSA na escola**. Anais do 9º Encontro Internacional de Formação de Professores e 10º Fórum Permanente de Inovação Educacional (9º ENFOPE/10º FOPIE), v. 9, n. 1, 2016.

SILVA, F. F; RIBEIRO, P. R. C. **Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher"**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SAITOVITCH, E. M. B; et al. (Org.). **Mulheres na física: casos históricos, panoramas e perspectivas**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

TOREJANI, A. T. C; BATISTA, I. L. **As relações de gênero no ensino de Ciências e no contexto escolar: uma busca, revisita e análise à luz de referenciais teóricos**. II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos educadores

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru

Faculdade de Ciências

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa conduzida por Paula Santos Orofino, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – campus de Bauru), sob orientação da Profa. Dra. Alice Assis. O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as concepções dos professores de Ciências da Natureza da rede estadual de ensino do município de Campo Grande a respeito do Programa Escola sem Partido, com ênfase ao que se refere à Ideologia de Gênero e a escolha dos estudantes por carreiras científicas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista com gravação de áudio e resposta a um questionário. A participação nesse estudo é voluntária e você tem absoluta liberdade em não participar ou desistir a qualquer momento. Todas as informações coletadas são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade, a qual será mantida em sigilo na publicação dos resultados.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra da pesquisadora responsável. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora por celular (14)98169-8140 ou e-mail (paula.orofino@gmail.com).

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Cidade/Estado, _____ de _____ de _____.

_____
Pesquisadora: Paula Santos Orofino

_____
Orientadora: Profa. Dra. Alice Assis

_____
Participante: _____
Escola Estadual _____

APÊNDICE B – Questionário respondido pelos educadores

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru

Faculdade de Ciências

QUESTIONÁRIO

1. Nome: _____

2. Escola Estadual: _____

3. Disciplina(s) que leciona: _____

4. Formação profissional:

a) Curso de graduação/instituição/ano: _____
_____

b) Curso de pós-graduação/instituição/ano: _____
_____

5. Tempo de atuação como professor: _____

6. Telefone para contato: _____

7. E-mail: _____

8. Observações: _____
_____
_____

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semi-estruturada

1. Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?

2. Esse programa está presente na sua escola?

3. O que você entende por Gênero?

4. O que seria Ideologia de Gênero?

5. Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?

6. Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?

7. Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

APÊNDICE D – Material de apoio disponibilizado aos educadores antes da entrevista

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru

Faculdade de Ciências

Ideologia de Gênero e a Programa Escola sem Partido

O Projeto de Lei do Senado nº193 de 2016 dispõe sobre a inclusão do "Programa Escola sem Partido" entre as diretrizes e bases da educação nacional. Nesse documento, o parágrafo único do segundo artigo estabelece:

> O Poder Público não se imiscuirá na opção sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer, precipitar ou direcionar o natural amadurecimento e desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da **teoria ou ideologia de gênero** (Projeto de Lei do Senado nº193 de 2016, grifo nosso).

Em 2009, o governo ofereceu o curso Gênero e Diversidade na Escola para profissionais da educação do Ensino Fundamental da rede pública. No material de apoio utilizado nesse curso, há o seguinte trecho:

> Os modelos de homem e de mulher que as crianças têm à sua volta, na família e na escola, apresentados por pessoas adultas, influenciarão a construção de suas referências de gênero. Quando a menina e o menino entram para a escola, já foram ensinados pela família e por outros grupos da sociedade quais são os "brinquedos de menino" e quais são os "brinquedos de meninas". Embora não seja possível intervir de forma imediata nessas aprendizagens no contexto familiar e na comunidade, a escola necessita ter consciência de que sua atuação não é neutra. Educadores e educadoras precisam identificar o currículo oculto que contribui para a perpetuação de tais relações. A escola tem a responsabilidade de não contribuir para o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade dominante, como gays, travestis e lésbicas, por exemplo. Por isso, educadores e educadoras são responsáveis e devem estar atentos a esse processo (BRASIL, 2009, p. 50).

REFERÊNCIAS

DISTRITO FEDERAL. Senado Federal. Projeto de Lei do Senado nº 193 de 2016. Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, o "Programa Escola sem Partido". Disponível em: < https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=125666 >. Acesso em: 20 mar. 2017. Texto Original.

BRASIL. Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2 009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

APÊNDICE E – Quadros sínteses que apresentam o corpus com relação a cada educador entrevistado

Entrevista: EMB1

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: especialização;
- Tempo de docência: 3 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, já ouviu falar.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não está presente.
3 – O que você entende por Gênero?	Masculino e feminino.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A pessoa não segue o padrão do masculino e feminino do sexo de nascença. Está relacionado à sexualidade.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	São iguais e ambos podem desenvolver qualquer atividade e profissão. Porém, isso não acontece.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Possuem as mesmas dificuldades, mas oportunidades não. Na área da Biologia, os homens são mais aceitos do que mulheres para trabalhos de campo. Há uma preferência dos orientadores por homens para desempenhar essa atividade.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	As mulheres estão à frente, o que não é uma realidade em todas as áreas. Há mais homens e eles são mais aceitos no mercado de trabalho.

Entrevista: EMB2

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 3 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Sim, já conhecia por meio de folhetos informativos do sindicato.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Pergunta não feita pela pesquisadora.
3 – O que você entende por Gênero?	É a escolha de identidade da pessoa em relação ao gênero, não sendo reduzido apenas a masculino e feminino. Está relacionado à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	Não soube responder, mas tem o palpite de que esteja relacionado à homossexualidade.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Ambos podem ter qualquer papel.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Possuem as mesmas oportunidades e dificuldades.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	As mulheres estão muito mais atuantes hoje em dia. Há muitas mulheres como professoras na universidade.

Entrevista: EMB3

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: doutorado;
- Tempo de docência: 11 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Sim, já ouviu falar e leu algo a respeito.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Sem resposta.
3 – O que você entende por Gênero?	Escolha do sexo. Está relacionado à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	Liberdade da escolha do gênero, não apenas do que é registrado como masculino e feminino.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Não há definição, pois ambos podem realizar os mesmos trabalhos, embora isso não esteja presente na sociedade.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Não, pois há muito preconceito com as mulheres, por exemplo, relacionado à incapacidade delas em lidar com trabalhos de campo.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Há mais mulheres do que homens, porém os homens são mais premiados. Há preconceito com as mulheres no meio acadêmico, por exemplo, orientadores que não orientam mulheres, porque elas se envolvem com trabalho de casa, casam e têm filhos.

Entrevista: EHB4

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 4 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Sim, já ouviu falar e há uma discussão a respeito proposta pelo sindicato.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não, o tema só chegou até o sindicato.
3 – O que você entende por Gênero?	Sexo masculino e feminino.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	É acreditar em um liberalismo em que a pessoa decide o que quer ser, independente de ser do sexo feminino ou masculino.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Há uma busca pelo equilíbrio de oportunidades para homens e mulheres, embora ainda se tenha muitas desigualdades. Ambos possuem os mesmos papéis. Exemplo de busca por igualdade entre os gêneros na política, identificado pelo educador como um discurso de “vitimismo”.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	As mulheres possuem as mesmas oportunidades. O educador relata que não há diferença salarial no sistema educacional. Talvez haja dificuldades no setor privado (empresas), a exemplo de a mulher ter um chefe machista. O acesso à escola e à universidade é equivalente.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Os cursos de licenciatura atraem mais a mulher, talvez pela questão da afetividade ligada a ela. A maior parte dos pesquisadores e cientistas é formada por homens, pois as mulheres não têm tanto espaço.

Entrevista: EMB5

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: doutorado;
- Tempo de docência: 2 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, já ouviu falar.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não está presente.
3 – O que você entende por Gênero?	Como professora de Biologia, a educadora define gênero como uma categoria taxonômica (refere-se à classificação dos seres vivos). Não está relacionado ao sexo e nem à sexualidade de uma pessoa.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A ideologia está relacionada a uma forma de pensamento da sociedade. A educadora não define o que seria Ideologia de Gênero, mas tem a impressão de que não seja uma coisa boa.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Os dois têm a mesma capacidade e como agentes da sociedade e cidadãos, assim não deveriam existir diferenças. Porém há diferenças estabelecidas pela sociedade entre o que um pode fazer e o outro não.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Não possuem as mesmas dificuldades e oportunidades. Há um predomínio de oportunidades e facilidades para quem é homem. A educadora percebeu isso durante a sua pós-graduação, em que essas diferenças são mais presentes e predominantes.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	A presença de mulheres é muito pequena ainda e os trabalhos das mulheres não possuem o mesmo mérito na academia. Há mais presença de homens na carreira acadêmica e científica.

Entrevista: EMB6

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: graduação;
- Tempo de docência: 1 ano.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Não conhecia, mas já ouviu falar.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não percebe a presença do programa, pois leciona há pouco tempo e costuma fazer substituições.
3 – O que você entende por Gênero?	Gênero é uma escolha pessoal que está relacionada à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A Ideologia de Gênero condiz com o respeito à escolha do gênero das pessoas.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	A sociedade ainda é bem tradicional. O homem é o mais forte, o que provêm o sustento e trabalha. Já a mulher é a que fica em casa e pode trabalhar, mas está submissa ao homem. A educadora não concorda com essa definição de papéis.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	As mulheres e os homens possuem as mesmas oportunidades e dificuldades, o que é diferente comparado a outras áreas, por exemplo, a área de engenharia em que não há aceitação de mulheres.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Há muitas mulheres na carreira científica da mesma forma que há muitos homens também.

Entrevista: EMB7

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: graduação;
- Tempo de docência: 12 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Não, nunca ouviu falar.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não.
3 – O que você entende por Gênero?	Gênero é a separação dos seres vivos em masculino e feminino. Independe da sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	Não soube responder.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Hoje os papéis são iguais e está melhor que antigamente, embora ainda existam alguns preconceitos. Exemplo disso é a diferença salarial entre homens e mulheres.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	As oportunidades não são as mesmas, pois para a mulher ainda é mais difícil devido à maternidade e à família, o que não influencia e dificulta tanto o acesso a oportunidades para os homens.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Há muitas mulheres nessa área e elas estão se dedicando à faculdade e ao mestrado antes de se casarem e terem filhos, o que seria uma vantagem segundo a educadora. A dificuldade que pode existir tanto para mulher quanto para o homem é a condição econômica e apoio familiar para se dedicar aos estudos.

Entrevista: EMF1

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 15 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, já ouviu falar.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não há presença do programa de forma institucionalizada, mas de forma informal sim. A educadora possui uma concepção a respeito do programa.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero está ligado à parte fisiológica, homem e mulher, sexo feminino e masculino.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A Ideologia de Gênero é a questão das ações, atitudes e comportamento de um determinado indivíduo. O indivíduo que é homem se comporta, tem princípios e valores de homens e vice e versa para a mulher.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Homem e mulher possuem papéis específicos e diferentes no contexto familiar. Já no contexto profissional, os papéis são iguais. A educadora discorda da igualdade de gênero.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	As oportunidades são as mesmas, por exemplo, oportunidades de emprego e de bolsas de estudos. Pessoalmente, ela sofreu preconceito dos colegas de graduação por estudar física e se interessar pela área de ensino.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	A participação das mulheres é maior comparada com outros tempos. Antigamente as mulheres eram desencorajadas a seguir carreiras científicas e seus nomes não eram divulgados.

Entrevista: EHF2

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: graduação;
- Tempo de docência: 19 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Não, apenas ouviu falar em grupos de whatsapp e comentários de professores.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não está presente. Há uma concepção relacionada ao programa.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero é apenas uma classificação.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	É uma classificação ideológica.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Os papéis do homem e da mulher na sociedade são regidos pelo respeito, o qual assegura e garante os seus direitos. Há um exemplo pessoal, em que o educador relata que as tarefas domésticas são realizadas de forma geral pela esposa, devido a sua formação, e que ele sempre tenta ajuda-la.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Há um interesse maior por parte dos homens na área de Física. Em relação à oportunidade e dificuldade, o educador faz referência à competência e condições socioeconômicas de cada um.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	A presença das mulheres nas carreiras científicas é promissora. A procura das mulheres por essas carreiras é regida por uma questão social, por exemplo, as mulheres não optam por cursar física, porque é mais bonito ser arquiteta ou engenheira, por exemplo.

Entrevista: EHF3

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: graduação;
- Tempo de docência: 11 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não respondeu se percebe ou não a presença do programa na escola, mas o educador sabe de um projeto de lei que estava em andamento no município em que leciona. Há uma concepção relacionada ao programa.
3 – O que você entende por Gênero?	Em uma visão mais antiga, o gênero é a distinção entre homem e mulher. Hoje em dia, o educador identifica que não é mais algo biológico e sim algo mais social.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	O educador preferiu não responder a essa pergunta, pois não sabe sobre o assunto.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Há uma questão cultural em que a criação dos filhos é responsabilidade da mulher, o que muda com a sociedade moderna. Ambos são iguais e têm que ter as mesmas chances na vida por educação e formação profissional, porém o educador reconhece que as mulheres acabam adiando a maternidade para constituir uma carreira profissional.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	A oportunidade é a mesma para todos, porém pode haver preconceito em relação às mulheres no mercado de trabalho.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Talvez por uma questão cultural, há mais homens do que mulheres, sendo uma área dominada pelos homens.

Entrevista: EHF4

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: graduação;
- Tempo de docência: 4 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	O programa não está presente, embora tenham tentado implantar. Há uma concepção em relação ao programa.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero é uma parte do ser, uma tendência natural da criança que não é uma opção nem uma construção social. É algo a mais do que homem e mulher, relacionado à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A Ideologia de Gênero seria uma crítica fundamentada principalmente pelas bancadas mais religiosas contra a doutrinação de diversos gêneros. O educador não acredita que a doutrinação exista.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Os dois desempenham os mesmos papéis na sociedade e possuem a mesma importância. Há algumas necessidades diferentes entre os dois, por exemplo, a gestação, em que deve ter uma lei que ampare as mulheres.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	As oportunidades não são iguais, porque há muito preconceito velado, por exemplo, de pessoas que acham que as mulheres que são professoras devem lecionar nos anos iniciais da educação básica e não em disciplinas mais científicas.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Na época de graduação havia mulheres no curso de física, mas elas acabavam desistindo porque não era muito fácil. Ainda há preconceito com as mulheres na área científica. Com relação à área de física, às vezes a família não apoia por não saber o que uma pessoa formada na área faz e que por falta de opção ela se torna professor. Há alguns problemas relacionados às concepções que as pessoas têm da física e da ciência.

Entrevista: EHF5

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 14 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, conheceu pela imprensa e procurou se informar a respeito.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não respondeu se percebe ou não a presença do programa na escola, mas relatou que houve uma movimentação na cidade no ano anterior contra a ideia do Programa Escola sem Partido. Há uma concepção relacionada ao programa.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero está relacionado à sexualidade. É preciso tratar todos de forma igual, independente da orientação sexual. Ele deixou de fazer brincadeiras na sala de aula que se referiam à orientação sexual. Em relação aos filhos, há um anseio que sejam heterossexuais, caso contrário, não desprezaria um filho por essa razão.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A ideologia de gênero está relacionada ao fato de deixar a criança decidir se vai ser menino ou menina. O educador não concorda com isso, pois percebe que há diferença entre meninos e meninas ao fazer comparação com as personalidades dos seus filhos. Como pai, ele diz ao filho que é menino pelo fato de ter nascido homem.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Tanto homem quanto mulher possuem os mesmos papéis para o desenvolvimento da sociedade.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Com relação à área da educação, os alunos respeitam mais os professores do que as professoras. Não há distinção de salário na educação. Na época de graduação, no curso de bacharelado só tinha homens e na licenciatura tinha mais mulheres. Na área do bacharelado, as mulheres têm as mesmas oportunidades que os homens. O educador relata que em um evento de iniciação científica, uma colega sofreu assédio de um professor da pós-graduação que lhe ofereceu bolsa de doutorado.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Há bastante atuação das mulheres na carreira científica.

Entrevista: EMQ1

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 7 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Sim.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não há a presença do programa. No estado tentaram implementar a Lei da Mordaça e na época ela fez parte de passeatas contra a aprovação dessa lei. Há uma concepção relacionada ao programa.
3 – O que você entende por Gênero?	Masculino e feminino, relacionado à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	Pela Ideologia de Gênero um homem poderia ser chamado pelo nome de uma mulher, sendo necessária a idealização dessa pessoa como outra. A educadora usa o exemplo de alunos que possuem nome social.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Homens e mulheres possuem papéis iguais, embora haja profissões em que as mulheres recebem menos por ser mulher.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Homens e mulheres possuam as mesmas oportunidades e dificuldades. As diferenças estão relacionadas ao tempo de serviço, ou seja, aqueles que têm mais tempo de serviço possuem maior facilidade no mercado de trabalho.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	A participação das mulheres é crescente.

Entrevista: EHQ2

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 4 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?	Sim, já tinha ouvido falar e leu algo a respeito.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Não há presença do programa na escola.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero é a diferenciação biológica entre feminino e masculino, relacionado também à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A Ideologia de Gênero está relacionada à escolha da pessoa por um gênero, podendo ser o de nascença ou não.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Os papéis são iguais, pois todos possuem as mesmas responsabilidades. Há diferença em relação à força física do homem e da mulher. O educador reconhece que na sociedade os papéis são diferentes, devido ao fato de a mulher ser definida como hipossuficiente.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Ambos possuem as mesmas oportunidades, mas as dificuldades são diferentes. Na área da educação os homens possuem mais dificuldades para encontrar emprego, pois as mulheres são mais atentas, seguras, delicadas. Em outras áreas da química é o contrário, as mulheres têm mais dificuldade (situação específica).
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Com base na carreira científica relacionada à química, há muitas mulheres e elas dominam o campo de forma brilhante.

Entrevista: EMQ3

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: graduação;
- Tempo de docência: 30 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Não.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Pergunta não feita na entrevista.
3 – O que você entende por Gênero?	É como a pessoa se aceita e acha que é. Está relacionado ao masculino e ao feminino e à sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A educadora não definiu o que seria Ideologia de Gênero. Disse que hoje as coisas relacionadas a gênero estão mais esclarecidas, embora ainda exista preconceito.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Ambos possuem o mesmo papel, embora na sociedade esses papéis dependam de questões socioeconômicas.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Na área de exatas, os homens são considerados mais inteligentes. Há preconceito com as mulheres nessa área.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	As mulheres estão crescendo muito e se aperfeiçoando profissionalmente. A mulher possui várias funções ao mesmo tempo, talvez pelo instinto da maternidade.

Entrevista: EHQ4

- Sexo: homem;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 6 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, já conhecia de ouvir falar e no município em que leciona já teve algumas discussões.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	O educador diz que está, mas quando explica como identifica isso, apresenta uma concepção do programa que não condiz com a presença dele na escola. Relato de influência religiosa na escola.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero é a possibilidade de uma pessoa ser aquilo que ela opta e acha melhor, ou seja, um menino não precisa ser necessariamente um homem porque nasceu assim.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	Na opinião do educador, a Ideologia de Gênero está relacionada a uma orientação de gênero do indivíduo, que não deve ser imposta pela família e pela sociedade, e sim formada pelos próprios indivíduos.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Ambos possuem papéis fundamentais na sociedade, embora o educador reconheça que no país a mulher ainda sofre discriminação. O educador lamenta essa situação e diz que acredita na evolução do ser humano.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades. No que se refere ao respeito dos alunos para com o professor, as mulheres têm mais dificuldades que os homens.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	Hoje em dia as mulheres estão contribuindo mais e têm maior interesse na carreira científica. Na época de graduação havia mais mulheres do que homens e os professores davam preferência para trabalhar com mulheres devido a suas três virtudes: dedicação, comprometimento e capricho.

Entrevista: EMQ5

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: especialização;
- Tempo de docência: 20 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, já ouviu falar.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Pergunta não feita na entrevista.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero é masculino e feminino, aquilo que o indivíduo traz na sua certidão de nascimento.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A Ideologia de Gênero remete a um debate mais profundo em que a pessoa tem o direito de fazer escolhas com relação a sua sexualidade, independente do sexo biológico.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Ambos possuem os mesmo papéis e precisam ter acesso ao conhecimento e se profissionalizar, trabalhar, dar opinião, independente do sexo.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	A dificuldade é uma questão pessoal. A educadora relata que durante a graduação havia um olhar de certo desprezo dos homens para com as mulheres nas disciplinas em que a área era predominantemente masculina (matemática e engenharia).
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	As mulheres que escolhem uma carreira científica são brilhantes e isso independe do estereótipo de mulher. O profissional se destaca por batalhar, se aprofundar e defender uma causa.

Entrevista: EMQ6

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 8 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim, já leu bastante material sobre ele, mas não conhece o programa profundamente.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Sim, a educadora percebe a presença do projeto também dentro de casa. Há uma concepção a respeito do programa.
3 – O que você entende por Gênero?	O gênero está relacionado ao masculino e feminino e à identidade da pessoa, o que não condiz com a sua sexualidade.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	A ideologia é um pensamento criado e repassado a outras pessoas. A Ideologia de Gênero é o pensamento de que todos devessem acreditar que gênero não se relaciona à sexualidade, por exemplo. A educadora não concorda com esse termo.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Não há diferença social entre homens e mulheres. Ambos possuem os mesmos papéis.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Na área da Química há uma desigualdade na questão financeira. Há o relato de um preconceito sofrido por uma mulher formada em Química, em que uma pessoa disse que ela não conseguiria um emprego por ser mulher e pequena.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	A presença das mulheres nas carreiras científicas é uma continuação do que elas sempre foram: inteligentíssimas.

Entrevista: EMQ7

- Sexo: mulher;
- Formação acadêmica: mestrado;
- Tempo de docência: 13 anos.

Questão da entrevista semi-estruturada	**Resposta do (a) educador (a)**
1 – Você conhecia o "Programa Escola sem Partido"?	Sim.
2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?	Sim, pois há a imposição de políticas públicas na escola. Há uma concepção em relação ao programa.
3 – O que você entende por Gênero?	As pessoas poder nascer com um determinado sexo e ter outro gênero que não seja o pré-estabelecido pela sociedade. Enquanto mãe, a educadora diz que a criança ao nascer deve ser identificada pelo seu sexo e o gênero pré-estabelecido, pois é natural, porém, o gênero pode ser trocado quando a pessoa quiser.
4 – O que seria Ideologia de Gênero?	Sem resposta.
5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?	Os papéis estão errados, porque as mulheres sofrem muita discriminação. Há relato de situações vivenciais.
6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?	Não. Exemplo disso é o relato que a educadora faz em que ela não conseguiu lecionar química em duas escolas da cidade por ser mulher, pois o núcleo de professores de exatas na escola era formado por homens.
7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?	A presença de mulheres nas carreiras científicas está melhorando. Segundo a educadora, na parte científica da educação, há mais mulheres na pós-graduação desenvolvendo pesquisas ao contrário da área tecnológica, em que falta e precisa da mulher.

APÊNDICE F – Quadros sínteses que apresentam o corpus com relação a cada pergunta do roteiro da entrevista semi-estruturada

Questão 1 – Você conhecia o “Programa Escola sem Partido”?

Educador (a)	Resposta
EMB1	Sim, já ouviu falar.
EMB2	Sim, já conhecia por meio de folhetos informativos do sindicato.
EMB3	Sim, já ouviu falar e leu algo a respeito.
EHB4	Sim, já ouviu falar e há uma discussão a respeito proposta pelo sindicato.
EMB5	Sim, já ouviu falar.
EMB6	Não conhecia, mas já ouviu falar.
EMB7	Não, nunca ouviu falar.
EMF1	Sim, já ouviu falar.
EHF2	Não, apenas ouviu falar em grupos de whatsapp e comentários de professores.
EHF3	Sim.
EHF4	Sim.
EHF5	Sim, conheceu pela imprensa e procurou se informar a respeito.
EMQ1	Sim.
EHQ2	Sim, já tinha ouvido falar e leu algo a respeito.
EMQ3	Não.
EHQ4	Sim, já conhecia de ouvir falar e no município já teve algumas discussões.
EMQ5	Sim, já ouviu falar.
EMQ6	Sim, já leu bastante material sobre ele, mas não conhece o programa profundamente.
EMQ7	Sim.

Questão 2 – Esse programa está presenta na sua escola ou cidade?

Educador (a)	Resposta
EMB1	Não está presente.
EMB2	Pergunta não feita pela pesquisadora.
EMB3	Sem resposta.
EHB4	Não, o tema só chegou até o sindicato.
EMB5	Não está presente.
EMB6	Não percebe a presença do programa, pois leciona há pouco tempo e costuma fazer substituições.
EMB7	Não.
EMF1	Não há presença do programa de forma institucionalizada, mas de forma informal sim. A educadora possui uma concepção a respeito do programa.
EHF2	Não está presente. Há uma concepção relacionada ao programa.
EHF3	Não respondeu se percebe ou não a presença do programa na escola, mas o educador sabe de um projeto de lei que estava em andamento no município em que leciona. Há uma concepção relacionada ao programa.
EHF4	O programa não está presente, embora tenham tentado implantar. Há uma concepção em relação ao programa.
EHF5	Não respondeu se percebe ou não a presença do programa na escola, mas relatou que houve uma movimentação na cidade no ano anterior contra a ideia do Programa Escola sem Partido. Há uma concepção relacionada ao programa.
EMQ1	Não há a presença do programa. No estado tentaram implementar a Lei da Mordaça e na época ela fez parte de passeatas contra a aprovação dessa lei. Há uma concepção relacionada ao programa.
EHQ2	Não há presença do programa na escola.
EMQ3	Pergunta não feita na entrevista.
EHQ4	O educador diz que está, mas quando explica como identifica isso, apresenta uma concepção do programa que não condiz com a presença dele na escola. Relato de influência religiosa na escola.
EMQ5	Pergunta não feita na entrevista.
EMQ6	Sim, a educadora percebe a presença do projeto também dentro de casa. Há uma concepção a respeito do programa.
EMQ7	Sim, pois há a imposição de políticas públicas na escola. Há uma concepção em relação ao programa.

Questão 3 – O que você entende por Gênero?

Educador (a)	Resposta
EMB1	Masculino e feminino.
EMB2	É a escolha de identidade da pessoa em relação ao gênero, não sendo reduzido apenas a masculino e feminino. Está relacionado à sexualidade.
EMB3	Escolha do sexo. Está relacionado à sexualidade.
EHB4	Sexo masculino e feminino.
EMB5	Como professora de Biologia, a educadora define gênero como uma categoria taxonômica (refere-se à classificação dos seres vivos). Não está relacionado ao sexo e nem à sexualidade de uma pessoa.
EMB6	Gênero é uma escolha pessoal que está relacionada à sexualidade.
EMB7	Gênero é a separação dos seres vivos em masculino e feminino. Independe da sexualidade.
EMF1	O gênero está ligado à parte fisiológica, homem e mulher, sexo feminino e masculino.
EHF2	O gênero é apenas uma classificação.
EHF3	Em uma visão mais antiga, o gênero é a distinção entre homem e mulher. Hoje em dia, o educador identifica que não é mais algo biológico e sim algo mais social.
EHF4	O gênero é uma parte do ser, uma tendência natural da criança que não é uma opção nem uma construção social. É algo a mais do que homem e mulher, relacionado à sexualidade.
EHF5	O gênero está relacionado à sexualidade. É preciso tratar todos de forma igual, independente da orientação sexual. Ele deixou de fazer brincadeiras na sala de aula que se referiam à orientação sexual. Em relação aos filhos, há um anseio que sejam heterossexuais, caso contrário, não desprezaria um filho por essa razão.
EMQ1	Masculino e feminino, relacionado à sexualidade.
EHQ2	O gênero é a diferenciação biológica entre feminino e masculino, relacionado também à sexualidade.
EMQ3	É como a pessoa se aceita e acha que é. Está relacionado ao masculino e ao feminino e à sexualidade.
EHQ4	O gênero é a possibilidade de uma pessoa ser aquilo que ela opta e acha melhor, ou seja, um menino não precisa ser necessariamente um homem porque nasceu assim.
EMQ5	O gênero é masculino e feminino, aquilo que o indivíduo traz na sua certidão de nascimento.
EMQ6	O gênero está relacionado ao masculino e feminino e à identidade da pessoa, o que não condiz com a sua sexualidade.
EMQ7	As pessoas podem nascer com um determinado sexo e ter outro gênero que não seja o pré-estabelecido pela sociedade. Enquanto mãe, a educadora diz que a criança ao nascer deve ser identificada pelo seu sexo e o gênero pré-estabelecido, pois é natural, porém, o gênero pode ser trocado quando a pessoa quiser.

Questão 4 – O que seria Ideologia de Gênero?

Educador (a)	Resposta
EMB1	A pessoa não segue o padrão do masculino e feminino do sexo de nascença. Está relacionado à sexualidade.
EMB2	Não soube responder, mas tem o palpite de que esteja relacionado à homossexualidade.
EMB3	Liberdade da escolha do gênero, não apenas do que é registrado como masculino e feminino.
EHB4	É acreditar em um liberalismo em que a pessoa decide o que quer ser, independente de ser do sexo feminino ou masculino.
EMB5	A ideologia está relacionada a uma forma de pensamento da sociedade. A educadora não define o que seria Ideologia de Gênero, mas tem a impressão de que não seja uma coisa boa.
EMB6	A Ideologia de Gênero condiz com o respeito à escolha do gênero das pessoas.
EMB7	Não soube responder.
EMF1	A Ideologia de Gênero é a questão das ações, atitudes e comportamento de um determinado indivíduo. O indivíduo que é homem se comporta, tem princípios e valores de homens e vice e versa para a mulher.
EHF2	É uma classificação ideológica.
EHF3	O educador preferiu não responder a essa pergunta, pois não sabe sobre o assunto.
EHF4	A Ideologia de Gênero seria uma crítica fundamentada principalmente pelas bancadas mais religiosas contra a doutrinação de diversos gêneros. O educador não acredita que a doutrinação exista.
EHF5	A ideologia de gênero está relacionada ao fato de deixar a criança decidir se vai ser menino ou menina. O educador não concorda com isso, pois percebe que há diferença entre meninos e meninas ao fazer comparação com as personalidades dos seus filhos. Como pai, ele diz ao filho que é menino pelo fato de ter nascido homem.
EMQ1	Pela Ideologia de Gênero um homem poderia ser chamado pelo nome de uma mulher, sendo necessária a idealização dessa pessoa como outra. A educadora usa o exemplo de alunos que possuem nome social.
EHQ2	A Ideologia de Gênero está relacionada à escolha da pessoa por um gênero, podendo ser o de nascença ou não.
EMQ3	A educadora não definiu o que seria Ideologia de Gênero. Disse que hoje as coisas relacionadas a gênero estão mais esclarecidas, embora ainda exista preconceito.
EHQ4	Na opinião do educador, a Ideologia de Gênero está relacionada a uma orientação de gênero do indivíduo, que não deve ser imposta pela família e pela sociedade, e sim formada pelos próprios indivíduos.
EMQ5	A Ideologia de Gênero remete a um debate mais profundo em que a pessoa tem o direito de fazer escolhas com relação a sua sexualidade, independente do sexo biológico.

EMQ6	A ideologia é um pensamento criado e repassado a outras pessoas. A Ideologia de Gênero é o pensamento de que todos devessem acreditar que gênero não se relaciona à sexualidade, por exemplo. A educadora não concorda com esse termo.
EMQ7	Sem resposta.

Questão 5 – Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?

Educador (a)	Resposta
EMB1	São iguais e ambos podem desenvolver qualquer atividade e profissão. Porém, isso não acontece.
EMB2	Ambos podem ter qualquer papel.
EMB3	Não há definição, pois ambos podem realizar os mesmos trabalhos, embora isso não esteja presente na sociedade.
EHB4	Há uma busca pelo equilíbrio de oportunidades para homens e mulheres, embora ainda se tenha muitas desigualdades. Ambos possuem os mesmos papéis. Exemplo de busca por igualdade entre os gêneros na política, identificado pelo educador como um discurso de "vitimismo".
EMB5	Os dois têm a mesma capacidade, tanto relacionada à questão de trabalho quanto como agentes da sociedade, assim não deveriam existir diferenças. Porém há diferenças estabelecidas pela sociedade entre o que um pode fazer e o outro não, como também em relação à diferença salarial.
EMB6	A sociedade ainda é bem tradicional. O homem é o mais forte, o que provém o sustento e trabalha. Já a mulher é a que fica em casa e pode trabalhar, mas está submissa ao homem. A educadora não concorda com essa definição de papéis.
EMB7	Hoje os papéis são iguais e está melhor que antigamente, embora ainda existam alguns preconceitos. Exemplo disso é a diferença salarial entre homens e mulheres.
EMF1	Homem e mulher possuem papéis específicos e diferentes no contexto familiar. Já no contexto profissional, os papéis são iguais. A educadora discorda da igualdade de gênero.
EHF2	Os papéis do homem e da mulher na sociedade são regidos pelo respeito, o qual assegura e garante os seus direitos. Há um exemplo pessoal, em que o educador relata que as tarefas domésticas são realizadas de forma geral pela esposa, devido a sua formação, e que ele sempre tenta ajuda-la.
EHF3	Há uma questão cultural em que a criação dos filhos é responsabilidade da mulher, o que muda com a sociedade moderna. Ambos são iguais e têm que ter as mesmas chances na vida por educação e formação profissional, porém o educador reconhece que as mulheres acabam adiando a maternidade para constituir uma carreira profissional.
EHF4	Os dois desempenham os mesmos papéis na sociedade e possuem a mesma importância. Há algumas necessidades diferentes entre os dois, por exemplo, a gestação, em que deve ter uma lei que ampare as mulheres.
EHF5	Tanto homem quanto mulher possuem os mesmos papéis para o desenvolvimento da sociedade.

EMQ1	Homens e mulheres possuem papéis iguais, embora haja profissões em que as mulheres recebem menos por ser mulher.
EHQ2	Os papéis são iguais, pois todos possuem as mesmas responsabilidades. Há diferença em relação à força física do homem e da mulher. O educador reconhece que na sociedade os papéis são diferentes, devido ao fato de a mulher ser definida como hipossuficiente.
EMQ3	Ambos possuem o mesmo papel, embora na sociedade esses papéis dependam de questões socioeconômicas.
EHQ4	Ambos possuem papéis fundamentais na sociedade, embora o educador reconheça que no país a mulher ainda sofre discriminação. O educador lamenta essa situação e diz que acredita na evolução do ser humano.
EMQ5	Ambos possuem os mesmo papéis e precisam ter acesso ao conhecimento e se profissionalizar, trabalhar, dar opinião, independente do sexo.
EMQ6	Não há diferença social entre homens e mulheres. Ambos possuem os mesmos papéis.
EMQ7	Os papéis estão errados, porque as mulheres sofrem muita discriminação. Há relato de situações vivenciais.

Questão 6 – Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?

Educador (a)	Resposta
EMB1	Possuem as mesmas dificuldades, mas oportunidades não. Na área da Biologia, os homens são mais aceitos do que mulheres para trabalhos de campo. Há uma preferência dos orientadores por homens para desempenhar essa atividade.
EMB2	Possuem as mesmas oportunidades e dificuldades.
EMB3	Não, pois há muito preconceito com as mulheres, por exemplo, relacionado à incapacidade delas em lidar com trabalhos de campo.
EHB4	As mulheres possuem as mesmas oportunidades. O educador relata que não há diferença salarial no sistema educacional. Talvez haja dificuldades no setor privado (empresas), a exemplo de a mulher ter um chefe machista. O acesso à escola e à universidade é equivalente.
EMB5	Não possuem as mesmas dificuldades e oportunidades. Há um predomínio de oportunidades e facilidades para quem é homem. A educadora percebeu isso durante a sua pós-graduação, em que essas diferenças são mais presentes e predominantes.
EMB6	As mulheres e os homens possuem as mesmas oportunidades e dificuldades, o que é diferente comparado a outras áreas, por exemplo, a área de engenharia em que não há aceitação de mulheres.
EMB7	As oportunidades não são as mesmas, pois para a mulher ainda é mais difícil devido à maternidade e à família, o que não influencia e dificulta tanto o acesso a oportunidades para os homens.
EMF1	As oportunidades são as mesmas, por exemplo, oportunidades de emprego e de bolsas de estudos. Pessoalmente, ela sofreu preconceito dos colegas de graduação por estudar física e se interessar pela área de ensino.
EHF2	Há um interesse maior por parte dos homens na área de Física. Em relação à oportunidade e dificuldade, o educador faz referência à competência e condições socioeconômicas de cada um.
EHF3	A oportunidade é a mesma para todos, porém pode haver preconceito em relação às mulheres no mercado de trabalho.
EHF4	As oportunidades não são iguais, porque há muito preconceito velado, por exemplo, de pessoas que acham que as mulheres que são professoras devem lecionar nos anos iniciais da educação básica e não em disciplinas mais científicas.
EHF5	Com relação à área da educação, os alunos respeitam mais os professores do que as professoras. Não há distinção de salário na educação. Na época de graduação, no curso de bacharelado só tinha homens e na licenciatura tinha mais mulheres. Na área do bacharelado, as mulheres têm as mesmas oportunidades que os homens. O educador relata que em um evento de iniciação científica, uma colega sofreu assédio de um professor da pós-graduação que

	lhe ofereceu bolsa de doutorado.
EMQ1	Homens e mulheres possuam as mesmas oportunidades e dificuldades. As diferenças estão relacionadas ao tempo de serviço, ou seja, aqueles que têm mais tempo de serviço possuem maior facilidade no mercado de trabalho.
EHQ2	Ambos possuem as mesmas oportunidades, mas as dificuldades são diferentes. Na área da educação os homens possuem mais dificuldades para encontrar emprego, pois as mulheres são mais atentas, seguras, delicadas. Em outras áreas da química é o contrário, as mulheres têm mais dificuldade (situação específica).
EMQ3	Na área de exatas, os homens são considerados mais inteligentes. Há preconceito com as mulheres nessa área.
EHQ4	Homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades. No que se refere ao respeito dos alunos para com o professor, as mulheres têm mais dificuldades que os homens.
EMQ5	A dificuldade é uma questão pessoal. A educadora relata que durante a graduação havia um olhar de certo desprezo dos homens para com as mulheres nas disciplinas em que a área era predominantemente masculina (matemática e engenharia).
EMQ6	Na área da Química há uma desigualdade na questão financeira. Há o relato de um preconceito sofrido por uma mulher formada em Química, em que uma pessoa disse que ela não conseguiria um emprego por ser mulher e pequena.
EMQ7	Não. Exemplo disso é o relato que a educadora faz em que ela não conseguiu lecionar química em duas escolas da cidade por ser mulher, pois o núcleo de professores de exatas na escola era formado por homens.

Questão 7 – Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

Educador (a)	Resposta
EMB1	As mulheres estão à frente, o que não é uma realidade em todas as áreas. Há mais homens e eles são mais aceitos no mercado de trabalho.
EMB2	As mulheres estão muito mais atuantes hoje em dia. Há muitas mulheres como professoras na universidade.
EMB3	Há mais mulheres do que homens, porém os homens são mais premiados. Há preconceito com as mulheres no meio acadêmico, por exemplo, orientadores que não orientam mulheres, porque elas se envolvem com trabalho de casa, casam e têm filhos.
EHB4	Os cursos de licenciatura atraem mais a mulher, talvez pela questão da afetividade ligada a ela. A maior parte dos pesquisadores e cientistas é formada por homens, pois as mulheres não têm tanto espaço.
EMB5	A presença de mulheres é muito pequena ainda e os trabalhos das mulheres não possuem o mesmo mérito na academia. Há mais presença de homens na carreira acadêmica e científica.
EMB6	Há muitas mulheres na carreira científica da mesma forma que há muitos homens também.
EMB7	Há muitas mulheres nessa área e elas estão se dedicando à faculdade e ao mestrado antes de se casarem e terem filhos, o que seria uma vantagem segundo a educadora. A dificuldade que pode existir tanto para mulher quanto para o homem é a condição econômica e apoio familiar para se dedicar aos estudos.
EMF1	A participação das mulheres é maior comparada com outros tempos. Antigamente as mulheres eram desencorajadas a seguir carreiras científicas e seus nomes não eram divulgados.
EHF2	A presença das mulheres nas carreiras científicas é promissora. A procura das mulheres por essas carreiras é regida por uma questão social, por exemplo, as mulheres não optam por cursar física, porque é mais bonito ser arquiteta ou engenheira, por exemplo.
EHF3	Talvez por uma questão cultural, há mais homens do que mulheres, sendo uma área dominada pelos homens.
EHF4	Na época de graduação havia mulheres no curso de física, mas elas acabavam desistindo porque não era muito fácil. Ainda há preconceito com as mulheres na área científica. Com relação à área de física, às vezes a família não apoia por não saber o que uma pessoa formada na área faz e que por falta de opção ela se torna professor. Há alguns problemas relacionados às concepções que as pessoas têm da física e da ciência.
EHF5	Há bastante atuação das mulheres na carreira científica.
EMQ1	A participação das mulheres é crescente.
EHQ2	Com base na carreira científica relacionada à química, há muitas mulheres e elas dominam o campo de forma brilhante.

EMQ3	As mulheres estão crescendo muito e se aperfeiçoando profissionalmente. A mulher possui várias funções ao mesmo tempo, talvez pelo instinto da maternidade.
EHQ4	Hoje em dia as mulheres estão contribuindo mais e têm maior interesse na carreira científica. Na época de graduação havia mais mulheres do que homens e os professores davam preferência para trabalhar com mulheres devido a suas três virtudes: dedicação, comprometimento e capricho.
EMQ5	As mulheres que escolhem uma carreira científica são brilhantes e isso independe do estereótipo de mulher. O profissional se destaca por batalhar, se aprofundar e defender uma causa.
EMQ6	A presença das mulheres nas carreiras científicas é uma continuação do que elas sempre foram: inteligentíssimas.
EMQ7	A presença de mulheres nas carreiras científicas está melhorando. Segundo a educadora, na parte científica da educação, há mais mulheres na pós-graduação desenvolvendo pesquisas ao contrário da área tecnológica, em que falta e precisa da mulher.

APÊNDICE G – Transcrições das entrevistas feitas com os educadores

Legenda:

- P – Pesquisadora
- M – Mulher
- H – Homem
- E – Educador(a)
- B – Biologia
- F – Física
- Q – Química

Entrevista: Educadora de Biologia 1 (EMB1)

P: A primeira pergunta é: você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMB1: Eu já tinha ouvido falar, mas não assim... profundamente. Assim, não li sobre, só o que eu vejo assim, jornal e.. mas bem superficial.
P: Você sabe me dizer se esse programa de alguma forma está presente na sua escola ou na sua cidade?
EMB1: Bem, aqui na escola eu.. assim, eu não sei se já está presente, mas, por exemplo, a gente vai ter uma eletiva que vai debater sobre questões políticas e religiosas. Entendeu? Que é uma.. A eletiva é a que o aluno escolhe fazer aquela matéria.
P: Entendi. E isso para o ano que vem?
EMB1: Não, agora no segundo semestre. Então acho que, né, se a gente vai debater sobre nessa, especificamente nessa eletiva acho que ainda não está implantado.
P: O que você entende por gênero?
EMB1: Gênero é tipo, difícil explicar, né? É que assim eu acho que gênero é aquele, tipo, masculino e feminino.
P: O que seria ideologia de gênero?
(Silêncio)
P: Alguma coisa por trás do masculino e feminino? Alguma coisa relacionada a isso?
EMB1: É, sim. Relacionado a isso, mas eu acho que daí abre um leque de possibilidades.
P: Como assim, um leque de possibilidades?
EMB1: Por exemplo, o masculino nem sempre a pessoa nasceu naquele sexo, mas não, tipo assim, não se identifica ou né, não tem certas preferências que, digamos, é o padrão do masculino ou do feminino, entendeu?
P: Então a ideologia de gênero estaria mais relacionada a questão de sexualidade ou não?
EMB1: Eu acredito que sim, não só assim, relacionado ao sexo, mas também ao comportamento da pessoa e a visão de mundo que ela tem. Assim, na minha concepção.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMB1: Pra mim, eles deveriam ser iguais, mas a gente sabe que não são, né? Hoje eu não acredito que não existe mais esse negócio de a mulher faz, tipo,

só tem certas profissões ou só faz certas atividades. Eu acho que todos já estão, são capazes né, de fazer qualquer atividade independente da complexidade, da força que precise, eu acho que deveria ser tudo igual. Apesar de não ser.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMB1: As mesmas dificuldades, mas oportunidades não.
P: Por que você diz isso?
EMB1: Porque, por exemplo, é mais fácil, no caso da biologia, quem vai pra campo, é mais fácil um homem ir do que uma menina.
P: Mas isso por escolha ou por questões externas?
EMB1: Questões externas, porque eu já tive, é, já tive colegas que, por exemplo, iam fazem estágio na Embrapa e ai o orientador, muitas vezes, só pegava meninos, por conta de que tinha que ir pra campo e tal. Raramente pegava meninas, mas ai havia uma certa pressão psicológica dos orientadores com relação às meninas. Oh, você tah.. tipo assim, te escolhi mas você vai ter que ser digamos assim, forte, entendeu? Essa questão. Lá tem muito. Antes talvez da pessoa ser chamada. Oh, lá tem mosquito, lá tem isso, tem aquilo, entendeu? Você não pode tá, tem que deixar o emocional de lado, como coisa que o homem não tem emocional, né? Mas, essa questão.
P: Deveriam ser orientações para ambos.
EMB1: É, entendeu? Mas as meninas sofriam mais quando tinha que ir pra campo.
P: Como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EMB1: Como assim?
P: Pode ser uma questão qualitativa, quantitativa.
EMB1: Ah sim. Quantitativo. Na verdade. Bem, o que eu geralmente pesquiso né, sempre são mulheres que estão a frente, mas eu sei que não é a realidade, né, de todas as áreas, é relacionada a ciência, né. Mas é, ambos pra mim tem a mesma capacidade.
P: Sim, mas assim, em questão de..
EMB1: Um é melhor que o outro?
P: Não, de quantidade. Se você percebe mais mulheres, mais homens ou é equiparado, é igual a quantidade de pessoas trabalhando nessas áreas.
EMB1: Geralmente é mais homens mesmo.
P: E isso você acredita que seria por escolha da pessoa, os homens com mais interesse ou por uma questão que seja mais externa.
EMB1: Externa, eu acho. Na seleção, ás vezes, né.
P: Por uma questão de oportunidade?
EMB1: Oportunidade, porque apensar de, por exemplo, a minha turma ter mais meninas, hoje em dia os meninos estão mais bem empregados do que as meninas e fizeram o mesmo curso e tiveram as mesmas oportunidades. Muitas vezes as meninas faziam estágio, mais do que os meninos, mas quando chega no mercado de trabalho, eles são, digamos, mais aceitos. Não sei o motivo.
P: Entendi. Ok, eu agradeço muito a participação.
EMB1: Obrigada.

Entrevista: Educadora de Biologia 2 (EMB2)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMB2: Sim, conhecia.
P: Já leu algumas coisas sobre?
EMB2: Poucas coisas.
P: Esse programa está presente de alguma forma na sua cidade ou na escola?
EMB2: Só, eu conheci na escola através de informativos, folhetos informativos e também através de algumas informações que o sindicato passou.
P: E eles passaram isso em que época? Já faz um tempo?
EMB2: Faz um, não, faz já mais de um ano, com certeza.
P: Eles passaram material?
EMB2: Foi folhetos. Só que não foi diretamente na escola, tinha um e eu peguei, no caso, né.
P: O que você entende por gênero?
EMB2: Gênero. Gênero, pra mim, é a escolha da identidade da pessoa. Isso que é o gênero. A escolha do seu gênero. É porque, biologia pra mim, né, é masculino e feminino, mas eu sei que tem umas outras áreas em que, no caso, é a pessoa qual vai ser, o que ela vai seguir, né.
P: Pra você está de alguma forma relacionada a sexualidade ou não?
EMB2: Sim, com certeza. Relacionado a sexualidade.
P: E, só para especular um pouquinho mais. O que você entenderia por ideologia de gênero?
EMB2: Não faço ideia. Não sei. Ideologia de gênero, não sei. A palavra, eu penso em questão de homossexualidade, mas o que quer dizer, eu não sei.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMB2: Eu acho que ambos podem ter qualquer papel. Não tem muito...
P: Mas do jeito, assim, como a sociedade se encontra hoje, você não vê distinção entre os papéis de cada um?
EMB2: Eu não, onde eu vivo, eu não presencio essa distinção, mas eu sei que ela existe, porque a gente lê, assiste jornais e tal. Mas eu não presencio isso no meu dia a dia, até porque a gente trabalha muito entre mulheres aqui, né. São poucos homens, então.
P: Na sua área de formação, no caso biologia, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMB2: Eu acredito que sim.
P: As mesmas, não vê distinção?
EMB2: Na área não, porque as mulheres atuam em todos os campos e os homens também. Professor, campo da pesquisa.
P: Como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EMB2: Estão muito atuantes hoje em dia, eu diria. Porque muitas professores, inclusive de universidade, que são que mais atua, né, nessa questão de pesquisa, são mulheres, né. Então eu acho que elas estão muito mais atuantes hoje.
P: Muito obrigada.
EMB2: De nada.

Entrevista: Educadora de Biologia 3 (EMB3)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMB3: Sim.
P: Já ouviu falar ou já lei sobre algo?
EMB3: Já tinha ouvido falar e já tinha lido alguma coisa a respeito.
P: Esse programa de alguma forma está presente aqui na cidade ou na escola?
EMB3: Eu nunca trabalhei com os alunos, também não sou professora da área.
P: Você fala professora da área, seria qual área que você acha que englobaria esse tipo de...
EMB3: É que eu não sou professora que entra em sala de aula, eu sou professora que auxilia em práticas. Então, por isso não trabalho os temas como qualquer outro professor. Isso não só da área de ciências, como de qualquer outra área.
P: O que você entende por gênero?
EMB3: Gênero. Gênero. Escolha, eu acho que de sexo.
P: Escolha de sexo. Você poderia especificar um pouquinho mais? O sexo estaria relacionado ao quê? Sexualidade?
EMB3: Sim, a sexualidade.
P: E pra você, o que seria Ideologia de Gênero?
EMB3: Eu acho que a liberdade da escolha do gênero. Acho que isso.
P: Estaria relacionada à Ideologia de Gênero.
EMB3: Sim, eu acho que é a liberdade de escolha, não só o que é registrado, mas a escolha.
P: Você fala a questão do registrado seria masculino e feminino?
EMB3: Sim.
P: E isso relacionado a questão de sexualidade?
EMB3: Sim.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMB3: O que um faz e o que o outro faz, isso? Eu acho que não tem definição para papéis entre homens e mulheres. Eu acho que todos podem realizar os mesmos trabalhos. Acredito nisso.
P: Você acredita que isso é presente na sociedade?
EMB3: Com certeza não é presente. Não acontece, infelizmente não.
P: Cada um tem um papel distinto. Na sua área de formação, no caso, biologia, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades? Tanto na graduação quanto na área profissional.
EMB3: Não. Não ocorre as mesmas divisões de papéis, porque na área já existe preconceito com os homens que são da área. Isso já, como pode acontecer na área das ciências, como algumas pessoas já podem ter te olhado um pouco diferente por você estar num meio onde a gente classifica algumas matérias, algumas profissões como masculinas e femininas, né. Então já com isso. Eu acho que pra tudo. Pra campo as mulheres, como eu sou bióloga, então muitos campos a gente sente preconceito, por achar que mulheres não são capazes de estar lidando com trabalhos no campo, na prática mesmo. E daí afora. São muitos os preconceitos.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

EMB3: Nós somos um número muito maior, até do que homens. Só que homens normalmente são mais premiados. Já existe um trabalho que diz que quando existe um trabalho científico que só tem mulheres, eles não são tão bem aceitos quando se tem um homem no meio publicando. Então já tem esse tipo de trabalho, né. Tem certeza que a luta é diária, constante e como nós somos em número maior, acredito que a gente possa mostrar a diferença e fazer a diferença, mas ainda sofremos. Sofremos no meio acadêmico preconceito, por achar que sempre mulher tem que aparecer, numa reunião uma mulher aparece muitas vezes falando mais alto, porque nem sempre prestam atenção numa mulher falando. E isso mesmo nós estando em número maior. E eu acho que quem está na pós-graduação acaba sofrendo também um pouco, porque mulheres tiram licença maternidade, né, e já existe muito preconceito com isso. Tem, eu já ouvi orientadores dizendo que não iam mais trabalhar com mulheres, justamente porque mulheres se envolvem em outros trabalhos, como trabalho de casa, casam, tem filhos e infelizmente a gente tem que lidar com isso. De estar na pós-graduação, lidando com pessoas pós-graduadas, com esse tipo de comportamento. Não entender que uma mulher pode ter licença maternidade.
P: Interessante. Muito obrigada.
EMB3: De nada.

Entrevista: Educador de Biologia 4 (EHB4)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHB4: Eu já ouvi falar, né, na mídia, agora na internet se fala muito sobre isso, é, principalmente após, recentemente, essa divisão direita e esquerda assim, eu ouvi falar na internet, mas assim, eu até pensei em me aprofundar, tirar um dia pra aprofundar, pra entender pra discutir isso com os professores, mas até no sindicato, que é a nossa federação aqui, né, eles estavam tratando, tiraram um dia pra tratar sobre isso, mas eu queria ter outras fontes pra aprofundar, mas eu já ouvi, já ouvi sim.
P: Esse programa de alguma forma está presente na sua cidade ou aqui na escola?
EHB4: Não, até então esse tema só chegou até o sindicato, mas assim, ouvir assim, comentários dentro do ambiente escolar sobre Escola sem Partido, não. Só externos mesmo, no ambiente não.
P: O que você entende por gênero?
EHB4: Gênero. Eu entendo por gênero sexo masculino e feminino. É até complicado, é muito complexo, porque de um tempo pra cá houve muitas mudanças e são muitos nomes, né, que tem e eu não sei nem se trata de gênero em si, né, porque pra mim o que é gênero é masculino e feminino. Agora não sei se trata de gênero, por exemplo, a questão, é, de pessoa homoafetivas, se assim, tem muitos termos. Tem termos que foram criados, né, que eu não sei se entra nesse termo de gênero. Mas pra mim, gênero masculino e feminino, né. Então, parece que hoje em dia se fala de orientações, né, mas pra mim gênero é isso.
P: E pra você, pra especular um pouquinho, o que seria Ideologia de Gênero?
EHB4: Ideologia de Gênero. Então, olha, sincero, o que eu ouvi falar e o que eu sempre, o que eu até pesquisei, tratava muito de levar as pessoas, né, tipo uma ideologia, né, de ter uma ideia sobre determinado assunto e levar aquelas pessoas a acreditar naquela ideia. Então, vamos supor, a ideologia de gênero, é, acreditar assim, vamos supor, num liberalismo. Você é um homem, você é mulher, você teve gênero, mas você decide o que você você quiser ser, você não é obrigado, né. Então assim, como uma orientação, né, uma ideia que acaba orientando aquelas pessoas que estão ali. Então, assim, mais ou menos isso que é essa ideologia. São ideias que foram criadas pra orientar, né, sobre esse tema, que é o de gênero. E isso é possível ver nas escolas, assim, que hoje em dia tem muitos alunos: “ah, professor, olha ali, ele é gay”, “a professor, eu vou processar ele”, “ah não, mas é ideologia”. Esses dias eu vi no primeiro ano, “olha aí a ideologia de gênero”. Eu nem, como assim ideologia de gênero? O que tem a ver o que você tá falando? Mas uma menina, porque eu percebo, assim, que as meninas, principalmente, não sei se é pela internet e muitas tem se tornado assim, que o grupo assim, feministas, né. Então elas entendem de todos os termos e o guri fala alguma coisa pra elas, vixe, elas detonam eles nos argumentos, né. Assim, que eu dessa ideologia de gênero é isso, né, mas eu não tenho muito aprofundamento sobre isso não.
P: Tudo bem. Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHB4: Olha, hoje em dia eu defino, é, muitos dizem que, é claro que existem desigualdades, né, muitas desigualdades ainda, mas, é, percebe-se que de um

tempo pra cá houve uma, um equilíbrio, né, vem sendo proporcionado pras mulheres também um equilíbrio, né, de oportunidades. Eu tenho, por exemplo, eu com minha esposa, um papel assim, pra mim, lá em casa assim, nós temos os mesmos, quase os mesmos papéis, né. Não tem esse de eu como o supridor e ela como a doméstica. Não, não no sentido assim. Mas até eu estava brincando esses dias, ela estava, ela não tava trabalhando, né, é que na verdade ela trabalha com estética, então, muitas vezes ela não tem cliente no dia e eu tava falando assim, bom, e eu trabalho o dia inteiro, né, eu até tava brincando com as irmãs dela, falando assim: poxa, eu chego cansado e daí chegar do dia inteiro e ter que compartilhar serviço doméstico ainda, sendo que ela ficou o dia inteiro em casa? Então assim, são coisas que, a não, mas mesmo assim tem que... acho que a questão tem que ser um combinado, né, mas assim o papel do homem e da mulher acho que é o mesmo, ambos não tem essa distinção, né, mas é, eu acho que entre, vamos supor, uma visão de casado, né, marido e mulher, é tudo uma questão de combinado. Ontem mesmo eu vi uma propaganda do partido político que fala sobre as mulheres que mais de 50% da população de mulher e não sei quantos por cento, a maioria que representam são homens. Daí, tipo, eu até parei pra pensar, peraí, se tem 50% de mulheres, porque as mulheres não conseguem eleger mulheres? Porque assim, se tem só homem, significa que as mulheres estão votando nos homens, porque os homens, é, as mulheres têm a possibilidade de votar, né, tem direito ao voto. Então, assim, são situações que dái, tem hora que eles querem jogar pra um vitimismo tipo “nós mulheres”, não sei, tem hora que penso nesse sentido. Não do modo machista, mas assim, é, até da questão do feminismo em si, tem muitas coisas que eu não concordo, né. Eu acredito que o homem e a mulher devem possuir direitos iguais e que a mulher infelizmente, né, ao longo do tempo ela foi prejudicada em muitas questões, né, mas que elas vêm sendo, né, com o tempo, supridas, vem sendo equilibradas, mas, jogar muito vitimismo, mulher sempre como vítima da sociedade, eu acho, assim, muito pesado, sabe assim, eu não concordo muito com essa visão.

P: Ok. Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades? Isso no campo profissional...

EHB4: Então, é, oportunidades e?

P: Dificuldades.

EHB4: Dificuldades. Olha, oportunidades, eu acho que na, eu vou falar pela minha área de vivência, né, pela minha convivência. É, nos ambientes que eu sempre vivo, não sei a nível de Brasil, né, a nível de mundo, a nível mundial, mas pelo menos as pessoas que eu convivo sempre, por exemplo, na minha turma da universidade, é, tinha quatro meninos, o restante eram todas mulheres. Então, assim, eu acho que oportunidade tem, né, porque assim, principalmente nessa área, é, até tinham comentado assim: “ah, mas as mulheres ainda são prejudicadas na questão salarial, não ganham, ganham menos, é, salário que o homem”. Se eu pegar e comparar o meu salário com uma professora aqui, é o mesmo salário. Não tem nenhuma distinção, né. Então, assim, são situações que eu, a partir da minha convivência, das pessoas que eu convivo, eu acredito que elas têm a mesma oportunidade, né. Agora, dificuldades pode acontecer em, acontecer de assim, em alguma empresa, né, mas assim, no setor público em si, governamental, eu acho que

as oportunidades se equivalem, né. Agora talvez em alguma empresa que o chefe lá, tem uma visão diferente, né, talvez machista e aí pode dificultar isso, né. Mas dificuldade para, é, no acesso à escola, é, acesso à universidade, eu acho que isso, tanto o homem quanto a mulher está equivalente aí.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas? Você já até falou um pouco da parte de graduação, mas assim, em carreira científica, um pouco mais amplo.
EHB4: É, as mulheres dentro da carreira científica ela, é possível observar, principalmente pelos meus professores, né. Os professores, a maior parte eram composto por homens, sim, isso é verdade. Agora não sei se tem uma relação direta por ser mulher ou por atrair a quem diga que é, dentro desses cursos, da maioria dos cursos, os cursos de licenciatura acabam atraindo mais, não sei se é pela questão da afetividade que a mulher tem, né, nessa área educacional. Agora, de carreira científica, deixa eu pensar, as... eu tinha professoras, mas é possível observar, eu acho que agora, assim, como eu te falei, assim, há uma, tem sido trilhado um caminho que é, vem... é, ficando equivalente as questões aí, de homem e de mulher, mas hoje pelo menos, na minha graduação, eu percebo que a maior parte de pesquisadores, dos cientistas mesmos, é composta por homens, né. As mulheres não têm tanto espaço. Não sei a que se deve isso, né, não sei se, porque hoje em dia eu percebo que acesso a mestrados, né, tinha muitas colegas de biologia que entraram lá no mestrado de botânica, zoologia, então assim, não sei o que a que se deve esse fato de não chegar talvez muita gente lá na pesquisa, né. Então assim...
P: Ok. Muito obrigada.
EHB4: Só isso? Nada.

Entrevista: Educadora de Biologia 5 (EMB5)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMB5: Eu já tinha ouvido falar do programa, mas assim conhecer a fundo, exatamente o quê que é esse programa de escola sem partido, não. Sinceramente não, eu tinha ouvido só falar mesmo.
P: Ele de alguma forma está presente aqui na cidade ou na escola?
EMB5: Não que eu saiba. Até onde eu sei não. Não há a presença desse programa aqui. Pelo menos, desse jeito que eu vi assim, rapidamente aqui né, não há uma presença assim explícita dele não.
P: O que você entende por gênero?
EMB5: Bom, é, como professora de biologia é uma categoria taxonômica. Nada mais que isso. É isso, não tem essa definição que fazem de gênero em relação ao sexo, né, feminino e masculino, pra mim assim, pelo que eu aprendi, falando biologicamente, não faz sentido, né. Gênero é uma categoria que a gente usa pra classificar os seres vivos, mas não tem relação nenhuma com a sexualidade. Nesse quesito, é isso.
P: E pra você o que seria ideologia de gênero?
EMB5: Com esse nome: ideologia. Ideologia a gente imagina assim que seja alguma coisa, uma forma de pensar, né, alguma coisa, alguma linha de segmentação de pensamento da sociedade, né. É dá a entender, você olhando ideologia de gênero que seja alguma coisa pra, uma linha assim, de se pensar a sociedade, mas em que sentido mais específico, não consigo elaborar uma... o que poderia ser isso de bom ou de ruim, não faço ideia, assim. Parece uma coisa não muito boa, olhando assim: ideologia de gênero. Nossa, parece uma coisa meio, sei lá.
P: Só para eu entender, quando você falou de gênero você falou da questão biológica. Você relaciona gênero a questão de quando a pessoa nasce homem e mulher ou feminino e masculino?
EMB5: Não. A espécie humana. Gênero homo, da espécie humana, homo de homo sapiens, né. Não à sexualidade, porque o gênero humano, da espécie humana, né, ele não prevê, assim, se é... ele não tá te dizendo, não tá te definindo se é homem ou mulher. Isso já é uma definição que é mais além, né. Não, não vejo dessa forma. Gênero no sentido de gênero humano, que relaciona a espécie humana, quer dizer.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMB5: Em que sentido você está?
P: No sentido social, no sentido profissional, no sentido do dia-a-dia, cotidiano. A questão dos papéis que desenvolve e desempenha.
EMB5: Olha, assim, ideologicamente, não deveria haver, assim, ideologicamente não, desculpa. Se a gente fosse pensar é na teoria, não deveria haver diferença nenhuma, mas a gente sabe que hoje na sociedade, né, há uma grande diferença ainda entre os papéis, o que que é que o homem faz e o que que a mulher faz. Mas na verdade, não deveria haver isso, né. Cada um é... todos nós temos capacidades pras mesmas coisas. Tanto pra questão de trabalho, é... enfim, tirando questões biológicas mesmo que são intimamente relacionadas assim, ao sexo masculino, ao sexo feminino, né, questão de reprodução e tudo mais. Tirando isso, como ser agente da sociedade, como cidadão, pra mim não deveria haver diferenças, né. Mas a

gente sabe que tem essa questão de gênero, né, de homem e mulher. É, muitas coisas são coisas que homem faz que mulher não deveria fazer ou coisas que mulher faz e que o homem não deve fazer. Diferenças de salário, enfim. Todas essas questões né.

P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?

EMB5: Não. Não tem as mesmas oportunidades e nem as mesmas dificuldades. A gente percebe que ainda há um grande predomínio, assim, de oportunidades e facilidades pra quem é homem, né. A gente percebe muito. Principalmente quando eu tava na pós-graduação, né, agora que eu já sai um pouco da pós-graduação, muda um pouco o ambiente, né, é, quando eu tava na pós-graduação isso era assim, bem forte né, mais predominante. Assim, uma boa diferença.

P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

EMB5: Olha, muito pequena ainda. Acho que, é, deveria ser bem maior a presença das mulheres na ciência. E olha que a gente vê tanta gente fazendo coisas legais, assim, e você pensa: puxa, porque que não tem um mérito, o mesmo mérito e eu acho que poderia ter tanta coisa boa vindo, sabe. Mas é muito pequena ainda. A maior parte que a gente vê, é, de pesquisa assim, seguindo carreira acadêmica, científica, a maior parte é masculina mesmo, que a gente pode dizer.

P: Eu agradeço a participação.

EMB5: Imagina, espero ter contribuído.

Entrevista: Educadora de Biologia 6 (EMB6)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMB6: Não.
P: Nunca tinha ouvido falar?
EMB6: Já.
P: Já tinha ouvido falar, mas não conhecia?
EMB6: Não, porque também faz pouco tempo que eu tô na escola, né. Então, é, não cheguei a perceber ainda isso.
P: Esse programa de alguma forma está presente na cidade ou na escola, você percebe?
EMB6: Então, como eu faço pequenas substituições, eu faço um mês de substituição dependendo da professora. Então aqui nessa escola, por exemplo, eu estou em uma substituição de 30 dias de ausência da professora. Então, eu não cheguei a participar de projetos, de pesquisa sobre isso, mas eu também escuto tanto em na cidade quanto na escola, como foi o que você perguntou.
P: O que você entende por gênero?
EMB6: Gênero?
P: Sim.
EMB6: É uma escolha de uma pessoa, né. É a forma como quis viver, tipo, tem vários tipos de gênero, então é uma escolha. Gênero é uma escolha, na minha opinião.
P: E o gênero estaria relacionado à sexualidade de alguma forma?
EMB6: Sim.
P: Especulando um pouquinho mais, pra você o que seria ideologia de gênero?
EMB6: Ideologia de gênero. O que eu entendo sobre ideologia de gênero?
P: Sim.
EMB6: Primeiro, é como eu disse, a pessoa ela escolhe viver da forma que ela quer viver. Então o que a gente tem que fazer, de acordo com a ideologia de gênero, é respeitar a forma dela de viver. Então ideologia de gênero é isso, é você ter respeito às pessoas.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMB6: Como eu definiria os papéis?
P: É.
EMB6: A sociedade ainda é bem tradicional, né. Se você for pensar, é, claro que a gente tá tentando inserir uma outra forma de pensar, mas se você pensar assim, realmente em como a sociedade é, ela é ainda bem tradicional. O papel do homem é sempre o mais forte, sempre aquele que vai prover o sustento, é sempre aquele que vai em busca de, é aquele que trabalha, vamos dizer assim. Você pensar no olhar da sociedade em si. E a mulher ainda, se você, não falando que hoje ainda é assim, o pensamento ainda hoje é imenso assim, a mulher é aquela que ainda fica em casa, é aquela que ainda pode trabalhar, pode, mas ela ainda está sob uma submissão muito grande com relação ao homem. É o jeito que eu ainda vejo. Não é como penso, mas é como eu vejo que acontece. Entendeu?
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMB6: Na minha área de formação eu acredito que tenha as mesmas oportunidades e dificuldades. É muito diferente, por exemplo, de uma pessoa

que trabalha como pedreiro, de uma pessoa que trabalha na engenharia, porque aí sim eu vejo uma grande diferença ainda entre os dois. É muito difícil eu conseguir enxergar, por exemplo, uma empresa de engenharia, porque o meu irmão é engenheiro, é, que ainda aceita mulheres na empresa. Então ainda eu vejo isso. Agora, mesma coisa na arquitetura. Na arquitetura, por exemplo, ainda tem grande porcentagem de mulheres na arquitetura ou de outros gêneros, é, mas é muito difícil encontrar, por exemplo, homens na arquitetura. Então é o que eu vejo nas outras, mas na área de professor não. Na área de professor está bem igual mesmo, homem e mulher ou outros gêneros também, tem bastantes oportunidades. Bastante igualdade.
P: Em questão, assim, afunilando um pouco mais, na área de biologia, seria a mesma resposta?
EMB6: A mesma resposta. Na área de educação, mesma resposta.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?
EMB6: Você fala em porcentagem?
P: É, porcentagem, mais quantidade, percepção, algum relato que você já ouviu.
EMB6: Então, com relação a porcentagem, quantidade, é bastante, tem inúmeras. Vamos dizer assim. Tem inúmeras mulheres na carreira científica. E da mesma forma que homem. Isso que eu falo, na educação é diferente, na educação eu vejo uma igualdade muito grande entre homem e mulher. Na educação. Diferente de outros lugares. Diferente de outras empresas.
P: Tá bom. Muito obrigada.
EMB6: Tá.

Entrevista: Educadora de Biologia 7 (EMB7)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMB7: Não, nunca ouvi falar.
P: Então você não percebe ele na sua cidade nem na escola?
EMB7: Não.
P: O que você entende por gênero?
EMB7: Gênero é quando nós separamos o masculino do feminino. Isso a gente encontra nos animais, nas plantas e nos seres humanos.
P: Isso de alguma forma está relacionado à sexualidade ou não?
EMB7: Não. Não. O gênero ele é independente da sexualidade da pessoa e a gente vê isso nas escolas muito nítido. Nem sempre quem tem, quem é homem, sexo masculino, se relaciona com a mulher, ou vice e versa.
P: Especulando um pouquinho mais, pra você o que seria ideologia de gênero?
EMB7: Ideologia de gênero? Ideologia? Deixa eu ver. Gênero é o masculino e o feminino. Agora quando a gente fala ideologia, não sei, não saberia te responder ideologia de gênero. Não sei.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMB7: Hoje eles são iguais, né. Eu acho que não tem tanta distinção, existe algumas, alguns preconceitos em relação de salário em muitos ambientes, mas eu acho que isso está ficando bem menos, bem menos visível do que antigamente. Hoje você vê a mulher em vários setores, homens também que a gente poderia dizer que são setores, assim, mais femininos, a gente vê também homens. Eu acho que a sociedade está mudando muito em relação a isso, né. As mulheres têm a sua capacidade e o homem também. Então eu acho que nisso, eu acho que está bem melhor que antigamente.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMB7: Mesmas oportunidades? Eu que oportunidade, às vezes, eu acho que pra mulher ainda é mais difícil, né.
P: Por quê?
EMB7: Porque, é, porque eu vejo que a mulher muitas vezes ela, ela às vezes até recebe a oportunidade, mas tem o lado dela ser mãe, de filho, eu acho que isso pesa muito mais às vezes do que pro homem. E as oportunidades, quando, eu acho que a oportunidade aparece, mas pro homem ela é mais acessível. Eu acho, eu acho que é mais acessível pro homem do que pra mulher, né. É, eu acho que existe cargos administrativos que muitas vezes, que a mulher entra, se ela está lá, ela é mais visada, ela é mais cobrada, né. Mas ela chega também, entendeu? Mas a oportunidade, eu acho que muitas vezes a mulher ela pensa nos filhos, se tem bebê, se tem criança. Eu acho que é o que pesa muitas vezes pra ela.
P: Parte familiar?
EMB7: Sim, a parte familiar.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?
EMB7: Eu acho que tem muitas, muitas que eu vejo que as meninas gostam dessa área, né. E eu acho que a dificuldade mais da mulher é a vida familiar, entendeu? Mas a gente tem uma vantagem muito grande que hoje a gente vê cada vez mais jovens, jovens jovens mesmo na faculdade, fazendo mestrado, que não são casadas, que não tem filho, entendeu? Então eu acho que o bom,

que antigamente a gente via muitas pessoas mais, que deixavam os filhos crescer pra poder começar a estudar. Então, por quê? Porque tinha a família. E hoje as meninas, a gente vê que pessoas formadas, muito, muito, muito jovens ainda, né. Então eu acho que as meninas, elas tão bem, poderiam estar melhores, né, mas, né, eu acho que o próprio país também, às vezes dificulta a renda da família, pra essa menina poder estudar, ter condições, né. Mas eu acho que em relação a... os incentivos que muitas vezes também, pra você conseguir uma bolsa de mestrado, de doutorado é complicado. Então acho que isso muitas vezes pesa, muitas vezes quando o aluno ele quer seguir carreira e muitas vezes tem que trabalhar e pra conciliar isso é difícil, e às vezes a família vem de família humilde, não pode ajudar, né. Mas eu acho que quando o aluno ele quer, ele consegue, independente de ser mulher ou homem, né, com dificuldade, sim, muitas, ás vezes, muitas, muitas, mas ele consegue, né. Ele vai depender da determinação, a família também apoiando, mesmo que sejam simples, né, acho que isso daí ajuda muito e colabora muito pra vida desse aluno.

P: Tá bom. Muito obrigada.

EMB7: Obrigada você.

Entrevista: Educadora de Física 1 (EMF1)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMF1: Conhecia de ouvir falar, nunca vi nada sistematizado deles.
P: O programa está presente de alguma forma aqui no município ou na sua escola?
EMF1: De forma institucionalizada não, mas de forma informal sim.
P: Como assim?
EMF1: É, nunca teve ninguém do programa, do Escola sem Partido aqui, mostrando o programa, vestindo a camisa, mostrando o que é, mas as concepções deles pregam a igualdade, o respeito, então, eu creio que de forma indireta, algumas ideias que eles pregam a gente tem colocado em prática. Mas não instituídas por eles, não de forma sistematizada.
P: E essas ideias estariam relacionadas a... as ideias que vocês pregam aqui na escola?
EMF1: Respeito às diferenças em relação à tolerância religiosa, coibir a violência, trabalhar com a questão do bulling, preconceito, em várias áreas né, política, religiosa, sexual, todas essas áreas a gente tenta trabalhar uma questão de igualdade, uma questão de respeito, de tolerância.
P: O que você entende por gênero?
EMF1: Humm, gênero? É que pra mim tá muito ligado a parte fisiológica, a parte biológica, né. Gênero pra mim é algo definido pela biologia, então eu tenho essa visão bem racionalista do que seria gênero.
P: Seria mais homem e mulher?
EMF1: Homem e mulher, mais relacionado ao sexo, sexo feminino e sexo masculino.
P: E seguindo mais ou menos nessa linha, o que você entenderia por ideologia de gênero?
EMF1: A questão das ações e das atitudes, do comportamento feito por um determinado indivíduo. Então o indivíduo que é homem ele age como homem, ele se comporta como homem, ele tem princípios e valores de homens e a mulher vice e versa.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMF1: Ah, na verdade hoje prega-se muito a igualdade, né, de gênero, mas eu discordo. Eu vejo que o homem e a mulher tem papéis muito específicos, e não é o papel do homem e da mulher ele não é maior nem menor. Eles são papéis diferentes. Principalmente no contexto familiar. Eu vejo que o papel do homem no contexto familiar, ele é muito mais de sacerdócio mesmo, de colocar como liderança, a parte legal do, da dinâmica de um lar. A mulher, ela já consegue ter esse olhar mais intrínseco, mais pra dentro, de nutrir mais na parte emocional o lar, a casa, a família, filhos. Então, dentro do contexto familiar, o papel do homem eu vejo com bem diferente do papel da mulher. Agora essa diferença no contexto, por exemplo, profissional, eu já não consigo, eu já não vejo tão gritante, existe, mas eu já não vejo tão gritante. Então, dentro de uma empresa, dentro de uma escola, dentro da sociedade como um todo, não pontuando de maneira tão específica dentro da casa, eu já vejo que o papel do homem já pode se igualar mais ao papel da mulher e vice e versa.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidade e dificuldades?

EMF1: Então. Oportunidades, sim, porque oportunidades de emprego, de bolsa de estudos, isso é aberto tanto pra homens quanto pra mulheres. Eu por exemplo, eu aproveitei tudo o que a universidade ofereceu. Viajei pra congressos e tal, sem problema nenhum, mas sim, sofri preconceitos. É, por eu ser muitas vezes a única pessoa que gosta... primeiro que eu fiz física licenciatura, era a única pessoa da física que gostava da área de ensino. Então esse já era um, dentro do próprio grupo da física, já era um fator excludente. "Ah, você não é física, você é professora". Então eles já me excluíam. Viajar pra congresso eu ia sempre sozinha, porque só eu que gostava da área de ensino. Os outros todos gostavam da área de pesquisa em física dura. E já tive problema com namoradas de colegas, por exemplo, "Ah, vamos fazer trabalho em grupo, mas vai ter menina lá". Então as meninas tinham ciúmes, então já tive problemas assim. Agora em relação a oportunidade de bolsa de estudo, de viagem, de trabalho, é, isso não. Eu nunca perdi um trabalho, por exemplo, por ser mulher. Então eu sempre me coloquei no mercado de trabalho em pé de igualdade com os homens, algum ou outro preconceito veio do comportamento social e não na área profissional.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?
EMF1: Então, esses dias a gente tava até conversando sobre isso com os colegas, é, nós temos homens e mulheres que foram grandes cientistas e são grandes cientistas. O problema é que antigamente apenas os nomes dos homens eram divulgados. As mulheres, elas eram desencorajadas a seguir a carreira científica e as que se aventuravam nessa área, não tinham o nome divulgado. A gente tem aí a Curie que foi, né, na área de radiação. Se destacou, foi uma das primeiras e depois tivemos algumas outras mulheres, poucas, se destacando, mas eu vejo que a participação da mulher na ciência hoje é muito maior do que antes. Antes você tinha, mas tinha pouco e além de ter pouco, as poucas que tinham eram pouco divulgadas. Hoje não, tanto homens quanto mulheres tem a mesma divulgação, é prêmio Nobel, é prêmio de física, é prêmio disso, é prêmio daquilo, não importa se é mulher ou homem, é divulgado. Coisa que antes não. O nome do homem era muito mais divulgado.
P: Tá bom. Eu agradeço a participação.
EMF1: Eu que agradeço.

Entrevista: Educador de Física 2 (EHF2)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHF2: Na verdade, não conheço. Eu só ouvi falar de grupos de whatsapp e de comentários de professores.
P: Esse programa está presente na sua escola ou na sua cidade?
EHF2: Olha, na minha cidade eu não sei falar. Na nossa escola, que eu me recorde, de alguém ter pontuado especificamente “Oh, a escola participa da Escola sem Partido”, eu realmente não me recordo. O que eu posso dizer pra você é que eu não vejo prática, principalmente a minha, na sala de aula, tentando falar alguma coisa sobre qualquer tipo de partido ou tentando influenciar as coisas. Existe às vezes uma parada pra discutir um assunto que o aluno ele traz ou que é muito recorrente na sala de aula, midiático. O aluno vê alguma matéria e na sala fica aquele buzumzum, então você acaba tendo que parar a aula pra dar ouvido, pra discutir, pra tentar argumentar com o aluno alguma coisa sobre isso, porque senão você não consegue dar aula. Então é melhor você parar e tratar, pra depois você voltar e dar a aula, né. Então acontece muito isso.
P: O que você entende por gênero?
EHF2: Eu sou péssimo de português, né. Entre parênteses risos piada. Assim, pelo o que eu entendo de gênero, é o que classificaria alguma coisa, né, classificaria alguma coisa. E só pela essa sua pergunta, o que significa gênero, é uma classificação. Nada mais.
P: E pra você o que seria ideologia de gênero?
EHF2: Seria uma classificação ideológica.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHF2: Olha, é um vespeiro isso, né, porque sinceramente eu acho que eu não tenho uma opinião formada a respeito, né. Mesmo porque eu não consigo parar pra pensar realmente qual seria o papel do homem na sociedade e o papel da mulher na sociedade. Primeiro, porque eu não trabalho com isso né, eu trabalho com adolescentes e o adolescente eu sempre coloco ele no papel de aluno. Então, eu tento buscar, ele como papel de aluno, buscar o aprendizado da melhor maneira possível. Com a ajuda do professor, fazendo a mediação do conhecimento e tentando mostrar para ele que ele consegue aprender também fazendo as suas próprias pesquisas e estudos sozinho. Então é mais difícil. O que eu posso falar é no campo pessoal, né, e no campo pessoal eu posso falar assim, comigo e com minha esposa. Eu acredito assim que nós em casa a gente tenta sempre dividir o trabalho, confesso que devido a nossa formação, o grosso do serviço de casa acaba ficando para a mulher, isso é bem verdade, mas eu sempre tento ajudar um pouco. Às vezes levo um safanão bem bom para poder fazer as coisas direito, né. Mas a gente sempre tenta fazer isso. Agora, como pessoa, o que eu sempre penso é o seguinte, eu acho que tá muito relacionado ao respeito, né. Então se você respeita a pessoa que está do seu lado, ela sendo mulher ou sendo homem, ela vai ter os seus direitos assegurados, garantidos, e você vai saber tratar a pessoa da maneira correta e você vai ver que o que ela tá fazendo, na sociedade, dependendo do que ela tá organizando, se ela precisa de ajuda ou não e você vai ajudar ou não, não por ela ser mulher ou por ela ser homem e sim pelo respeito que você tem pela pessoa que está aí do seu lado. Então, como eu falei pra você, eu não tenho

uma opinião formada relacionado à pergunta específica, mas eu acredito que é, o homem e a mulher, se ambos se respeitam, ambos trabalham de maneira igualmente, dividem as tarefas naturalmente e não só as tarefas, eu acho que também dividem a sua função social na sociedade. Não é porque é homem eu vou fazer assim e a mulher não pode fazer. Não é porque ela é mulher, ela vai fazer assim e o homem não pode fazer. Eu acho que o respeito garante que os dois possam trabalhar de maneira igualmente e se comportar de maneira igualmente, desde que, tanto o homem quanto a mulher ele sempre leve o respeito sempre onde ela vai, né, pra ela ou pra ele, e eu acho que isso garante uma igualdade.

P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?

EHF2: Olha, na minha área de formação, vamos começar assim na graduação, são muito poucas vagas e praticamente 99% é sexo masculino que entra e aí acaba entrando muito poucas mulheres pra fazer o curso de física. E assim, acontece, nos dois fatores acontece, como eu tenho muito homem entrando, eu tenho muito homem que desiste do curso. Como eu tenho muito pouca mulher entrando, eu tenho muito pouca mulher que desiste. Então, percentualmente falando fica até estranho falar isso, mas, eu acredito que tanto o homem quanto a mulher, ela só consegue levar a frente a nossa graduação, porque ela realmente se identifica, porque ela realmente gosta, porque ela realmente se dedica aquilo. Tanto homem quanto mulher. A partir do momento que ela termina, ela vai fazer uma escolha, se ela vai querer trabalhar, sendo professora, ou ela vai querer fazer mestrado, alguma coisa. No caso específico, acredito que as portas estão aí e eu acho que vai da competência de cada um, se ela realmente fez uma graduação perfeita ela vai fazer o mestrado e o doutorado, não porque ela é mulher ou ela é homem. E o homem também, se ele fez uma graduação boa ele vai fazer mestrado e vai fazer doutorado pela sua competência e pela escolha. Eu conheço várias pessoas que não foram fazer mestrado, que não foram fazer doutorado por opção. Eu não quero fazer, não é a minha praia e é isso, eu já desisti. Como tem muitos que querem fazer e às vezes não conseguem, não porque é mulher ou porque é homem, porque a situação com que ele vive, é, a localidade onde ele tem que fazer o mestrado, a idade que ele já deixou passar, ele acaba não fazendo. Então, assim, a igualdade e a, digamos assim, a oportunidade dele sobressair na graduação, no mestrado, no doutorado, não está ligado a ser homem ou a ser mulher e sim a seriedade com que ele busca o seu conhecimento e sobretudo nas condições socioeconômica que ele possui para poder continuar, tendo em vista que o mestrado e o doutorado ele requer uma demanda muito grande de estudo e consequentemente ele tem pouco tempo pra dedicar a atividades econômicas para se manter. Então isso também influencia muito. Eu acho que influencia mais ainda a questão econômica pra ele fazer o mestrado, doutorado, do que competência, né. Eu acho que seria mais isso.

P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

EHF2: Promissora. É como eu falei pra você, não é porque é mulher, né, eu acho que ela precisa tá se identificando, vamos pegar aqui. Quando eu pego os meus alunos do terceiro ano, e eu faço uma sondagem para ver o que que eles querem fazer, é, uma sala de 30, 40 alunos, às vezes um ou dois querem realmente fazer a área de exatas e geralmente eu tenho que brigar muito com

a área de matemática, engenharias, arquitetura, né, engenharia da computação, engenharia elétrica, civil, eles veem muito isso, raramente eu tenho aluno que queira fazer qualquer exata fora disso, matemática, física ou química. E aí quando ele vai buscar essa informação, ele quer fazer isso, né, geralmente é mais homem que prefere esses cursos. A mulher é, quando ela quer a parte de exatas, ela quer uma arquitetura, ela quer uma engenharia civil, né, dificilmente ela procura uma engenharia elétrica ou algum outro tipo de engenharia. Mas eu não sei se seria por competência, eu acho que seria mais por questão social, ela já está incluída na sociedade, essa visão pra mulher, a mulher arquiteta ela é muito bonita, ela engenheira é muito bonita, né, mas uma mulher física ela estaria presa num laboratório ou dentro de uma sala de aula, então eu acho que ela não se enxerga a esse ponto, por isso que ela não prefere a fazer esse curso. Mas as que vão fazer esse curso, elas acabam por se identificar muito, se ela se identificar ela consegue se desenvolver, geralmente ela consegue seu mestrado, ela consegue seu doutorado e ela consegue se despontar bem, mesmo porque, é muito poucas mulheres que vão pro curso, então é muito visível. Ah, eu tenho 10 mulheres fazendo o curso de física, mas 9 fizeram mestrado. Eu tenho 200 homens fazendo física, mas eu tenho 50 que fez mestrado. Então visualmente você olha e fala assim: ah, mas 150 não fez mestrado, mas 50 fez. Ah, mulher só uma não fez, mas 9 fez. Então proporcionalmente você acha que é muito, é muito visível, mas não tirando o mérito, mas é muito visível isso pelo grupo, né. Então se eu pegasse uma amostragem, 10 homens e 10 mulheres e conseguisse ter esses parâmetros realmente, sendo igualitário, eu poderia falar, realmente, ah, eu acho que o homem se saiu melhor ou a mulher tá sendo melhor, mas não porque é mulher ou porque é homem, mas acho que é muito individual. Cada indivíduo ele, ele consegue buscar sua competência e essa competência está associado ao que o desejo e às qualidades da pessoa e não do gênero dela. Acho que seria isso.

P: Bom, você falou um pouco de gênero. Pra você gênero estaria de alguma forma relacionado a sexualidade?

EHF2: Como eu falei pra você, eu realmente não busquei informações sobre isso. O que eu sei o que a gente escuta, o que a gente lê em mensagem do whats ou do face, que podem ser tendenciosas ou não, podem ser ideológicas ou não. Então, assim, é... realmente eu não tenho uma opinião formada a respeito. A pouca opinião que eu tenho, seria leviano da minha parte externa-la pra fora, né. Mas assim, é, gênero como eu falei pra você, é uma classificação, né, é classificatório. Eu acho que você é você, eu sou eu, você tem a sua vida, eu tenho a minha vida e eu te respeito, então o que você faz da sua vida, se te deixa bem, eu como seu amigo, eu tenho que ficar contente por você, apenas isso. Certo?

P: Tá bom. Muito obrigada.

EHF2: De nada.

Entrevista: Educador de Física 3 (EHF3)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHF3: Sim.
P: Esse programa está presente de alguma forma na sua cidade ou na escola onde você leciona?
EHF3: Eu tenho quase certeza que já foi aprovado, que a câmara de vereadores, né, tem um projeto, não sei se foi aprovado ou não, está ocorrendo um projeto sobre uma forma de coibir esse tipo de ação na sala de aula.
P: Esse tipo de ação, só pra ficar registrado seria mais ou menos o quê?
EHF3: É que os professores quando forem tocar de ideologia política em sala de aula, né, não impor visão política aos alunos, tratar de forma igual todos os tipos de opiniões e sem induzir o aluno, né, a acatar certo ponto de vista político.
P: Você concorda ou discorda?
EHF3: Totalmente, concordo totalmente com isso. É um pouco difícil pra gente, porque é, não tem como você viver numa sociedade política sem você ser político e você é obrigado a abordar certos temas, então você tem que tomar muito cuidado com o que fala na sala de aula, porque eles perguntam pra gente, como que, o que está acontecendo no Brasil, se sou a favor ou contra, você tem que colocar o seu ponto de vista, mas sem impor ao aluno, né, que ele acate, você tem que abri discussão, esse tipo de coisa.
P: O que você entende por gênero?
EHF3: Então, nossa geração é um pouco mais antiga, né, pra nós gênero seria basicamente homem e mulher, só que hoje em dia já é algo não mais biológico é algo mais social. Então a pessoa, o gênero da pessoa é definido pelo o que ele se enxerga, não pelo como ela nasceu.
P: A Escola sem Partido, tem uma parte que ele fala não só da questão de abordar temas políticos, mas também de ideologia de gênero. Então, mais ou menos, o que você entenderia por ideologia de gênero?
EHF3: Olha, quanto a isso, realmente eu não quero falar besteira. Eu realmente estou por fora desse assunto.
P: Tudo bem. Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHF3: Então, é uma questão difícil, né, porque, a partir do momento que você tem a constituição da família é uma coisa cultural já, a criação dos filhos realmente fica com a mulher, só que na sociedade moderna não é bem assim. Todos têm que ter o mesmo, as mesmas chances na vida, por educação, por profissional. Então é um pouco difícil conciliar isso. Tanto que tem mulheres que demoram muito para começar a ter filhos pra poder fazer uma carreira. É, eu pessoalmente eu enxergo que todos são iguais, tá certo? É a questão biológica quanto a essa. Agora a social, já é um pouco mais complicado né? Porque você tem vários gêneros. Acho que eu perdi um pouco o foco da pergunta, né?
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades ou dificuldades?
EHF3: Então, mentalmente sim né? A questão é o social sempre. É.. realmente eu não sei como estão os cursos hoje em dia né? De formação, se está igualitário a porcentagem que entram nas nossas áreas de formação, que é

ciências, física, no caso né, realmente eu não sei. Eu acho que seria mais uma questão social mesmo.
P: Mas, assim, de oportunidade seria a mesma?
EHF3: A oportunidade é mesma pra todos, entendeu? Que hoje em dia até a legislação até foca isso né? A questão mesmo é a parte social, porque vai haver preconceito, entendeu? Ah, o cara que principalmente se forma depois, beleza, engenheiro. Será que as pessoas vão dar preferência pra contratar uma engenheira mulher ou homem para fazer tal serviço ou arquitetura? É, pra ciências nem tanto, porque a gente sabe como funciona a seleção dentro da faculdade né? Não tem tanto isso, mas a questão profissional para quem sai da faculdade talvez tenha um pouco de problema ainda.
P: E daí, você enxerga esse problema para qualquer um dos dois, tanto homem quanto mulher?
EHF3: Sim e até falo um pouquinho mais. Essa questão de gênero eu acho que hoje em dia, infelizmente é assim, a pessoa que tem que não é o tradicional talvez tenha muito mais dificuldade que outros ainda futuramente.
P: Uma questão um pouco de preconceito.
EHF3: Com certeza, infelizmente é velado ainda. Todo mundo fala que acata, que não tem problema, que todos são iguais, mas no fundo, no fundo, você sabe que na hora de contratar uma pessoa, né, vai haver esse problema. Vão dar preferência para quem é do gênero tradicional.
P: E como você percebe a presenta de mulheres nas carreiras científicas?
EHF3: É, eu não sei se é cultural ainda, né, eu sei que tem bastante, mas ainda é dominada por homens. Tá certo? É do passado ainda, né, então eu não sei como com o pessoal entrando agora, se está 50%, 50%, eu ainda acho que ainda tem mais homens do que mulheres.
P: Ok. Obrigada.
EHF3: É só isso?
P: Sim. Obrigada.
EHF3: Que é isso Paula.

Entrevista: Educador de Física 4 (EHF4)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHF4: Conhecia. Conheço sim.
P: Esse programa ele está presente na sua escola ou cidade?
EHF4: Olha, eles tentaram colocar... O programa em si ele não tá presente, né, mas assim, a questão que aqui eu coloco é que a escola ela tem que ser apartidária, né, mas ela não tem que ser apolítica. Essa é a crítica que a gente fez, né.
P: O que você entende por gênero?
EHF4: Gênero? Bom, eu entendo como uma, vamos dizer assim, uma parte do ser né, que não é uma opção, também não é uma construção social, mas é uma tendência natural da criança, né, diferente do que o poder público fala aqui no projeto de lei, não é uma opção, é uma orientação. A pessoa ela não desenvolve, ela não cria, ela não constrói isso, ela já nasce assim e vai desenvolvendo ao longo da sua vivência.
P: E isso seria tipo masculino e feminino?
EHF4: Eu acho que é mais complicado que isso né, eu acho que tem gêneros mais, tem mais do que masculino e feminino, tem os gêneros binários, não binários, a transsexualidade, bissexualidade, o pessoal chama de pansexualidade, tem mais do que esses dois gêneros, né. Construção... o gênero do ser é muito mais complexo que homem ou mulher.
P: Mas isso seria por uma escolha pessoal ou seriam mais por questões externas, influências externas?
EHF4: Eu acho que não é nem uma questão pessoal, nem uma questão de influência externa, é uma coisa inata do ser. A pessoa nasce com essa tendência natural e ela vai desenvolvendo isso e ela vai se descobrindo ao longo da maturação dela.
P: Pra você o que seria ideologia de gênero?
EHF4: Ideologia de gênero? Bom, pelo que eu li, ideologia de gênero seria uma crítica fundamentada principalmente pelas bancadas mais religiosas, né, que existe uma doutrinação sobre os gêneros diversificados, homossexualidade, perdão, homoafetividade, a biafetividade, por ai, a transsexualidade, né, pra ele seria como uma pregação, mas eu não acredito que isso exista.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHF4: Nossa... eu acho que hoje em dia, não existe assim bem uma coisa que o homem desempenha e a mulher desempenha, tirando claro algumas questões assim de ordem natural, né, mas fora isso, o homem e a mulher desempenham o mesmo papel na sociedade né, elas têm a mesma importância. A gente não pode mais, a gente vive numa sociedade que não se olha mais para aquela questão da mulher como a dona da casa, o marido saindo, acho que não, acho que hoje os dois desempenham o mesmo papel, apesar de algumas diferenças, né, mas socialmente, os dois tem o mesmo, o mesmo, uma mesma representatividade.
P: Essas diferenças estariam relacionadas a quê?
EHF4: Bom, aí no caso, as diferenças que eu falo, eu acho assim, por exemplo, lógico, mulheres têm necessidades que um homem não tem, por exemplo, a gestação, ela tem que ter uma lei que ampare ela, porque ela tem um processo diferente de gestar a criança, ela tem questões de saúde

específicas, que os homens também. Tem a questão da esperança de vida, tem questões assim que na verdade elas estão ligadas, assim, ao gênero biológico, né. Mas são questões assim, pontuais. Da mesma maneira que existem doenças étnicas que atingem mais uma pessoa de uma determinada etnia, a mesma coisa acontece com a mulher. Mas em termo de papel social, eu acho que os dois desempenham, tem que desempenhar a mesma função.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EHF4: Eu acredito que as oportunidades não são as mesmas. Por quê? Porque existe muito preconceito ainda, é um preconceito velado, sabe, as pessoas falam que não, mas existe. Infelizmente ainda existe muito preconceito, a gente conhece as histórias, né. Eu não digo aqui no colégio, né, aqui no colégio a gente não é... aqui o perfil, assim, a gente não olha essa questão de gênero, mas assim, ouvi de outras professoras contando experiências de outra escolas, né, a gente sabe que existe, a gente sabe que tem essa questão de oportunidade, a mulher ainda, ela tem... tem pessoas mais velhas que ainda não conseguem enxergar a mulher inserida num papel tanto de professora, professora científica, né. Tem pessoas que ainda acham a mulher tem que ser professora, por exemplo, dos anos iniciais, mas quando vai para uma disciplina mais científica tem gente que ainda olha torto e a gente ouve algumas histórias né. Então, sim, as oportunidades infelizmente ainda não são as mesmas, né. Infelizmente. E a segunda parte era?
P: Dificuldades. Era oportunidades e dificuldades.
EHF4: E as dificuldades às vezes são por causa disso, é um preconceito. Infelizmente ele é sempre uma grande barreira, né. A gente, infelizmente, a gente não consegue... muito difícil a pessoa conseguir separar a parte profissional da, às vezes, dos preconceitos pessoais, né. Então infelizmente a sociedade ainda ela precisa amadurecer nesse sentido.
P: Como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EHF4: Como eu percebo... você poderia ser mais específica?
P: Pode ser uma questão qualitativa ou quantitativa. Se há muitas mulheres nas carreiras científicas.
EF4: Então assim, por experiência, né, o quê que eu percebi, eu percebo, né. Por exemplo, na física, eu não sei, porque eu já formei há bastante tempo, mas lá na nossa época, tinham meninas, elas acabavam desistindo, até pela natureza do curso que não é muito fácil, né, que também é um outro problema que a gente precisaria repensar, né, mas é outra questão. Mas, por exemplo, eu tô vendo um aumento de pessoas, né, eu tô vendo bastante pessoas, eu tô lá sempre com o pessoal do LCA, né, e tem assim muitas meninas que tão entrando, inclusive uma ex-aluna minha. Eu falei assim: você gosta, que ela gosta de ciência, por que você não procura o professor Moacir, né, o professor Clóvis? Ela procurou, hoje ela tá com a gente no LCA, tem bastante menina ali, né. Também, nos cursos de química, a maioria dos professores só conheceram professoras, né, então tem bastante gente, né, entrando. Matemática eu também já vi bastante. Ou seja, eu acho que ainda assim, ainda tem o preconceito, ainda há um preconceito. Eu lembro que eu li uma entrevista da professora Thaisa Bergmann da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ela falava sobre isso, dessa questão, na época que ela fez até a família foi meio contra, né, que isso também entre as vezes a questão da família, não

mais uma questão de gênero, uma questão de ignorância, a pessoa acha assim: nossa, meu filho vai fazer física ele vai virar o quê? Ele vai virar professor? Não que virar professor seja uma coisa ruim, pelo contrário, eu sou... eu me realizo na minha profissão. Gosto muito do que eu faço. Mas a sociedade vê muito mal a educação, como se ser professor fosse uma coisa, fosse quando você não dá certo na vida, entendeu? E eu acho que isso tá errado e além disso, tem outras possibilidades dentro da carreira científica, né. E às vezes, assim, as pessoas... ainda existe muito preconceito, eu acho que com a física, com a ciência. O problema acho que já não é nem a questão do gênero, mas uma questão com a concepção que as pessoas criaram da física, da ciência.

P: Eu agradeço muito a participação.

EHF4: Obrigado.

Entrevista: Educador de Física 5 (EHF5)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHF5: Eu conheci na época que saiu na imprensa, né, e eu comecei a me informar a respeito.
P: Esse programa ele está de alguma forma presente na sua cidade ou na escola?
EHF5: Olha, é... Nas escolas que eu trabalhei, é que esse é o meu primeiro ano aqui nessa escola, trabalhei em escola particular, né, vários anos, escola pública também, colégio militar. Então assim, eu pessoalmente eu não falo em partido político na escola, certo? Eu conheço colegas que acabam comentando, falando né, e tem alguns que acabam puxando a sardinha pro lado do partido que ele defende. Eu já não tenho essa... eu já não gosto de falar em política, né, com alunos, né, porque a sala tem vários alunos com ideias diferentes, né. Então eu evito, né, de falar sobre isso.
P: Você falou que na época que teve um movimento aqui na cidade, foi mais ou menos em que ano?
EHF5: Olha, eu lembro que era no ano passado. Teve essa história de, né, ia ter manifestações contra essa ideia de escola sem partido. Que era... falava-se também que eles queriam censurar a escola, né.
P: O que você entende por gênero?
EHF5: Então, eu vou falar o que eu sou como professor e o que eu penso, na minha concepção. Eu tenho alunos, né, que são lésbicas, homossexuais também, alguns né, é... a maioria pelo que eu vejo é hetero, tá? E eu trato igual todo mundo, né, eu não tenho, com relação a isso vou sempre tratar igual, porque eu tenho um primo também assim. Agora, eu pessoalmente, por exemplo, eu tenho um filho de 11 anos e uma menina de 9, eu vou ser honesto, eu não quero que eles, né, eu quero que minha filha case com homem e meu filho case com mulher. É uma concepção minha, né, é claro que se acontecer eu não vou desprezar um filho por causa disso, né, mas eu gostaria que não fosse assim, né. Sei lá, acho que é por eu ser hetero que eu tenho essa ideia, né. Que eu não consigo, né, imaginar. Então assim, na escola é... há um tempo atrás eu dava aula, por exemplo, sobre cargas elétricas, né, e eu brincava assim em sala e falava: oh, carga positiva com carga positiva, na física, se repele. Pelo menos na física, eu falava meio brincando assim e tal né, ai com o tempo eu percebi que isso não era legal de fazer. Então eu não faço esse tipo de brincadeira, certo? Nem falo na sala de aula: oh são-paulino, não sei o que. Sabe aquela brincadeira, também não faço. Certo? Porque eu acho que isso por mais que seja uma brincadeira, principalmente o adolescente vai sentir, né, acuado por causa disso.
P: Mas então você definiria gênero como orientação sexual?
EHF5: Em relação a orientação sexual. Isso que eu entendo.
P: Você faz alguma distinção entre gênero e ideologia de gênero? Pra você o que seria ideologia de gênero?
EHF5: A ideologia, pelo que eu entendo, que eu vejo hoje em dia, é o que eu penso é assim, né, pelo que eu percebo fala-se muito assim que você não pode é, a criança nasce e a gente tem que deixar a criança decidir o que ela vai ser, menino ou menina. Eu acho que é essa a ideologia de gênero, na minha opinião. Se eu tô errado, eu não sei. É, porém, eu não tenho essa visão.

Eu não tenho... é pra mim é assim, eu tenho um casalzinho e eu vejo a diferença entre eles, né, a menina é, eu vejo o jeito dela mais meigo, é mais caprichosa com as coisas, e o meu menino não, é mulecão, entendeu, e ele é mais relaxadão com as coisas dele. Então assim, com relação a cores, desde pequena ela gosta da cor rosa, né, e o meu filho, né, ele não liga muito para essa questão de cores, né, de roupa, tudo. Então assim, eu não vou chegar e falar assim para o meu filho: você vai decidir se vai querer ser menino ou menina. Eu falo: você é menino, nasceu, tem o pipi ali e tal e você não é menina. É algo assim que eu como pai vou fazer sempre, né.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHF5: Nos dias de hoje, tanto homem quanto mulher tem o mesmo para o desenvolvimento da sociedade. Certo? Claro que a mulher está com um peso maior em relação ao trabalho e filhos, né, principalmente mulher engravida, ai tá grávida e tá trabalhando ao mesmo tempo e isso não é fácil, né. Eu em casa, assim, eu tô atuando em casa também pra, né, dividir as tarefas em casa, certo? Porque eu sei que é muita sacanagem se eu deixar tudo na mão dela, né, porque ela trabalha também. Então tem certas coisas que a mãe consegue resolver melhor e tem outras coisas que eu resolvo. Então assim, com relação a isso, eu acho assim, o homem e a mulher tem o mesmo valor na sociedade, né, e a mesma obrigação também.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EHF5: Na minha área de atuação eu percebo que infelizmente, em relação a professora, né, mulher, é, parece que os alunos enfrentam mais, né. Infelizmente, algumas professoras comentam isso, né. Vai chamar a atenção de algum grupo de meninos, moleque, né, que tá meio que bagunçando, né, na sala, eles empeitam mais a professora, que é mulher. Já no caso de homens não, você fala grosso com eles e eles já ficam, né, respeitam mais. Então assim, infelizmente ainda anda acontecendo isso. O respeito tem que ser igual, né, tanto pra professor quanto pra professora. Mas eu não sei se é da educação do aluno em casa, que eles empeitam mais professoras que professor.
P: No caso, da área da física, porque você é formado em física, você percebe, assim, entre as suas colegas de formação, se elas tiveram alguma dificuldade de inserção no mercado de trabalho ou até mesmo durante a graduação pela questão de ser mulher ou ser homem.
EHF5: Então, na minha graduação de bacharel só tinha homem. No final foram 4 que se formaram. Na licenciatura, já tinha mais mulheres. E pelo que eu sei, de algumas conhecidas minhas, elas estão todas empregadas na área de educação, né. Não sei se é porque a física se forma pouca gente, então tem muita vaga ainda. Então assim, no caso de professora mulher, assim, professoras formadas em física, eu acho que tem campo, né. Tem menos... E elas ganham a mesma coisa que nós, que o professor homem. Pelo menos isso, ainda bem que na educação não tem essa distinção do salário.
P: Já na área de pesquisa, no caso bacharel...
EHF5: Na área de pesquisa. É que eu me formei, fiz mestrado e depois fiquei só atuando como professor. Então assim, na minha época de mestrado, eu tinha colegas mulheres que pesquisavam também, tinha as mesmas oportunidades que os homens, né. É claro que uma época, uma colega nossa

que foi num encontro de iniciação científica de Santa Catarina, é, tinha um doutor lá, eu não vou falar o nome, também não lembro, né, mas ele ofereceu uma bolsa de doutorado pra ela só que no evento lá, ele ofereceu essa bolsa e no dia do evento a noite, que era um jantar e tal, de encerramento, e ele estava com outras intenções com ela. Tanto é que ela pediu pra gente não sair de perto dela, né. E se ela quisesse ela iria conseguir a bolsa tranquilo. Ele falou, vou conseguir a bolsa de doutorado pra você e tal no Rio de Janeiro, mas ela caiu fora, porque já tava sofrendo um assédio, né. Entendeu? Então isso, realmente eu presenciei isso, eu e uns colegas meus. Então a gente pensa, não é fácil pra mulher não, vixe, o cara tem um poder ali e fica assediando.
P: Como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EHF5: Eu acho que a mulher tá atuando bastante na carreira científica. Pelo que eu olho alguns artigos ou vejo na TV que fala de ciências, né, tem bastante mulher atuando.
P: Eu agradeço muito a participação.
EHF5: Tranquilo.

Entrevista: Educadora de Química 1 (EMQ1)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMQ1: Sim, eu já tinha lido.
P: A respeito?
EMQ1: Já.
P: Por acaso esse programa está presente aqui na escola ou na sua cidade de alguma maneira?
EMQ1: Não, não tem. Aqui no estado tinha a questão da Lei da Mordaça, né, que o prefeito quis implantar essa lei e a gente fez um monte de passeata, né. Não sei se era no Brasil inteiro, não lembro disso. Por conta disso, que era mais ou menos isso né, você poderia ensinar o aluno, mas você não poderia expor a sua opinião nem ensinar o aluno a ser cidadão, na minha opinião, né. Então a gente conseguiu abolir.
P: O que você entende por gênero?
EMQ1: Gênero?
P: É. Como você definiria gênero?
EMQ1: Masculino e feminino? É isso pra mim.
P: E você faz alguma diferenciação entre gênero e ideologia de gênero?
EMQ1: Na minha opinião, talvez ideologia de gênero seria, um menino nascer menino e ser chamado de Alice, um exemplo. Isso seria ideologia. Eu idealizar que aquele aluno é menina, mesmo ele sendo menino.
P: Mas no caso essa idealização partiria de você ou partiria do aluno?
EMQ1: Do aluno. Por exemplo, aqui no estado tem isso, não sei se acabou, mas a gente antes tinha o nome social do aluno, né. Então, por exemplo, ele é João, mas ele quer ser chamado de Maria. Ai, ano passado ou ano retrasado, não me lembro muito bem qual o ano que foi, mas vinha entre parênteses. Então, assim, geralmente isso não acontece numa escola de tempo integral, que tem alunos de 15 a 17 anos. Isso acontece mais, por exemplo, no noturno. Se você fosse fazer uma entrevista dessa a noite, você ia ter um monte de resposta diferente talvez da que eu vou dar, porque a noite a gente tem alunos mais adultos, então alunos que já decidiram mesmo se querem ou não ser chamados pelo seu nome ou ser chamado por um nome talvez que ele adota de acordo com o que ele decida, né? Não, eu nasci homem, mas eu me sinto mulher, então agora eu quero ser chamada de Maria ao invés de ser chamado de João.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMQ1: Em que sentido?
P: Sentido, desde a questão tanto social quanto profissional.
EMQ1: Igual. A mesma coisa. Na minha opinião né? É que eu fui criada pelo meu pai e pela minha mãe sendo o meu pai o provedor e minha mãe a dona de casa, né. Então eu cresci vendo isso e eu decidi que eu não queria ser assim. Então eu estudei, eles me deram esse apoio, né pra eu estudar pra eu já não ser igual a minha mãe. Minha mãe sempre falou que não queria que eu ficasse igual ela, né, a mercê do meu pai e hoje, né, na minha opinião os papéis são iguais. Eu sou professora de química, eu sou respeitada igual um professor que é um homem, né. Igual, na minha opinião. Claro, na sociedade a gente vê que em outras, talvez aqui como professora eu consiga ganhar a mesma coisa que

um professor, mas a gente vê que em outras profissões que a mulher, mesmo sendo mais competente, é desvalorizara por ser mulher.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMQ1: Na minha área?
P: É, na área de química. Desde a graduação, depois no mercado de trabalho.
EMQ1: Sim. Talvez as mesmas dificuldades e oportunidades. Acho que na minha área de formação o que conta é o tempo. Então...
P: Tempo de experiência?
EMQ1: Sim. Então, por exemplo, é muito mais fácil eu arrumar emprego, um exemplo, vamos supor que tem eu e um amigo que faz um ano que se formou e eu me formei a sete. Então é muito mais fácil eu arrumar um emprego do que ele. Então eu vejo muito assim, quando eu comecei a trabalhar, né, eu lembro que quando eu passei no concurso público em 2013, aqui do estado, eu fui, é, eu fui numa escola pra falar sobre a minha posse do concurso e eu fui recebida dessa forma pela diretora: você é tão nova, né? Será que você consegue? Entendeu? Então assim, eu observo na minha área, né, que é acadêmica e professor que existe muito isso, não em relação a gênero, mas em relação ao tempo de experiência. Então você é mais experiente, você tem um lugar aqui na minha escola. Você não é, vamos ver se não tem outro que é mais experiente que você. E a gente também aqui, no estado é assim, né, tem outros estados que não são assim, aqui vai muito por quem indica. Então, por exemplo, se você é amigo do diretor da escola, possivelmente você vai conseguir aula na escola, né, ou se você tem alguém que indique você àquela escola, né. Eu não sofro disso, porque eu sou efetiva. Então, eu estou nesta escola esse ano, eu decidi estar aqui. Se eu decidir ano que vem estar em outra escola, eu vou mudar, entendeu? Então eu não tenho... eu não vejo dessa forma, por homem ou mulher, mas vejo por tempo de serviço. Acho que sim.
P: E como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EMQ1: Olha, eu como estou na universidade sempre, eu vejo que é crescente, né, hoje a gente vê laboratórios lá na universidade, pelo menos onde eu estou, que é na universidade federal, que é... vamos fazer um quantitativo, 20 mulheres a cada 5 homens. Então a gente tem muito mais mulheres do que homem, aqui pelo menos né. Claro, tem os homens, mas as mulheres estão... Mais talvez, em relação a bolsa, né, então você não conseguiu emprego, então vou fazer um mestrado, doutorado, muita gente faz isso. Eu fiz assim no mestrado, né. Mas eu já gostava da área né, então assim, pra mim foi uma pós-graduação que veio no tempo certo pra mim, foi assim que eu terminei a faculdade e já fiz. Mas tem outras pessoas que não, tem pessoas que tentam arrumar emprego e não conseguem por isso resolver partir pra carreira acadêmica, né, pra uma carreira científica, né. Uma coisa é você fazer química, fazer física, fazer biologia, outra coisa é você ser pesquisador né. É bem diferente.
P: Então é isso.
EMQ1: Acabou?
P: Acabou. Obrigada.

Entrevista: Educador de Química 2 (EHQ2)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHQ2: Sim, eu já tinha ouvido falar por várias vezes, televisão, rádio, alguns colegas conversando. Em outro momento eu acabei lendo alguma coisa sobre o projeto de lei, mas nunca parei pra ler na íntegra o projeto, só fragmentos.
P: Esse projeto de alguma forma está presente aqui na cidade ou na escola?
EHQ2: Não, na escola não. Eu não vejo nenhuma influência do projeto dentro da escola.
P: O que você entende por gênero?
EHQ2: Gênero. Bom, se for levar ao pé da letra é o nome que nós damos a diferenciação entre biológica, entre gênero masculino e feminino, né. Certo? Mas dentro dessa ideologia que vocês estão pregando, gênero seria uma condição que a pessoa ou opta ou nasce daquela forma, né.
P: Então, você meio que já respondeu a terceira pergunta, não, quarta pergunta. Pra você o que seria ideologia de gênero?
EHQ2: Ah, sim. Ideologia de gênero, pra mim, é justamente isso, aquilo que a pessoa nasce com aquela condição ou que a pessoa opta por aquela condição. Eu não sei diferenciar se é biológico ou não. Tem alguns estudos que falam que é biológico, tem estudos que falam que não, né. Então condição de gênero seria aquela opção que a pessoa tem. Não é bem uma opção, né, aquela condição que a pessoa expressa.
P: E isso de alguma forma está relacionado à sexualidade ou não?
EHQ2: A sexualidade, sim, a sexualidade se... bom, será que a sexualidade pode ser um sinônimo de gênero? Não sei, não sei responder se a sexualidade pode ser um sinônimo de gênero, né. Mas eu acredito que se for um sinônimo, sim, né. Condição sexual você está dizendo quando fala de sexualidade?
P: É.
EHQ2: Relação homoafetiva ou tá. Pode, está relacionado sim.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHQ2: Os papéis do homem e da mulher na sociedade? Eu acho que não existe uma definição. Pra mim não existe uma definição e é isso que eu tento pregar dentro da, do convívio da minha casa, né. Todos têm responsabilidade sobre tudo. A única diferença entre o homem e a mulher, é que eu não vou pedir pra minha mulher pegar, levantar um sofá que pesa, sei lá, 50, 60 quilos, né. Mas tirando isso, porque eu vou fazer, né, porque eu tenho mais força. Mas tirando isso, todos fazem tudo. Eu sou responsável pelo sustento da minha casa e, por uma parte do sustento, e ela por uma parte igual. Então, dentro do meu convívio em casa a gente prega isso. Agora, dentro da sociedade, os demais pregam, é notório que eles pregam outro tipo de visão, né. A mulher sempre é encarada como uma parte hiposuficiente, é destinada a serviços é, que demandam um pouco mais de delicadeza. Mas eu não tenho essa visão. Eu vejo em outros lugares.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EHQ2: As mesmas oportunidades, sim. As mesmas oportunidades. Agora, as mesmas dificuldades, eu não sei, né, porque geralmente mulher ela é parece ser mais atenta, mais esforçada, não sei se é só uma impressão que eu tive. Eu estava dentro de um curso em que 80% eram mulheres, no mínimo 80%,

né. Eu me formei, éramos dois homens e 7 mulheres, né. Então, eu acredito que as dificuldades dos homens sejam um pouco maiores. Não sei o motivo, né, mas senão teríamos todos.
P: Mas relacionado ao mercado de trabalho...
EHQ2: Ao mercado de trabalho. Com relação ao mercado de trabalho eu acho que os homens eles também têm mais dificuldade de encontrar emprego do que as mulheres. Eu acho que a figura da mulher aparentemente dentro da escola, ela inspira mais confiança, né. É a pessoa que tá ali mais atenta, que é mais segura, tem mais delicadeza, tem mais tato pra desenvolver o serviço. O que não é muito esperado do homem, né.
P: Seria mais na área de educação?
EHQ2: Na área de educação. Em outras áreas, que eu trabalhei, eu, também dentro da química, eu pude perceber que a maioria, eu trabalhei com empresas que vendem materiais de laboratório, né, e éramos, na minha função, éramos três homens e uma mulher. Então aí já é o contrário, né. Aí eu não sei o motivo, talvez um pouco de desapego, né, que o homem tem essa facilidade e tinha que viajar muito, né, nós éramos especialista de produto, então tinha que leva um produto pra um canto, tem que mexer com isso, tem que sair de carro, passar o tempo inteiro fora. Não sei se isso manda, se isso demanda um pouco mais da mulher do que do homem, se influencia.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?
EHQ2: É difícil falar nas carreiras científicas, porque eu sempre estive envolvido com a química, né. Então eu não sei nos outros campos, exatamente, qual é o perfil.
P: Mas se for carreira científica relacionada à química?
EHQ2: As mulheres elas dominam o campo de uma forma brilhante. As mulheres elas são perfeitas. Entende? No trabalho elas conseguem, academicamente elas desenvolvem um serviço de maior eficiência, mais rápido, produtividade é maior do que os homens, né. Inclusive muitas mulheres, enquanto eu estive dentro do, da academia, muitas mulheres e poucos homens. Sempre, na graduação foi assim, na pós-graduação foi assim e agora no mercado de trabalho dentro da escola também é assim. Muitas mulheres. Muitas mulheres.
P: Tá bom. Muito obrigada.

Entrevista: Educadora de Química 3 (EMQ3)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMQ3: Não.
P: O que você entende por gênero?
EMQ3: Nossa, uma pergunta difícil de responder. Eu acho que é como ele se aceita, né? O gênero, como ele acha que ele é.
P: No caso, a pessoa, né? Como ela se enxerga?
EMQ3: Sim.
P: E uma diferenciação entre gênero e ideologia de gênero. O que seria ideologia de gênero?
EMQ3: Fala mais para eu poder entender a pergunta.
P: É. Bom, gênero você falou que é como ele se vê, como ele se aceita né? E seria relacionado a masculino e feminino?
EMQ3: Sim.
P: E daí, a ideologia de gênero seria, o que seria de diferente de gênero? Você teria uma ideia?
EMQ3: Não, eu não sei. Eu não entendi a sua pergunta.
P: É porque tem gênero e a ideologia de gênero.
EMQ3: A ideologia é como o pessoal pensa ou como ele pensa? Isso que eu não entendi, ou como eu penso, o que você quer que eu pense?
P: Eu queria que você definisse, pra você o que seria a ideologia de gênero? Sobre o que estaria relacionado?
EMQ3: Assim, o que eu aprendi, o que a gente tem notado agora com as mudanças ou em que sentido?
P: Engloba. O que você pensa? O que você tem notado? Como você classificaria?
EMQ3: Assim, não sei se é isso que você gostaria como resposta, mas ai você filtra o que você achar necessário para a sua pesquisa. Então, assim, é a gente era acostumado só com masculino e feminino, né? Hoje eu tenho 54 anos, então nesse tempo todo de escola e quando eu estudava, que era pequenininha, a gente só ouvia falar menino e menina. Então essa, essa.. esse novo pensamento de agora, não é de agora, mas que a gente, que está sendo mais falado, né, agora, então a gente começa a observar e observa também ao longo do tempo que já passou e que pode acontecer, é, e responde muitas perguntas da gente, sabe? Responde muitos questionamentos, muitas atitudes de muitos alunos em sala. Muitas mudanças. Porque esse comportamento se, realmente, dependendo do que ele está passando em sala, pode ser explicado também por uma ansiedade que ele também está passando em relação a gênero, entendeu? Até ele se encontrar, se ele é um menino, se ele é uma menina, ou se ele tem corpo de menino, mas pensamento de menina, e assim né, por diante. Então hoje eu acho que as coisas estão mais esclarecidas, mas que ainda a gente tem um preconceito muito grande com isso? Temos, mas a gente está se abrindo a esse, a essa conversa, vamos falar assim, na sala de aula, o professor hoje que não tiver com esse pensamento, ele realmente vai ter grandes problemas.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMQ3: Em que sentido?
P: É social...

EMQ3: Os dois com o mesmo papel.
P: O mesmo papel, mas assim, mesmo que tenha esse discurso do mesmo papel, você acredita que nas situações, eles realmente têm os mesmos papeis?
EMQ3: Generalizando?
P: É.
EMQ3: Como está hoje ou como é que deveria ser?
P: Como está.
EMQ3: Ah, eu acho que a mulher avançou muito né? O homem ficou no tempo, mas está melhorando. Mas tem que melhorar bastante.
P: Ainda sim, tem papéis definidos para cada um ou não?
EMQ3: Então, depende muito né? Nossa, depende muito. Depende de onde ele mora, o que ele quer, o que ele faz. Mas as pessoas estão até optando, os casais, em até não ter filhos mais, né? Nossa, muito complicada essa pergunta. Mas generalizando, eu acho que o homem e a mulher está pensando mais, né, sobre ser pai, sobre ser mãe, sobre ser os dois ao mesmo tempo, sobre não ser. Então eu acho que está se pensando mais hoje sobre isso.
P: Na sua área de formação, no caso, química, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades ou dificuldades?
EMQ3: Pra dá aula ou como aluno?
P: Durante a faculdade, depois da faculdade, no mercado de trabalho. Se há alguma diferenciação.
EMQ3: Ah sim. Em exatas o pessoal acha que os homens são mais inteligentes que as mulheres, né? Que eles dão aulas melhores que as mulheres. Então, pra eu, eu tenho mais de 30 anos de sala de aula, eu venho de escola estadual e particular ao mesmo tempo, passei um tempo sem estadual, agora voltei, mas tenho muito tempo de particular também, então pra você, pra eu falar assim da minha história e conseguir estar aonde eu estou hoje, eu tive que provar muitas vezes que eu sei dar aula sim, competi com muitos homens sim, mas eu também, eu tenho uma relação bem legal com os homens, com os meninos. Porque sempre falam assim que eu não fico muito na rodinha das mulheres, fico na dos homens, mas eu acho que eu criei um perfil que foi mais cômodo pra mim, entendeu? Então, hoje eu fico mais perto deles, do que delas. Então as conversas deles me agradam mais do que as delas, sabe? Então, eu falo assim: eu sou mulher, mas mulher é muito chatinha né? Porque fica falando muito de família, fica falando muito disso. Então eu vejo os homens mais assim, mais tranquilos nesse sentido, sabe? Mas existe uma diferença muito grande ai sim, muito grande.
P: E estaria relacionado mais a preconceito?
EMQ3: Com certeza. Não é capacidade. É preconceito. E preconceito dentro da sala de aula também, né? Porque os alunos vêm assim o pessoal de exatas, mais o homem, mais o perfil do homem do que da mulher. Você vai observar muito isso dentro da física, né? Que eles acham que homem sabe mais física do que mulher.
P: Como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EMQ3: Eu já até falei, né? As mulheres estão crescendo muito. Eu acho que elas estão no caminho certo e cada vez mais a gente está buscando se aperfeiçoar naquilo que a gente pretende fazer. Que a mulher hoje, ela tem muitas funções ao mesmo tempo. Coisas que a gente foi adquirindo, não se

por causa da maternidade, que a gente tem esse tipo, né? Já vem no instinto, né, que o homem não tem, e que o homem precisa acompanhar, né?
P: Okay. Muito obrigada.
EMQ3: De nada.

Entrevista: Educador de Química 4 (EHQ4)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EHQ4: É, eu conhecia, mas não e ainda não conheço, assim, profundamente. Mas já foi discutido. Até no município já teve algumas discussões na... e aí não profundamente assim, eu não...
P: Só de ouvir falar?
EHQ4: Só de ouvir falar.
P: Esse programa de alguma forma está presente na sua cidade ou na escola?
EHQ4: Se o Escola sem Partido está presente?
P: Sim.
EHQ4: Eu... Está.
P: Por quê?
EHQ4: Tem alguns colegas, né, que no próprio conselho eles, os alunos, o conselho daqui ele é participativa, é com os alunos, né, e alguns alunos, por meio de uma participação indireta, né, por ficha, ou direta, eles têm alguns colegas que falam de alguns professores que... é, estimulam, pregam a palavra, a questão religiosa na escola, né. E o alunos, eles, alguns reclamam, porque acha que a aula do professor que seria de x matéria tá sendo pra catequizá-los, vamos dizer assim. É... existe alguns casos, existiu pelo menos no primeiro semestre.
P: O que você entende por gênero?
EHQ4: Gênero é... Gênero seria... Ai, como eu posso explicar? É o... aquilo que a pessoa se forma durante a vida assim, não é que eu não vou falar de sexualidade, homem e mulher, mas é aquilo que ela carrega consigo durante a vida. Então não é porque só porque um menino nasce menino e ele vai se tornar um menino durante a vida, né. Então gênero seria uma possibilidade de ele se tornar aquilo que ele se acha melhor, uma opção dele.
P: Especulando um pouquinho mais, pra você o que seria ideologia de gênero?
EQ4: É complicado essa ideologia de gênero, porque a... não tem como a gente orientar o gênero de um indivíduo, né. Não tem como a gente traçar um caminho para que um indivíduo percorra aquele gênero que nós, os pais, por exemplo, ou a família, ou a sociedade ela, ela deseja, né. Então, essa ideologia, é, na minha opinião, só o indivíduo com a capacidade intelectual, de formação de caráter, de personalidade, que ele pode é traçar. Não é uma imposição da sociedade ou imposição de outro, de terceiros. Então, eu acho que essa ideologia deveria ser formada por, pelos próprios indivíduos. Seria a minha opinião.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EHQ4: Bom, o papel em que sentido?
P: Papel desde dentro de casa, mercado de trabalho, os papéis que eles desenvolvem.
EHQ4: Bom, apesar de ainda no Brasil a gente ter ainda uma discriminação com relação às mulheres receberem menos que os homens em algumas questões, né, o papel de ambos são fundamentais na sociedade. É, ainda, é, hoje em dia ainda é um pouco atrasado isso, por, pela própria sociedade, né, que acha que a mulher deveria ser aquela mulher de antigamente que só deveria cuidar de casa, dos filhos e tudo mais, tá. E hoje em dia, nesse mundo moderno, a mulher ela tem n funções, inclusive trabalhar fora de casa, né. E aí,

numa estrutura familiar precisa dos dois, assim os dois, é, podem trabalhar, pode conseguir seguir um caminho juntos, conquistar coisas juntos, tá, e dar a educação aos seus filhos e construir uma boa relação familiar, né. Então uma pena que ainda tem, ainda há uma discriminação com relação às mulheres, né, mas, é, eu acredito na evolução do ser humano.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EHQ4: Oportunidades, sim, na minha área de formação. É, na qual, todos os meus colegas, sejam meninas ou meninos, tiveram as mesmas oportunidades, tem a mesma oportunidade e terão, na minha área. Porém, as dificuldades, eu vejo que as mulheres têm mais do que os homens, tá. A questão de respeito, a questão de imposição, então, tem dentro da sala de aula a gente vê uma diversidade de alunos em que um... e tem vários exemplos que um aluno x respeita mais o professor do que a professora, tá, e não só na nossa escola, mas também no sistema educacional inteiro, tá. Então eu vejo isso, eu vejo que oportunidade tem, né, homens e mulheres têm a mesma oportunidade, porém as dificuldades que a mulher tem maior dificuldade por questão também de é, ser mais, é, sentimental, até, ter outro tratamento com aluno. Acho que isso influencia bastante.
P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?
EHQ4: Eu, hoje em dia eu percebo que as mulheres, elas estão contribuindo mais e estão tento mais interesse na carreira científica, tá. É, no meu... quando eu tava na universidade, o número de mulheres era até maior que o número de homens, né, então eu vejo um maior interesse e até os professores, eles mencionavam que eles preferiam trabalhar com mulheres do que com homens. Principalmente na minha área, né, que mexe com laboratório, então eles achavam, eles acham ainda, porque eles estão lá, que as mulheres têm mais dedicação, comprometimento e ainda tem mais capricho. São essas três, essas três virtudes que a mulher tem em relação ao homem e isso faz com que as portas pras mulheres no meio científico ela abra ainda mais, né. A oportunidade é a mesma, mas acho que a mulher tá se inserindo muito mais hoje em dia nesse contexto.
P: Tá bom. Muito obrigada.
EHQ4: De nada.

Entrevista: Educadora de Química 5 (EMQ5)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMQ5: Agente.. não de aprofundamento no programa, mas de ouvir falar sobre alguns debates.
P: O que você entende por gênero?
EMQ5: É, quando fala gênero, se você remete a língua portuguesa, você pensa, masculino, feminino, ou seja, aquilo que o indivíduo traz na sua certidão de nascimento.
P: E o que seria ideologia de gênero?
EMQ5: A ideologia de gênero ela remete a um debate mais profundo, porque ela tem que levar ai também em consideração a realidade atual, né, dos transgêneros e, é, não sei se a palavra certa seria opção, ou decisão, com relação a sexualidade do indivíduo, independente do sexo biológico né, ele tem direito a fazer escolhas.
P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMQ5: Eu acho que não tem essa questão de papel do homem ou da mulher, existe o papel do ser humano na sociedade.
P: Então você não vê diferenças?
EMQ5: Não.
P: É igualitário.
EMQ5: É igualitário, ambos precisam ter acesso ao conhecimento né, ambos precisam se profissionalizar, né, independente dessa questão sexual, tem que se profissionalizar, tem que trabalhar, tem que se manter, tem que dar opinião, né.
P: Na sua área de formação você acredita que os homens e as mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMQ5: Eu acho que dificuldade é algo pessoal independente da questão sexual, ser homem ou ser mulher. Eu posso dizer, por mim, quando eu fui fazer uma graduação tinha poucas mulheres, poucas seguiram em frente. Como assistíamos aula junto com alunos, aulas de matemática, aulas de cálculo, junto com acadêmicos de uma área predominantemente masculina, que era engenharia, então tinha sim certo olhar de desprezo, né? Mas isso não me intimidou e as mulheres que estavam ali.
P: E essa questão, assim, dessa diferença do olhar ele se perpetuou depois da graduação?
EMQ5: Não.
P: No mercado de trabalho?
EMQ5: De maneira nenhuma.
P: Como você percebe a presença das mulheres nas carreiras científicas?
EMQ5: Bom. Quando as mulheres que escolhem uma carreira científica, eu acho que independente desse estereótipo mulher, né, elas são brilhantes, né, como todos os outros seres humanos. Então a maneira como você procede na sua carreira, seja ela científica ou não, é próprio daquele ser que está ali, não é determinado pela identidade de gênero. O profissional que quer batalhar, quer estudar, quer se aprofundar, quer defender uma causa e isso não está limitado a gênero.
EMQ5: De nada.

Entrevista: Educadora de Química 6 (EMQ6)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMQ6: Não profundamente, não conheço ele profundamente, não li o projeto de lei que veio do senado, mas eu li bastante coisas que falam sobre ele. Mas não li o projeto de lei.
P: Esse programa de alguma forma está presente na sua cidade ou na escola?
EMQ6: Dentro de casa também, porque eu conheço muitas pessoas e muitas pessoas que visitam a minha casa comentam e são até favoráveis a ele.
P: Seu posicionamento em relação a ele?
EMQ6: Eu sou contra, tá? Sou contra. Igual eu te falei, eu não li o projeto de lei, mas eu vejo isso sim como um meio de você, como fala, censurar o professor.
P: O que você entende por gênero?
EMQ6: Gênero. Gênero feminino ou masculino. Entendo como uma parte do substantivo, né. Gênero do substantivo, se é masculino ou feminino. Isso que eu entendo.
P: Estaria de alguma forma relacionado à sexualidade ou não?
EMQ6: Eu acredito que não.
P: Seria mais identidade.
EMQ6: Isso.
P: Da pessoa.
EMQ6: Sim.
P: Pra você o que seria Ideologia de Gênero?
EMQ6: Olha, não fiz nenhum estudo aprofundado, mas eu entendo assim como ideologia é algo criado que você, vamos supor, a sua opinião e você quer lançar isso pra frente. Alguma coisa assim. Isso que eu entendo como ideologia. Agora, quando fala assim ideologia de gênero, é algo como se eu quisesse que todos acreditassem que o gênero não tem nada a ver com sexualidade, vamos supor. Seria uma ideologia, né. Um exemplo do que eles falam como sendo ideologia de gênero, por isso eu não concordo com esse termo. Ideologia de gênero.
P: Como definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?
EMQ6: O homem tem o papel de plantar a sementinha e a mulher seria a terra.
P: Mas eu digo assim, em parte social, em parte do trabalho, você vê distinção entre os papéis?
EMQ6: Não. Não vejo. Não vejo distinção alguma.
P: Seria igualitário entre eles.
EMQ6: Sim, se eu for, assim, olhar puramente uma pessoa, entendeu? Que tenha, que tenha, assim, aceitado assim, aceitado não, né, que ela tenha criado pra ela o gênero masculino. Tô vendo assim, não tô olhando pra parte sexual, que órgão sexual tá ali naquela pessoa, né. Então não vejo distinção nenhuma, assim, social, entre um homem e uma mulher.
P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidades e dificuldades?
EMQ6: Olha, eu nunca sofri nenhuma discriminação sobre questão de gênero, né. Por ser feminina ou masculina. Eu vejo assim, que na minha área há sim uma certa desigualdade, mas na questão mais financeira do que... pelo menos eu nunca sofri isso, né. Mas eu já ouvi, agora eu lembrei, eu vi uma vez uma

menina que ela tava se formando em química, mas não licenciatura, bacharelado, e ela era uma menina pequenininha, assim, magrinha e alguém comentou: quem vai dar emprego pra essa pessoa tão pequenininha e tão magrinha? Aí eu olhei assim, tão feminina. E muito pelo contrário, ela conseguiu emprego aí numa empresa que tá sendo muito falada hoje em dia que é a JBS, né.

P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

EMQ6: Nossa, eu percebo assim que é uma continuação do que elas sempre foram, né. Inteligentíssimas, como a Marie Curie, que descobriu a radioatividade que por causa disso até morreu, né. A... deixa eu ver se eu lembro agora de outra cientista. A mulher do Einsten, Mileva? Então, matemática, né, que ajudou muito ele, tá, ele tinha as ideias, mas eu não sei como ele era de cálculos matemáticos, né, eu não conheci ele. Mas eu sei que ela teve um papel muito importante nas teorias dele.

P: Está bom. Muito obrigada.

EMQ6: De nada.

Entrevista: Educadora de Química 7 (EMQ7)

P: Você conhecia o Programa Escola sem Partido?
EMQ7: Já.
P: Já conhecia?
EMQ7: Sim.
P: Esse programa de alguma forma está presente aqui na cidade ou na escola onde você leciona?
EMQ7: Eu acredito que sim.
P: Por quê?
EMQ7: Porque dentro da escola você tem, querendo ou não, você tem as políticas públicas. Elas chegam e se impõe dentro da escola como política pública para a educação e faz parte da política pública educacional. Agora uma coisa que eu percebo também que está aí por trás não a política pública educacional, mas uma política governamental, que é diferente. É quase que uma imposição. Tem que ter um cartaz na sala de aula, dizendo qual é o dever do professor, mas cadê o cartaz que diz também qual é o dever do aluno, por exemplo? Eu exigi que tem um cartaz lá mostrando pro aluno, "oh, esse é o dever do professor", pode às vezes dar a entender pra este aluno não preparado que o professor, talvez um discurso que o professor faça ele não tem a maturidade suficiente pra perceber que aquele discurso do professor não está sendo um discurso de opinião dele, mas talvez seja ali, está iniciando. É muito difícil para um adulto, já é difícil para um adulto saber quando você está me dando opinião, por exemplo, e quando você está querendo provocar uma discussão. Então às vezes isso aí pode ser mal interpretado pelo aluno. Ele, ali no cartaz lá o professor foi comentar isso, ele tá colocando a posição dele. Às vezes não. Então a prática pedagógica em si, ela tem que ter essa dialética. Não tá pregado lá na parede e talvez até mal interpretado, com palavras extremamente complicadas, às vezes para um aluno que ele vai, é... ele vai distorcer, não, talvez o professor, sempre tem professor que distorce tudo, que faz isso. Vai lá, faz tudo ao contrário, dá a sua opinião, eu já vi vários colegas fazendo isto, de dar a sua opinião e querer que o aluno siga. Só que daí... Mas também tem professor que não age desta forma. Agora, destaca uma coisa imposta ali, isso é política governamental. Tá com o negócio imposto ali, você não pode isto e depois falar em liberdade de expressão? É muito estranho. É uma coisa muito impositiva pro meu gosto.
P: Então, seu posicionamento em relação ao programa? Em relação ao Escola sem Partido?
EMQ7: Eu sou contra esse negócio de pregar cartaz em parede dizendo qual é... Eu sou a favor de você levantar argumentos. Nós temos hoje, hoje, o que tá sendo formado hoje, é uma geração que não é a geração problema, mas é a geração pra resolver problema. É a geração que vai pegar um problema pronto, que veio de lá de cima ou veio de baixo, veio de algum lugar, e tentar resolver sozinho. É esta geração, que chega imposto tanto para essa geração quanto para a que veio antes, o professor, talvez os pais, já veio antes. "Você tem que seguir esse modelo aqui padrão". Dar a informação, fazer com que o aluno seja crítico, ele analise, não é simplesmente você colocar um cartaz na parede. Você pôr um cartaz ali e dizer pra ele: "Aqui, aquele professor tá sendo contra, ele tá fazendo um negócio errado". E as vezes o professor fala uma coisa e ele

interpreta o que o professor está fazendo errado e aí já começa a confusão. É, geralmente quando vem essas coisas, vem com uma linguagem muito complicada. Eu ia dizer outra palavra, mas a palavra complicada não é bem esta não, ela vem com vários sentidos pra uma frase e ela pode ser interpretada de várias formas. Então, às vezes, por exemplo, vamos supor, se eu chego e coloco, eu quero começar uma discussão sobre um determinado assunto, eu chego e jogo aquilo. Nem sempre, se eu estou jogando aquele assunto, eu estou tendo uma posição partidária em relação a ele. Eu posso levantar um problema social, por exemplo, e esse problema social eu posso levantar, porque ele tá aí na cara de todo mundo, tá esbarrando na cara de todo mundo. Mas eu não estou dizendo que sou contra ou a favor, eu estou levantando. Na interpretação de um adolescente, inexperiente, sem leitura de mundo ainda, tá em formação, ele pode interpretar que eu estou... ele pode chegar em casa e falar: “A professora ou o professor disse isto”. Ele está se impondo. Pronto, eu estou esbarrando na lei. Então é melhor fazer, conscientizar ele de que ele talvez, ele tem que se mexer dentro desse sistema todo, em vez de ficar só aceitando, “Meus direitos, meus direitos”. Ele tem muito mais direito do que ele imagina. Só que esses direitos precisam ser melhor interpretados pra ele e não está sendo. E eu vejo isto como sendo algo que tá muito impositivo, tá muito, chegou assim. Tem que ser, prega lá na porta da sala e fala assim. Não sei, dá essa impressão: prega isso aqui e fala pro aluno, “Oh, observa se o seu professor não tá fazendo errado”. De certa forma, se ele estiver fazendo errado, ele vai ser punido. E esse mesmo aluno pode interpretar tudo aquilo na visão dele e achar que... entendeu a bagunça que vira? Não é melhor então trabalhar de uma outra maneira essa lei, que é uma coisa que muitos professores que realmente prezam pela ética já trabalho há muito tempo. Tendo esse zelo, esse cuidado no trato ali de falar. Seria só uma questão de pegar esses professores e conversar, formar professor para lidarem com esse tipo de situação, por exemplo. Não colocar um cartaz numa parede e deixar lá pregado, lá. Já tem, as paredes são tão sujas, porque eles não pintam as nossas paredes, eles não limpam as nossas paredes. E aí, já tanta poluição visual com sujeira e ainda mais um papel pregado, pra jogar na tua cara que você está ali sendo vigiado o tempo todo, né. Achei muito impositivo isso. Eu não gosto dessas coisas de papel pregado, assim. Eu acho demais. Prefiro conscientização, mobilização, palavras que vão mais à ação do que à simples presença de um papel que às vezes ninguém vai nem ler ou vai ler e não vai nem interpretar aquilo ou vai interpretar de forma errada. É, pode surgir um monte de problemas.

P: Okay. O que você entende por gênero?

EMQ7: Quando eu comecei... Tenho uma filha que a gente discute muito sobre gênero, porque eu acho ela muito inteligente assim, pra discutir essas coisas e eu sento com ela e a gente discute. E hoje fala assim: “Eu sou do sexo feminino, porém eu posso ter outro gênero”. Ela sempre lembra isso pra mim e eu acho que eu posso ter outro gênero, você pode ter, qualquer pessoa pode ter. Só que eu nasci com esse sexo feminino e o que as pessoas... Eu vou dizer como mãe. Quando você está esperando um filho e você sabe é menino ou menina, você já identifica isto. Isso não tem como você quebrar. Agora se vai dar liberdade pra ele escolher depois, eu não sei, mas para o pai e para a mãe de um modo geral é gostoso você falar eu tive uma filha, eu tive um filho.

Com 12,13, 14, 18 anos ele, não importa, mas esse momento tem que ser preservado, momento da família. Eu penso assim. O gênero é a escolha, mas o meu filho ele ainda não sabe, ele é um bebê e ele é meu filho, eu quis ter esta menina, é minha filha, minha menina. Eu me identifico com ela, ela se identifica comigo. Ela me olha e vê eu como mãe, como mulher, ela quer ser mulher ou não, mas isso aí é ela que vai decidir, não sou eu que vou decidir nenhuma coisa nem outra, mas enquanto ela está pequena, ela tá em formação, eu vou decidir por ela, porque eu que respondo por ela, eu que decido por ela, eu que... tudo, ela tá doente, se vai ao médico eu que tenho que tá junto, ela é menor de idade e tudo mais. Então vamos preservar o quê? Eu não sei. Eu acho que as pessoas estão misturando muito as coisas, elas estão confundindo demais. Eu não sou contra, eu tenho filhos adultos e se meu filho chegar pra mim e falar, eu já falei isso pra ele ou pra ela, os dois chegarem pra mim e falar: “Eu tô apaixonado por uma mulher, ou então, eu quero, a partir de agora eu vou ter outra identidade de gênero”. Eu já deixei isso bem claro, que eles têm total liberdade pro caminho que eles quiserem, mas eu curti quando eles eram uma menininha e um menininho. E eu acho que isso tem que ser respeitado. Agora as pessoas estão misturando demais as coisas. Eu acho que estão misturando demais, demais, demais, é, em torno assim, criando palavras e frases, exagerando e não estão lembrando disto. Que às vezes é uma coisa tão... E eu tenho certeza, se a pessoa, a primeira coisa, ficou grávida, uma mulher seja por inseminação, não importa, ela vai pensar: “É menino ou menina?”. Não é questão cultural, é uma questão fisiológica. Não é uma questão: “Ah, é cultura, que a cultura impõe”. Ninguém impôs isso, é natural. Será que as pessoas estão perdendo o foco do natural? Eu nasci mulher, entendeu? Agora se de repente, agora, amanhã você chegar aqui e eu quiser, “Ah, eu não quero mais, eu mudei meu gênero agora, eu sou um menino”. E daí? Qual é o problema? Eu quero ser menino, deixa eu ser menino. Mas eu acho que o começo ali, não sei porque querem mexer tanto, fuçar tanto pra... Existem outros problemas maiores. Por que as pessoas obesas sofrem tanto? Por que as pessoas, igual eu, baixinha, delicada, não pode dar aula de química em muitas escolas? Porque na área de exatas você não pode entrar, tem que ser homem. Por que que alguns alunos só respeitam aquele professor que fala alto, grita, faz escândalo na sala? Entendeu? Então a escola tem que se preocupar também com essas questões de gênero, mas acho que tá querendo aprofundar demais assim. Eu tenho a impressão que tá perdendo o foco em outras coisas.

P: E isso estaria relacionado de alguma forma a uma ideologia de gênero?

EMQ7: É. E deixa. Mas as pessoas tão... Não sei, tão achando as coisas muito assim, é, oito oitenta, entendeu? Tá muito assim e que está dentro da escola percebe. O aluno chega e diz, qualquer coisinha. Vamos fazer a fila pra cantar o hino e eu escutei uma fala dessa, as meninas ficam de um lado e os meninos ficam do outro, daí uma aluna disse: “Por que que tem que ter uma fila pra menino e menina?”. Por exemplo. Não é mais pra ter fila de menino e menina pra cantar o hino nacional, só que isso daí é uma ordem da escola. É um sistema que está estabelecido. Tem que ter a fila, senão vai ter fila pra tudo, vão formar uma fila pra negro, uma fila pra branco, uma fila pra alto, uma fila pra baixinho, uma fila pra... Você entendeu? Tem que ter uma certa ordem. E eu fiquei questionando isso, eu pensei, nossa, realmente de fato, quando ela

falou tive, até passou na minha cabeça: “Ela tá certa, vamos acabar com a fila”. Só que eles não se comportam pra poder acabar coma fila, eu preciso ter a fila, porque eu preciso ter uma ordem nesse local, porque é muito aluno, entendeu? Eu preciso ter uma organização e tá todo mundo preso ainda nessa organização. E essa organização é a que traz talvez o gasto menor de energia. E nós trabalhamos com gasto menor de energia na química, por exemplo. Pra quê que eu vou colocar um gasto grande de energia com uma coisa que talvez, não sei, não vou dizer que é desnecessária, mas talvez a energia gasta pra isso tá sendo muito maior do que a energia que deveria ser gasta realmente, na minha opinião. Muito exagero.

P: Como você definiria os papéis do homem e da mulher na sociedade?

EMQ7: Tá tudo errado, porque tá tudo errado mesmo. É, eu moro sozinha e cuido de dois filhos, porque eu me separei. Eu tomo conta da casa sozinha. Eu não vou dizer que eu sou pai e mãe, porque o pai deles é presente, sempre foi na vida deles. Só que eu sofro muita discriminação, com mulher. Muita, muita mesmo. E eu falo que tá errado, por quê? Porque eu pago o mesmo valor do imposto da minha casa, eu pago o mesmo valor, se eu compro um carro, é o mesmo valor que meu amigo comprou o carro também e ainda tem uma distância muito grande entre nós. Tanto em respeito como... É, eu faço dança, eu me apresento, tem pessoas que se aproximam de mim achando que vai ser fácil, mulher que dança é vulnerável demais ao olhar de muitos homens. As pessoas pensam dessa forma. Se eu coloco, imponho alguma coisa é sempre o outro que fala, eu vejo isso acontecer com muita frequência. Eu falei uma coisa, se o meu colega repetiu a mesma coisa, pela voz masculina dele, tem um peso maior e ele é sempre mais elogiado. Os homens sempre são mais elogiados nos locais de trabalho. Isso é muito triste. Eu acho que tá tudo errado. Eu acho que as pessoas têm que ser valorizadas pelo que elas são, não importa gênero, não importa sexo, não importa etnia, não importa nada. Tem que prosseguir. E ficar só discutindo em cima disso, às vezes eu percebo que fica uma discussão, discussão ali, discussão, discussão, não que eu seja contra, mas fica uma discussão e as pessoas estão deixando de fazer outras coisas, que deveriam abrir mais os olhos e prestar atenção. Eu me revolto com algumas coisas que eu vejo, porque eu não fico levantando bandeira aí, por exemplo. Não fico levantando bandeira, mas eu acho que a energia que eu tô gastando pra levantar essa bandeira, talvez deveria ser gasta com outros tipos de ação. Levantar só a bandeira não muda nada não. Não muda, porque eu já tentei e não mudou. Ficou na mesma, do mesmo jeito ficou, mudou nada. E eu continuo.

P: Na sua área de formação, você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas oportunidade e dificuldades?

EMQ7: Não, não acredito, não. Eu já fui barrada em escola aqui em no município por eu ser mulher. Currículo. É, aconteceu em duas escolas grandes aqui. Eu fui selecionada e a mulher disse quando eu entrei, ela falou: “É você?”. Na outra escola também. “A gente prefere um homem pra dar aula de química. A gente prefere, porque o meu núcleo de professores de ciências exatas são homens. Agora, se você fosse dar aula de inglês, artes, literatura, na educação infantil, eu contrataria você agora”, ele falou. Mas pra dar aula de exatas, ele disse assim: “Eu vou ser sincero, isso não funciona”, ele falou pra mim. “Mulher, não funciona”. E começou a falar que naquele escola não ia

funcionar, porque não sei o quê. Aí ele disse que eu não tinha perfil pra escola, porque eu era mulher. Agora se fosse outra área talvez ele pegaria. E eu virei pra ele e falei: “Me desculpe, mas é esta escola que não tem perfil pra mim”. Disse bem assim mesmo. “Essa escola que não tem perfil pra mim”. Eu jamais trabalharia numa escola dessa. Tá discriminando mulher, tá discriminando tudo. Falei: “O que mais vocês discriminam aqui? Os alunos daqui são tão assim?”. Ainda disse pra ele: “Eles estão precisando de um, eles estão precisando melhorar isso, porque tá mal”. E sai, fui embora.

P: Como você percebe a presença de mulheres nas carreiras científicas?

EMQ7: Agora está melhorando.

P: Em questão de quantidade?

EMQ7: Em questão de quantidade, dependendo da área. Na parte científica na educação tem, se eu não me engano, tem mais mulheres do que homens nos cursos de pós-graduação, desenvolvendo pesquisas. Mas eu acho que ainda na parte tecnológica mesmo, precisa, falta, falta muita mulher.

P: Tá certo, nós já terminamos.

ANEXOS

ANEXO A – Projeto de Lei Federal[13]

SENADO FEDERAL
PROJETO DE LEI DO SENADO
Nº 193, DE 2016

Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o "Programa Escola sem Partido".

O Congresso Nacional decreta:

Art.1º. Esta lei dispõe sobre a inclusão entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, do "Programa Escola sem Partido".

Art. 2º. A educação nacional atenderá aos seguintes princípios:

I - neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado;

II - pluralismo de ideias no ambiente acadêmico;

III - liberdade de aprender e de ensinar;

IV - liberdade de consciência e de crença;

V - reconhecimento da vulnerabilidade do educando como parte mais fraca na relação de aprendizado;

VI - educação e informação do estudante quanto aos direitos compreendidos em sua liberdade de consciência e de crença;

VII - direito dos pais a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções.

Parágrafo único. O Poder Público não se imiscuirá na opção sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer, precipitar ou direcionar o natural amadurecimento e desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva

[13] Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/sdleg-getter/documento?dm=3410752>. Acesso em: 03/12/2017.

identidade biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da teoria ou ideologia de gênero.

Art. 3º. As instituições de educação básica afixarão nas salas de aula e nas salas dos professores cartazes com o conteúdo previsto no anexo desta Lei, com, no mínimo, 90 centímetros de altura por 70 centímetros de largura, e fonte com tamanho compatível com as dimensões adotadas.

Parágrafo único. Nas instituições de educação infantil, os cartazes referidos no *caput* deste artigo serão afixados somente nas salas dos professores.

Art. 4º. As escolas confessionais e também as particulares cujas práticas educativas sejam orientadas por concepções, princípios e valores morais, religiosos ou ideológicos, deverão obter dos pais ou responsáveis pelos estudantes, no ato da matrícula, autorização expressa para a veiculação de conteúdos identificados com os referidos princípios, valores e concepções.

Parágrafo único. Para os fins do disposto no caput deste artigo, as escolas deverão apresentar e entregar aos pais ou responsáveis pelos estudantes material informativo que possibilite o pleno conhecimento dos temas ministrados e dos enfoques adotados.

Art. 5º. No exercício de suas funções, o professor:

I - não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias;

II - não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas;

III - não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas;

IV - ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, apresentará aos alunos, de forma justa, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito;

V - respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções;

VI - não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula.

Art. 6º. Os alunos matriculados no ensino fundamental e no ensino médio serão informados e educados sobre os direitos que decorrem da liberdade de consciência e de crença assegurada pela Constituição Federal, especialmente sobre o disposto no art. 5º desta Lei.

Art. 7º. Os professores, os estudantes e os pais ou responsáveis serão informados e educados sobre os limites éticos e jurídicos da atividade docente, especialmente no que tange aos princípios referidos no art. 1º desta Lei.

Art. 8º. O ministério e as secretarias de educação contarão com um canal de comunicação destinado ao recebimento de reclamações relacionadas ao descumprimento desta Lei, assegurado o anonimato.

Parágrafo único. As reclamações referidas no caput deste artigo deverão ser encaminhadas ao órgão do Ministério Público incumbido da defesa dos interesses da criança e do adolescente, sob pena de responsabilidade.

Art. 9º. O disposto nesta Lei aplica-se, no que couber:

I – às políticas e planos educacionais e aos conteúdos curriculares;

II - aos materiais didáticos e paradidáticos;

III - às avaliações para o ingresso no ensino superior;

IV - às provas de concurso para o ingresso na carreira docente;

V - às instituições de ensino superior, respeitado o disposto no art. 207 da Constituição Federal.

Art. 10. Esta Lei entra em vigor no prazo de sessenta dias, a partir da data de sua publicação.

4
J U S T I F I C A T I V A

O presente projeto de lei foi inspirado na luta do Movimento Escola Sem Partido.

É fato notório que professores e autores de materiais didáticos vêm se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes à determinadas correntes políticas e ideológicas para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral – especialmente moral sexual – incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis.

Diante dessa realidade – conhecida por experiência direta de todos os que passaram pelo sistema de ensino nos últimos 20 ou 30 anos –, entendemos que é necessário e urgente adotar medidas eficazes para prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas, e a usurpação do direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

Trata-se, afinal, de práticas ilícitas, violadoras de direitos e liberdades fundamentais dos estudantes e de seus pais ou responsáveis, como se passa a demonstrar:

1 - A liberdade de consciência – assegurada pelo art. 5º, VI, da Constituição Federal – compreende o direito do estudante a que o seu conhecimento da realidade não seja manipulado para fins políticos e ideológicos, pela ação dos seus professores;

2 - O caráter obrigatório do ensino não anula e não restringe a liberdade de consciência do indivíduo. Por isso, o fato de o estudante ser obrigado a assistir às aulas de um professor implica para esse profissional o dever de não utilizar sua disciplina como instrumento de cooptação político-partidária ou ideológica;

3 - Ora, é evidente que a liberdade de consciência dos estudantes restará violada se o professor puder se aproveitar de sua audiência cativa para promover em sala de aula suas próprias concepções políticas, ideológicas e morais;

4 - Liberdade de ensinar – assegurada pelo art. 206, II, da Constituição Federal – não se confunde com a liberdade de expressão. Não existe liberdade de expressão no exercício estrito da atividade docente, sob pena de ser anulada a liberdade de consciência e de crença dos estudantes, que formam, em sala de aula, uma audiência cativa;

5 - De forma análoga, não desfrutam os estudantes de liberdade de escolha em relação às obras didáticas e paradidáticas cuja leitura lhes é imposta por seus professores, o que justifica o disposto no art. 9º, II, do projeto de lei;

6 - Além disso, a doutrinação política e ideológica em sala de aula compromete gravemente a liberdade política do estudante, na medida em que visa a induzi-lo a fazer determinadas

escolhas políticas e ideológicas, que beneficiam, direta ou indiretamente as políticas, os movimentos, as organizações, os governos, os partidos e os candidatos que desfrutam da simpatia do professor;

7 - Sendo assim, não há dúvida de que os estudantes que se encontram em tal situação estão sendo manipulados e explorados politicamente, o que ofende o art. 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), segundo o qual "nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de exploração";

8 - Ao estigmatizar determinadas perspectivas políticas e ideológicas, a doutrinação cria as condições para o bullying político e ideológico que é praticado pelos próprios estudantes contra seus colegas. Em certos ambientes, um aluno que assuma publicamente uma militância ou postura que não seja a da corrente dominante corre sério risco de ser isolado, hostilizado e até agredido fisicamente pelos colegas. E isso se deve, principalmente, ao ambiente de sectarismo criado pela doutrinação;

9 - A doutrinação infringe, também, o disposto no art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que garante aos estudantes "o direito de ser respeitado por seus educadores". Com efeito, um professor que deseja transformar seus alunos em réplicas ideológicas de si mesmo evidentemente não os estará respeitando;

10 - A prática da doutrinação política e ideológica nas escolas configura, ademais, uma clara violação ao próprio regime democrático, na medida em que ela instrumentaliza o sistema público de ensino com o objetivo de desequilibrar o jogo político em favor de determinados competidores;

11 - Por outro lado, é inegável que, como entidades pertencentes à Administração Pública, as escolas públicas estão sujeitas ao princípio constitucional da impessoalidade, e isto significa, nas palavras de Celso Antonio Bandeira de Mello (Curso de Direito Administrativo, Malheiros, 15ª ed., p. 104), que "nem favoritismo nem perseguições são toleráveis. Simpatias ou animosidades pessoais, políticas ou ideológicas não podem interferir na atuação administrativa e muito menos interesses sectários, de facções ou grupos de qualquer espécie.";

12 - E não é só. O uso da máquina do Estado – que compreende o sistema de ensino – para a difusão das concepções políticas ou ideológicas de seus agentes é incompatível com o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado. Também, com o princípio republicano, com o princípio da isonomia (igualdade de todos perante a lei) e com o princípio do pluralismo político e de ideias, todos previstos, explícita ou implicitamente, na Constituição Federal;

13 - No que se refere à educação moral, referida no art. 2º, VII, do projeto de lei, a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, vigente no Brasil, estabelece em seu art. 12

que “os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”;

14 - Ora, se cabe aos pais decidir o que seus filhos devem aprender em matéria de moral, nem o governo, nem a escola, nem os professores têm o direito de usar a sala de aula para tratar de conteúdos morais que não tenham sido previamente aprovados pelos pais dos alunos;

15 - Finalmente, um Estado que se define como laico – e que, portanto, deve ser neutro em relação a todas as religiões – não pode usar o sistema de ensino para promover uma determinada moralidade, já que a moral é em regra inseparável da religião;

16. Permitir que o governo de turno ou seus agentes utilizem o sistema de ensino para promover uma determinada moralidade é dar-lhes o direito de vilipendiar e destruir, indiretamente, a crença religiosa dos estudantes, o que ofende os artigos 5º, VI, e 19, I, da Constituição Federal.

Ante o exposto, entendemos que a melhor forma de combater o abuso da liberdade de ensinar é informar os estudantes sobre o direito que eles têm de não ser doutrinados por seus professores, a fim de que eles mesmos possam exercer a defesa desse direito, já que, dentro das salas de aula, ninguém mais poderá fazer isso por eles.
Nesse sentido, o projeto que ora se apresenta está em perfeita sintonia com o art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que prescreve, entre as finalidades da educação, o preparo do educando para o exercício da cidadania. Afinal, o direito de ser informado sobre os próprios direitos é uma questão de estrita cidadania.

Note-se por fim, que o projeto não deixa de atender à especificidade das instituições confessionais e particulares cujas práticas educativas sejam orientadas por concepções, princípios e valores morais, às quais reconhece expressamente o direito de veicular e promover os princípios, valores e concepções que as definem, exigindo-se, apenas, a ciência e o consentimento expressos por parte dos pais ou responsáveis pelos estudantes.

Sala das Sessões, de de 2016.

Senador **MAGNO MALTA**

LEGISLAÇÃO CITADA

Constituição de 1988 - 1988/88
artigo 207
Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 - LEI DARCY RIBEIRO - -

7

9394/96

(À Comissão de Educação, Cultura e Esporte, em decisão terminativa)

ANEXO B – Material de apoio disponibilizado aos educadores antes da entrevista

B.1 – Folder: Pelo direito à igualdade de gênero na escola[14]

[14] Disponível em: <http://generoeeducacao.org.br/wp-content/uploads/2016/05/folder_direitoigualdadegeneroescola_semmarcas.pdf>. Acesso em: 03/12/2017.

Nos últimos anos, manifestações de intolerância religiosa, ódio e preconceito vêm crescendo em diversas escolas públicas brasileiras e marcaram o processo de construção de Planos de Educação nas várias regiões do país. Os Planos de Educação são leis que estabelecem metas para que o Brasil avance na melhoria do atendimento educacional nos próximos dez anos.

Essas manifestações de preconceito visam eliminar a possibilidade de que a igualdade de gênero, raça, de orientação sexual e de identidade de gênero, assegurada pela Constituição Federal, seja abordada nas escolas públicas do país.

Com base na desinformação, em ameaças a educadoras(es) e políticos(as) e no estímulo ao pânico moral, grupos religiosos fundamentalistas e seus aliados propagam absurdos como o de afirmarem que a igualdade entre mulheres e homens e o reconhecimento dos direitos da população LGBT constituem ataques às famílias brasileiras.

POR QUE A ESCOLA DEVE ABORDAR GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE?

Anualmente, milhões de crianças, adolescentes, jovens e adultos são excluídos das escolas públicas ou têm suas trajetórias educacionais comprometidas em decorrência das desigualdades, discriminações e violências presentes na sociedade e no ambiente escolar.

ESSA EXCLUSÃO ESCOLAR se relaciona com as questões de gênero, em especial, à problemática do sexismo, base da violência contra as mulheres, que em 2013 matou cerca de cinco mil mulheres e fez com que mais de 500 mil fossem estupradas ou sofressem tentativas de estupro (IPEA 2015); da desigualdade salarial persistente no país entre mulheres e homens, mesmo em uma realidade caracterizada pela maior escolaridade das mulheres; na limitada participação dos homens na divisão do trabalho doméstico e no cuidado com as crianças, gerando a dupla e a tripla jornada de trabalho para grande parte das mulheres.

ESSA EXCLUSÃO ESCOLAR se relaciona com o racismo, que está na base do genocídio da juventude negra, grande parte dele decorrente da violência policial contra jovens negros (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2016); na desvalorização das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em um currículo escolar que ainda privilegia a história branca europeia; no não reconhecimento dos direitos das mulheres negras, que diariamente sofrem diversas violências, entre elas, a da imposição de um modelo de beleza que privilegia a estética de determinadas mulheres brancas; nos ataques e discriminações sofridos pelas adeptas e adeptos de religiosidades afro-brasileiras por grupos religiosos fundamentalistas.

ESSA EXCLUSÃO ESCOLAR se relaciona também com a homo/lesbo/trans/bifobia que faz com que o Brasil seja o campeão mundial de assassinatos de pessoas travestis e transgêneros; da humilhação, do medo e da violência física e psicológica sofrida por adolescentes, jovens e adultos LGBT no ambiente escolar e das universidades e da discriminação sofrida pelas famílias homoafetivas.

Por isso e por muitas outras razões é indispensável promover a igualdade de gênero, raça, orientação sexual e identidade de gênero nas escolas públicas brasileiras. Abordá-la é um direito da população brasileira e condição para o fortalecimento de uma sociedade efetivamente democrática.

VOCÊ TEM DIREITO DE FAZER ESSE DEBATE NA ESCOLA!

O direito à educação para a igualdade de gênero, raça e orientação sexual e identidade de gênero tem base legal na Constituição Brasileira (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), nas Diretrizes Nacionais de Educação e Diversidade, nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (art. 16), elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação, e na Lei Maria da Penha (2006). Esse direito também está previsto nos tratados internacionais de direitos humanos com peso de lei dos quais o Brasil é signatário: a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino (1960), a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979), a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1968) e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), entre outros.

O próprio Plano Nacional de Educação (2014-2024), em seu artigo 2º, prevê a implementação de programas e políticas educacionais destinadas a combater "todas as formas de discriminação" existentes nas escolas, entre elas, as que se referem às desigualdades de gênero, de raça, de orientação sexual e de identidade de gênero. No mesmo artigo, o PNE prevê a promoção dos direitos humanos e da diversidade na educação brasileira.

Por isso, ninguém pode proibir esse debate na escola. Apostando na desinformação, na ignorância e no medo, grupos religiosos fundamentalistas e seus apoiadores têm divulgado irresponsavelmente em diversos municípios que as escolas "estão proibidas" de abordarem as questões de gênero.

Por ser o direito à educação para a igualdade de gênero, raça e orientação sexual e identidade de gênero um direito fundamental assegurado na Constituição e nos tratados internacionais de direitos humanos, ele não pode ser limitado por leis comuns e complementares aprovadas nos municípios e nos estados, como os planos de educação, muito menos por orientações de órgãos públicos.

Toda tentativa de limitar esse direito é, portanto, inconstitucional porque viola os princípios da igualdade de condições de acesso e permanência na escola, da não discriminação, da qualidade do ensino e da liberdade de aprender e ensinar com respeito à diversidade cultural, étnico-racial, sexual e de gênero da população brasileira. Denuncie qualquer tentativa de limitação a esses direitos constitucionais! Não fique calada! Não fique calado!

SER RELIGIOSA(O) NÃO É SER FUNDAMENTALISTA!

O fundamentalismo religioso é um fenômeno presente em diversas confissões religiosas. É quando um grupo de uma determinada religião compreende que somente ele detém a verdade sobre a vida e que por isso deve impô-la a toda a sociedade. Com base na leitura literal dos livros sagrados, os fundamentalistas se consideram estar acima da lei, colocando-se como guardiões de valores e princípios tradicionais da sociedade, sendo contrários às transformações da família, em especial, a maior igualdade entre mulheres e homens e ao reconhecimento dos direitos da população LGBT.

Para os fundamentalistas, a maior igualdade nas famílias, o respeito à diversidade sexual e o reconhecimento de outras religiosidades – como as afro-brasileiras – constituem uma ameaça à sociedade. Em diversos países, o fundamentalismo religioso tem estimulado violências, guerras, segregação e a fragilização da democracia, aliando-se a setores contrários à garantia dos direitos humanos de todas as pessoas, a exemplo do que ocorre atualmente no Brasil.

Em todo o mundo, muitas instituições religiosas e não religiosas têm se unido em defesa da laicidade nas instituições e políticas públicas e contra a ação desses grupos fundamentalistas, afirmando que eles propagam o ódio e o preconceito, negando o amor, a solidariedade e o respeito à vida. Ser religioso é diferente de ser fundamentalista!

A laicidade do Estado é um princípio que prevê que as instituições e políticas públicas não podem estar submissas a nenhuma das religiões. Nas sociedades democráticas, a laicidade é considerada condição fundamental para a garantia dos direitos humanos de todas as pessoas e, em especial, do direito humano à liberdade religiosa e o de não professar nenhuma religião.

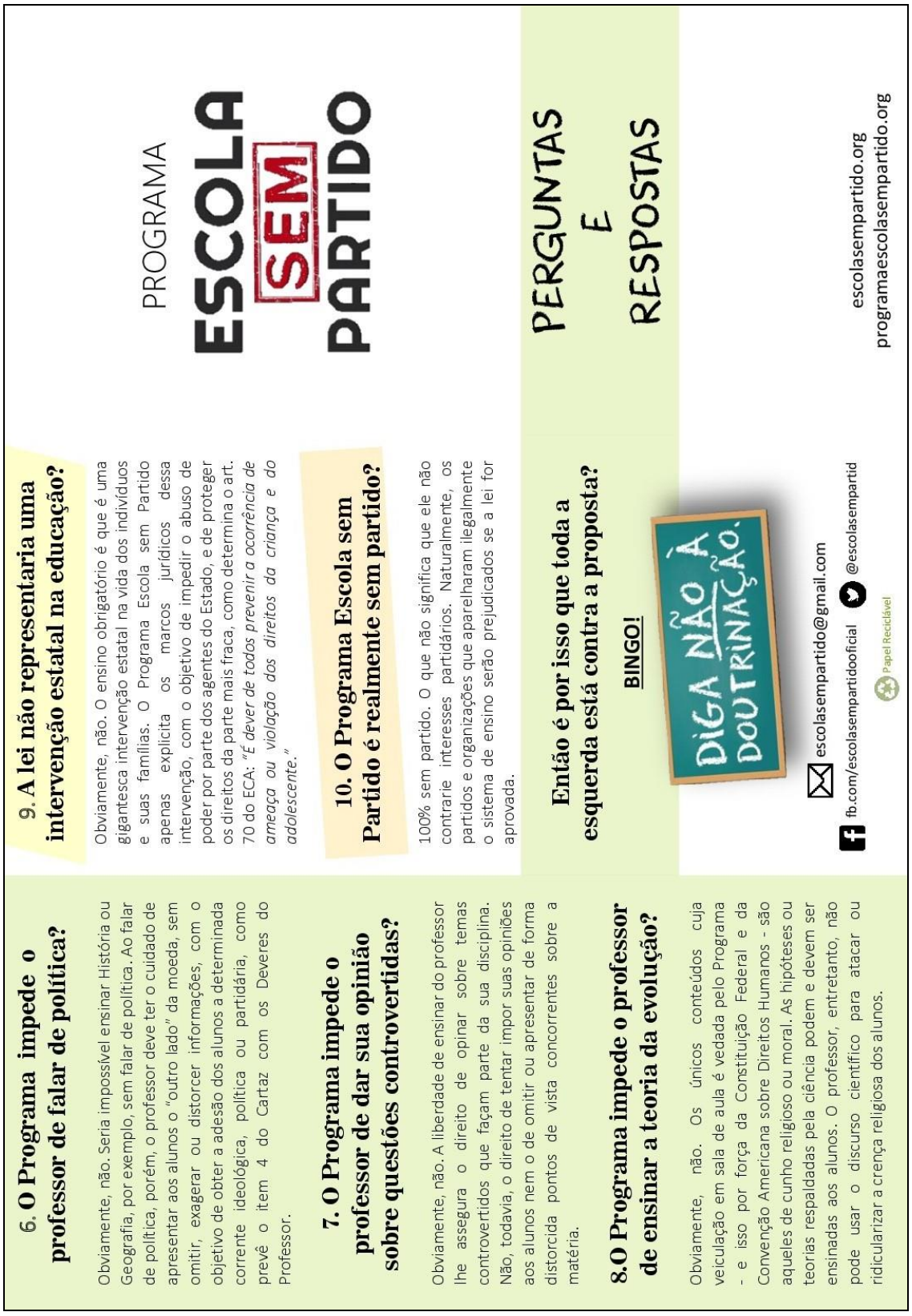
O QUE FAZER SE VOCÊ OU SUA ESCOLA FOR AMEAÇADA?

Registre imediatamente a denúncia por escrito junto à direção da escola, à Secretaria de Educação de seu município e estado e à delegacia de polícia mais próxima. Registre também a denúncia à Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) - http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/informacao-e-comunicacao/sala-de-atendimento-ao-cidadao. A PFDC é órgão do Ministério Público Federal responsável por apurar denúncias que afrontam os direitos individuais, coletivos e difusos previstos na Constituição Federal. Busque também a Defensoria Pública e o Ministério Público de seu estado, há ao menos um promotor ou promotora de justiça em cada Município. No site gênero e educação, você encontrará um modelo para apresentação de denúncias.

Identifique e converse com pessoas e grupos locais que possam ser aliados à causa, estejam elas e eles na escola, nas famílias ou na comunidade. Não fique isolada(o): compartilhe informações e some forças.

Junto com outras pessoas, divulgue a denúncia para organizações e movimentos da sociedade civil, em redes sociais e nos meios de comunicação.

B.2 – Folder: Programa Escola sem Partido[15]



6. O Programa impede o professor de falar de política?

Obviamente, não. Seria impossível ensinar História ou Geografia, por exemplo, sem falar de política. Ao falar de política, porém, o professor deve ter o cuidado de apresentar aos alunos o "outro lado" da moeda, sem omitir, exagerar ou distorcer informações, com o objetivo de obter a adesão dos alunos a determinada corrente ideológica, política ou partidária, como prevê o item 4 do Cartaz com os Deveres do Professor.

7. O Programa impede o professor de dar sua opinião sobre questões controvertidas?

Obviamente, não. A liberdade de ensinar do professor lhe assegura o direito de opinar sobre temas controvertidos que façam parte da sua disciplina. Não, todavia, o direito de tentar impor suas opiniões aos alunos nem o de omitir ou apresentar de forma distorcida pontos de vista concorrentes sobre a matéria.

8.O Programa impede o professor de ensinar a teoria da evolução?

Obviamente, não. Os únicos conteúdos cuja veiculação em sala de aula é vedada pelo Programa - e isso por força da Constituição Federal e da Convenção Americana sobre Direitos Humanos - são aqueles de cunho religioso ou moral. As hipóteses ou teorias respaldadas pela ciência podem e devem ser ensinadas aos alunos. O professor, entretanto, não pode usar o discurso científico para atacar ou ridicularizar a crença religiosa dos alunos.

9. A lei não representaria uma intervenção estatal na educação?

Obviamente, não. O ensino obrigatório é que é uma gigantesca intervenção estatal na vida dos indivíduos e suas famílias. O Programa Escola sem Partido apenas explicita os marcos jurídicos dessa intervenção, com o objetivo de impedir o abuso de poder por parte dos agentes do Estado, e de proteger os direitos da parte mais fraca, como determina o art. 70 do ECA: *"É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente."*

10. O Programa Escola sem Partido é realmente sem partido?

100% sem partido. O que não significa que ele não contrarie interesses partidários. Naturalmente, os partidos e organizações que aparelharam ilegalmente o sistema de ensino serão prejudicados se a lei for aprovada.

Então é por isso que toda a esquerda está contra a proposta?

BINGO!

escolasempartido@gmail.com

fb.com/escolasempartidooficial @escolasempartid

Papel Reciclável

PROGRAMA

ESCOLA SEM PARTIDO

PERGUNTAS E RESPOSTAS

escolasempartido.org
programaescolasempartido.org

[15] Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/images/flder.pdf>. Acesso em: 03/12/2017.

1. O que é o Programa Escola Sem Partido?

É uma proposta de lei ¬ federal, estadual e municipal– , que torna obrigatória a afixação, em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio, de um cartaz com o seguinte conteúdo:

DEVERES DO PROFESSOR

1 - O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias.

2 - O Professor não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.

3 - O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.

4 - Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito da matéria.

5 - O Professor respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

6 - O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula.

2. Esses deveres já não existem?

Sim, esses deveres já existem. Eles decorrem da Constituição Federal e da Convenção Americana sobre Direitos Humanos. Isto significa que os professores já são obrigados a respeitá-los, sob pena de ofender:

✓ a liberdade de consciência e de crença e a liberdade de aprender dos alunos (artigos 5º, VI e VIII; e 206, II, da CF);

✓ o princípio constitucional da neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado (artigos 1º, V; 5º, caput; 14, caput; 17, caput; 19, 34, VII, 'a', e 37, caput, da CF);

✓ o pluralismo de ideias (artigo 206, III, da CF); e

✓ o direito dos pais dos alunos sobre a educação religiosa e moral dos seus filhos (artigo 12, 4, da Convenção Americana sobre Direitos Humanos).

3. Se os deveres já existem, para que a lei?

Para informar o estudante sobre o direito que ele tem de não ser doutrinado e manipulado por seus professores. Uma vez informado, o estudante, que é a vítima da doutrinação, saberá se defender das condutas abusivas praticadas por seus professores militantes.
Conhecer os próprios direitos é uma questão de estrita cidadania.
Ao mesmo tempo, a presença do cartaz com os Deveres do Professor nas salas de aula servirá para explicitar aos sujeitos da relação de ensino-aprendizado os limites éticos e jurídicos da atividade docente.

4. Por que a lei é necessária?

Para coibir a doutrinação e a propaganda política e ideológica em sala de aula e a usurpação do direito dos pais dos alunos sobre a educação religiosa e moral dos seus filhos.
Essas práticas antiéticas e ilícitas encontram-se hoje disseminadas por todo o sistema de ensino. Segundo pesquisa do Instituto Sensus, mais da metade dos professores da educação básica reconhecem que o seu discurso em sala de aula é "politicamente engajado".
O uso político do sistema de ensino prejudica a educação e ameaça a democracia, já que desequilibra o jogo político em favor de um dos competidores.

5. A lei não criaria uma espécie de censura para o professor?

Obviamente, não. Censura consiste no cerceamento da liberdade de expressão. Acontece que o professor não desfruta dessa liberdade em sala de aula. Se desfrutasse, ele não seria obrigado – como é – a transmitir aos alunos o conteúdo da sua disciplina, pois quem exerce liberdade de expressão tem direito de dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto.
Além disso, se o professor pudesse usar suas aulas para dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto, a liberdade de consciência e de crença dos alunos – cuja a presença em sala de aula é obrigatória - seria letra morta. Nada poderia impedir um professor católico ou evangélico de usar suas aulas para catequizar os alunos; nem um professor marxista de tentar convencê-los de que a religião é o "ópio do povo". E é por isso que a Constituição não garante aos professores a liberdade de expressão, e sim a liberdade de ensinar.